



Cantos matutinos

Francisco Gomes de Amorim

PROPERTY OF
*University of
Michigan
Libraries*
1817



ARTES SCIENTIA VERITAS

Antonio

CANTOS MATUTINOS.



LA BIBLIOTECA DE VASI

Donny de Amorim

ANOS ANTELOS

1917

ANOS ANTELOS DE 1917

1917

ANOS ANTELOS DE 1917

1917

ANOS ANTELOS DE 1917

1917

1917



Compania de Vaso

Compania de Vaso

CANTOS MATUTINOS

POR

Francisco Gomes de Amorim

Socio correspondente da

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA.



LISBOA — TYPOGRAPHIA PROGRESSO

Rua da Cruz do Pau N. 15

—
1858

869.8
G6292ca

63 - 36 2139

AO VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT

FALLECIDO EM 9 DE DEZEMBRO DE 1834

O seu discipulo e amigo inconsolavel

Gomes de Amorim.

Eu tinha pouco mais de nove annos, quando algumas leis repressivas do trafico da escravatura preta encaminharam a especulação dos negreiros para o commercio dos escravos brancos. A Inglaterra usava da sua influencia sobre Portugal, e os traficantes não se tinham ainda lembrado de inspirar ás auctoridades da Africa portugueza o patriotico pensamento de se associarem com elles, para se vingarem da pressão exercida pelos inglezes sobre o seu *innocente* negocio.

Os negreiros correram pois para o continente do reino, e ilhas dos Açores, e dentro em pouco os mercados do Brasil abundavam novamente em carne humana, com grande vantagem para os consumidores, que podiam comprar escravos brancos mais baratos do que os pretos.

Os engajadores inundavam, como agora, as

provincias do norte do reino, agarrando gente por todos os meios possiveis, e não sei mesmo se por alguns impossiveis, porque eram elles homens para grandes difficuldades. Investiam com as proprias auctoridades ! e se não posso avançar que seduzissem alguma, indo-a vender aos brasileiros, como fizeram a um pobre rei africano, que foi meu remador, affirmo que os filhos dos regedores de aldeia, e ainda os dos administradores dos concelhos, eram os que de preferencia cubicava a caprichosa exploração dos agentes. A razão desta distincção era talvez com o intuito de escarnecer d'um poder, que não queria ou não podia coarctar este criminoso trafico. O certo é que ninguem escapava á sua influencia, e que por fim tambem eu fui victima delles, ainda que indirectamente, e por minha vontade.

A minha terra é uma linda aldeia chamada Avelomar, situada n'uma praia do Minho; pela sua situação e abundancia de população não podia ella deixar de ser um dos theatros de operações dos engajadores; e por se ligarem a esta circumstancia todos os acontecimentos da minha vida, permitta o leitor que eu ponha já em scena a minha humilde pessoa.

Nasci sem nenhuma circumstancia que possa dar relevo a uma biographia, e declaro que me criei como toda a gente, sem nenhum acontecimento notavel que, distinguindo os meus primeiros annos, me levasse mais tarde ao livro das *mi-*

fancias celebres. Eu não tinha agudezas, não era engraçado, e não aprendia coisa alguma. Os meus talentos limitavam-se a escolher cada dia um meio differente, que me livrasse de ir á escóla, porque n'ella me esperavam certas familiaridades d'um instrumento, cujo nome latino me havia inspirado profundo horror á erudição do meu mestre. O instrumento era a *ferula*; e o professor andava-me sempre com o olho em cima, porque, devo dizello ainda que me custe, eu desacreditava o seu methodo de ensino. Entrei aos cinco annos para a sua aula, e sahi quasi aos dez sem saber assignar o meu nome, ou soletrar duas palavras! Verdade é que tinha adquirido sobre os meus camaradas uma superioridade incontestavel, nos exercicios archeologicos de atirar á funda, apanhar passaros a laço, e, visto que é preciso confessar tudo, em achar pretextos plausiveis para não dar lição, cada vez que isso me competia.

A minha boa mãe era a unica pessoa que ainda não tinha perdido as esperanças de me vêr emendado; todos os mais, parentes, conhecidos ou mestres, me prophetisavam um futuro desastroso, declarando-me inutil para tudo. Um visinho muito rabujento, ao qual eu tinha derrubado uma parede para apanhar um ninho de pintasilgo, fez-me o tremendo prognostico de que eu ainda havia de acabar em malfeitor de estrada! Deus lhe perdôe, porque tinha excellentes uvas, e eu vingava-me n'ellas da maledicencia do proprietario.

As minhas occupações mais favoritas eram grandes correrias pelas praias do Minho, onde eu ia empoleirar-me nos rochedos mais elevados, a olhar para as ondas horas esquecidas, cada vez que via passar as azas brancas d'um navio a duzentas braças da costa. Fôra d'isto, vagabundeava pelos campos dias inteiros, contemplando as cristas azuladas das serras de Barroso e de S. Felix, sem me lembrar de almoço ou de jantar, e ainda menos dos cuidados dos meus parentes.

Estas distrações, em semelhante idade, não podiam deixar de dar nas vistas a toda a gente. Aconselharam a minha mãe que me *arrumasse*, fosse como fosse, porque eu tinha ares de lunático, além de ser um vadio que não queria aprender coisa alguma. Chegaram a assustal-a, apesar dos meus poucos annos; e um lavrador nosso parente offereceu-se para me corrigir, se quizessem entregar-me aos seus cuidados. À vista da minha rudeza, tiraram-me da escola, com grande satisfação do mestre, e a minha familia resolveu que eu seria agricultor. Apenas, porém, me haviam installado em casa d'aquelle que pretendia *fazer-me gente*, levei contra elle cinco tias, que bebião os ventos por mim, por causa de um puchão d'orelhas. Elle queixou-se a minha mãe, e eu fui chamado á barra; mas pedi uma sessão secreta, e n'ella a convenci de que elle me assassinaria infallivelmente, se me deixassem lá ficar. Não ha logica para as mães como as lagrimas dos filhos.

Fiquei em casa, mas foi por pouco tempo. Um cordeiro da Povia de Varzim comprometteu-se a mandar-me ensinar a ler e escrever correctamente, com a condição de que eu viveria em sua casa para vigiar o estabelecimento. Mas quando lá me apanhou, mandou-me virar á roda, do mesmo modo que se eu fôra um dos seus aprendizes. Estava arranjado comigo! Formei-lhe perante a minha santa mãe um capitulo muito mais odioso do que o do lavrador, e o affecto materno, commovido com a descripção dos horrores e maus tractos, que eu pintava com certa viveza de colorido, arrancou-me a este novo tyranno, reconduzindo-me triumphante ao lar domestico.

Foi então que os engajadores, espalhando noticias exaggeradas, ou falsas, ácerca das enormes riquezas do Brasil, e da facilidade com que ellas se obtinham, conseguiram desvairar um grande numero de rapazes da minha aldeia. Meu irmão Manuel foi uma das victimas, se não engajada, enganada pelos alliciadores. Para o acompanharmos ao *bota-fôra*, eu e a minha familia fizemos a jornada do Porto. Alli nos demorámos até quasi á saída do navio que devia conduzi-lo, e como eu ia a bordo todos os dias, os agentes procuravam seduzir-me para que fosse tambem para o Brasil, promettendo levar-me *quasi de graça*. Incitaram-me tanto, e tão saudoso eu me sentia do irmão, que era o meu braço direito nas brigas escolares, que por fim pedi a minha mãe que me dei-

xasse seguir o meu destino. Tinha havido já uma revolução domestica, para se consentir na partida de meu irmão, tão novo ainda; mas perante o meu pedido, todos pozeram as mãos na cabeça, e fizeram minha mãe responsavel, perante o ceu e a terra, pelas desgraças que de futuro me succedessem se ella condescendesse com similhante loucura. Com tudo, eu chorei tanto, e tão bem, que não houve remedio senão fechar os olhos a todos os sacrificios, lançar mão dos recursos extremos, e deixar-me sair pela barra fóra com dez annos incompletos.

Para fazer inteira justiça aos meus queridos e bondosos compatriotas, declaro que todos foram sensiveis á minha partida, perdoando-me, ou esquecendo generosamente as numerosas niemorias que eu deixei a quasi todos, nas arvores derreadas, nas paredes caídas, e nas seáras pisadas durante as minhas excursões de vagabundo. Quanto a minha mãe, nunca mais teve alegria, nem perdoou a si o haver-nos deixado partir, a mim e a meu irmão, para um paiz desconhecido.

Eu tambem chorei muito, com saudades d'ella, nos primeiros oito dias; mas a viagem foi-se tornando trabalhosa, e os perigos presentes desvaneceram quasi as maguas da ausencia. O amor de mãe não tem rival na terra, e foi por isso que a minha ficou inconsolavel, e que eu me fui habituando tão cedo a passar sem ella!

- Depois de uma viagem a que não faltaram a fome,

a sede, as calmas e as tormentas, chegámos a essa formosa terra de Santa Maria de Belém do Pará, que tinha de ser testemunha dos meus altos feitos, e de me deixar um dia eterna saudade

Apenas desembarcámos, formaram-n'os em turmas no caes da alfandega, para que os negociantes da cidade viessem escolher d'entre nós aquelle que mais lhes agradasse.

Eu estava alli, sem saber para que, no meio de uma multidão de gente de todas as côres, que se ria de mim e dos meus compatriotas, ao mesmo tempo que varios homens brancos, e vestidos quasi todos tambem de branco, gyravam em torno de nós. Os meus companheiros iam desaparecendo, mas a mim ninguem me queria. Um d'aquelles homens vestidos de branco andou muito tempo a mirar-me por todos os lados, chegou-se a mim duas vezes, levantou-me a cabeça, mandou-me fallar, e murmurou varias palavras das quaes eu percebi as ultimas, que foram as seguintes : « isto não presta ! » Outros olhavam-me com commiserção, e diziam : « É uma consciencia trazer creanças como aquella. » Um preto aproximou-se tambem, perguntou-me o meu nome n'uma lingua quasi barbara, e accrescentou depois : « se eu o queria servir ! » Outro, roto e descalço, carregou-me sobre os olhos o bonet que eu tinha na cabeça, com grande applauso de apupos dos seus patricios e amigos presentes. Um homem, depois de nos examinar a todos, disse duas palavras ao ca-

pitão do navio, que estava alli dirigindo o seu negocio, e intimou a meu irmão que o seguisse, sem lhe declarar para onde, nem em virtude de que direito o levava, e sem que o pasmo nos permitisse que nos despedissemos uns dos outros; de maneira que na mesma terra, n'uma cidade pequenissima, só depois de seis mezes é que eu tive noticias de meu irmão! e a maior parte dos meus patricios e companheiros de viagem nunca mais os tornei a vêr...

Achava-me quasi só, e sem perceber que estava n'um mercado de escravos brancos, e que era considerado *refugo* pelos entendedores! Por fim, do meio dos poucos homens de branco que alli se achavam ainda, sahio um, vestido de pardo, e acariciou-me, pondo-me a mão no rosto, e convidando-me a segui-o. Então rebentaram-me as lagrimas com violencia; até alli encarára feramente a desgraça que não via, mas que sentia. Do momento, porém, em que me chegou a vez de partir, como os outros, sem saber para onde, chorei. — Mas o meu patrão era um excellente e honrado homem. Chamava-se o sr. José Maria Fernandes, e inscrevo aqui o seu nome para sua satisfação. O digno commerciante vive ainda, apesar do rheumatismo que o maltracta; se estas linhas lhe chegarem á mão, peço-lhe que me perdôe a muita marmellada que lhe devorei, porque tambem eu lhe perdôo a prodigalidade com que elle me servia de palmatoadas, cada vez que o meu pundonor nacional

me fazia quebrar a cabeça do preto, ou preta, que insultava o meu paiz ou a minha pessoa.

Comecei de tal modo a minha aprendizagem de caixeiro, que no fim de um anno podia com rasão lisongear-me de ser o terror da maior parte da gente que frequentava o estabelecimento.

Não era pela minha força physica, nem pela minha figura, creio eu! O certo é que não sei d'onde me vinha audacia para tão grandes commettimentos; mas ainda que o insultador fosse um gigante, não ia sem correcção. As minhas armas eram os pesos da balança, os copos, as garrafas, e nos grandes apuros cortava as difficuldades saindo para a rua, e correndo o aggressor á pedrada. De dois resultados que isto podia ter, um era sempre infallivel, no caso de haver cabeça quebrada: ou eu comprava á força de agua-ardente o silencio da victima, ou a palmatoria se encarregava de me cortar os vóos de tão despropositado heroismo.

Finalmente, chegou um dia em que o meu patrão declarou positivamente, que já me não podia nem queria soffrer. Eu tinha atirado á cara d'um homem elegantissimo, que me dirigira um dito grosseiro, com quatro arrateis de manteiga de vacca. O desgraçado era creado, ou escravo, do presidente da provincia; andava sempre recendente de perfumes e vestido de roupa alvissima, trajo de que tinha grande presumpção e vaidade. Porque o não servi com a rapidez que exigia, e julgando-se offendido na sua qualidade de servo

do chefe do paiz, permittiu-se a liberdade de me dizer uma palavra, que eu entendi não dever deixar passar, e respondi, batendo-lhe ás mãos ambas com uma enorme colher de manteiga sobre o nariz.

Confesso que por muito tempo me ensoberbeci, e tive esta acção por uma das mais brilhantes do primeiro periodo da minha vida. Os cabellos, admiravelmente frisados, do meu adversario tornaram-se n'um estado lastimoso, e a cara ficou tão bem coberta que, a não ser a differença da materia, parecia que eu o queria modelar em cêra para lhe mandar fazer o busto. A victima pôde apenas tirar a manteiga dos olhos, ao tempo que eu, espantado da minha audacia, enterrava novamente a colher no barril para repetir a dóse, á primeira tentativa de ataque que elle fizesse. Porém não era essa a sua intenção; mal abriu um olho, partiu como um raio pela porta fóra, e foi mostrar-se ao meu patrão, que morava do outro lado da rua.

Em salisfação ao presidente e ao seu lacaio, apañei seis duzias de palmatoadas; porém visto que ellas não evitaram o perdermos o freguez, quiz o meu patrão desistir dos meus serviços como prejudiciaes, e fallou a todos os seus visinhos, a fim de ver se algum me queria para as suas lojas; mas a minha reputação tinha chegado longe. Responderam todos atterrados, que não queriam nem ver-me! e foi necessario procurar-me um estabelecimento no extremo opposto da cidade, onde

eu era ainda desconhecido, mas aonde dentro em pouco me tornei de uma tal popularidade, que dezoito annos são já passados sem que ella tenha desaparecido inteiramente !

Ao completar os meus doze annos, comecei a envergonhar-me de não saber ler, e appliquei-me voluntariamente, e com tanta dedicação, que aprendi em poucos mezes. O primeiro livro que me foi ás mãos, e que hade ter um dia em outra parte um capitulo especial, foi a *Historia de Carlos Magno*. Eu não lia só para mim, queria auditorio, e era bem pouco escrupuloso na escolha delle ! A quantos pretos, tapuyos, e mulatos apanhava, nos momentos em que meu patrão sahia de casa, lia a morte de Roldão, e elles desatavam n'um berreiro de choro, tão feio e temeroso que vexaria o proprio Adamastor.

O meu segundo livro foram os *Lusiadas* de Camões.

Não escrevo estes apontamentos para a posteridade me fazer a biographia ; faço-os para os leitores dos **Cantos Matutinos**. Do rapaz endiabrado e picaresco, que eu confesso ter sido, pode-se esperar tudo, menos um bom poeta. Aos que, depois de saberem os pontos capitaes de tão arrevesado começo de vida, não acharem toleraveis os meus versos, responderei : que os façam melhores ; lastimando que o censor não passasse pelas mesmas provas que eu passei.

No Pará era raro, n'aquelle tempo, o patrão que

* * *

permittia aos seus caixeiros o occuparem na leitura as horas vagas; mas o fructo prohibido aguça o appetite; a tyrannia inspira naturalmente o desejo da resistencia, e por isso era tambem raro o caixeiro que não se entregava com avidez a leituras clandestinas. E a isso talvez deve aquella cidade o grande numero de mancebos illustrados, que hoje dirigem o seu commercio. Entre elles é vulgar o conhecimento dos nossos melhores classicos, e tanto se tem desenvolvido nos ultimos doze annos o gosto do estudo, que o mais humilde caixeiro de taberna não ignora nenhuma das modernas publicações portuguezas.

Brigando com a má vontade e opposição que encontraram por vezes as minhas tentativas estudiosas, decorei em poucos mezes todas as estancias dos *Lusiadas*, e foram ellas as primeiras lições que eu tive de poesia e de historia. A brutalidade de alguns patrões, e o meu indocil character, que repellia a servidão, fizeram-me tomar odio eterno á vida de caixeiro.

Meu irmão, e um primo de quem eu era hospede, fizeram esforços desesperados para me domar. Depois de se convencerem que eu me não sujeitava ao commercio, perguntaram-me se queria seguir outra qualquer carreira; se me sentia com vocação para artista, militar, padre, medico, ou advogado; deram-me a escolher todas as profissões, compromettendo-se a mandarem educar-me convenientemente; porém eu não me decidi por ne-

nhuma. E uma vez que me apoquentaram mais do que de ordinario, á cerca do meu destino, respondi ao acaso — que me fizessem calafate !

Meu irmão, que, apesar de toda a sua gravidade e bom senso, tinha apenas mais anno e meio do que eu, achou-me muita graça ; porém meu primo — que era homem serio e que estava cansado das minhas extravagancias, (segundo elle dizia), avançou a mão para me agarrar uma orelha, que eu tive a prudencia de pôr fóra do seu alcance — fugindo de casa.

As grandes florestas estavam perto ; havia muito tempo que eu aspirava com delicias o perfume que me trazia dos sertões a brisa nocturna. A causa da minha repugnancia a todas as occupações era o desejo e a curiosidade, que me mordiam noite e dia, de correr para essas eternas solidões que me chamavam de longe. Sentia-me como atacado de nostalgia das selvas, que eram a patria do meu pensamento.

Um dia de madrugada, tendo-me despedido sómente do meu sempre bom irmão, embarquei n'uma canôa que se destinava ao fabrico de gomma elastica, e parti para o rio Xingú. Logo que me vi no meio das florestas virgens conheci que tinha achado o meu reino, o paiz da fantazia. Habituei-me á presença quotidiana da onça, do tigre, e do tamandú ; ás mil variedades de serpentes, aos jacarés, aos gentios de todas as raças, e á sua existencia, costumes, e festins barbaros. Pare-

ceu-me que a vida errante da tribu fôra de proposito creada para a minha organização; dentro em pouco tempo, a côr da minha pelle era igual á dos tapuyos. Deixei a espingarda pela frecha; a lingua portugueza pelo dialecto gutural dos jurunas, ou pela lingua dos tupis; preferi, emfim, o selvagem ao homem civilisado, e comecei a vagamundear pelos bosques, como o tinha feito nas campinas do Minho.

Não sei se tive rasão; mas o certo é que seguia mau caminho para auxiliar e desenvolver a primeira tentativa que fizera na leitura.

Tornei a perder os livros de vista, e ainda com menos saudade do que no momento de embarcar para o Brazil, e talvez que tambem com menos vontade de me volver a elles. É verdade que o germen tinha ficado de algum modo enredado no meu cerebro. Eu sabia os *Lusiadas*, e não os deixava esquecer, repetindo mentalmente uma ou outra estancia, quando esperava, com a corda do arco retezada e a tacoára em punho, a passagem da anta, ou do veado.

Depois de vagar um anno pelas matas e cachoeiras do Xingú, subi o Amazonas, e fui completar o meu decimo terceiro anniversario na *villa de Alemquer*, situada em um braço do mesmo rio, entre os dois grandes lagos — Curumú; e Surubiú.

N'essa povoaçãozinha, de que não posso lembrar-me sem uma doce melancolia, encontrei um

dia, em casa d'uma familia indigena, e dentro de um cesto forrado com folhas de bananeira brava, quatro ou cinco livros velhos. Um destes era o poema *Camões*, de Almeida Garrett, edição do Rio de Janeiro.

Li-o, e a essa leitura, repetida muitas vezes depois, se devem não só os **Cantos Matutinos**, porém todos os meus modestos opusculos.

Aquelle poema transformou-me repentinamente, e sem eu saber como; principiei a vêr debaixo de outro aspecto os rios, os lagos, as florestas, e as montanhas. Pareceu-me que as flores derramavam maior perfume, e se vestiam de mais vivas côres; que o ceu e os astros brilhavam pela primeira vez aos meus olhos, e que toda a natureza tomava formas novas e sublimes. Julguei entender o canto das aves, o murmurio das aguas, e o gemer da brisa entre as assucenas bravas e as mimosas gigantes. As harmonias do verso vibravam na minha alma; ouvi dentro em mim outra voz que balbuciava, traduzindo as minhas sensações por meio de palavras cortadas, vagas, encoherentes, e inintelligiveis para o mundo, e que eu não sei como nem onde as aprendia! Cuidei-as inspiradas por Deus, e sei que me foram reveladas por essa elegia sublime do grande poeta, que já não vive!

Ousei dirigir uma carta a Almeida Garrett em que lhe contava com a mesma simplicidade e singeleza com que o faço agora, tudo o que deixo escripto; e concluia perguntando-lhe se o que eu

sentia então seriam indícios, que revelassem em mim a ave que pretende voar antes de lhe nascerem as azas. A carta gastou muito tempo em descer da beira dos Andes, e atravessar o Atlantico. Depois della partir, eu sorria-me da louca tentativa que fizera, e deixei de esperar uma resposta que já me parecia impossivel de obter. Mas no fim de dois annos e meio, a resposta chegou ás minhas mãos. Era uma consolação, um estímulo, um impulso.

Encontrei-a no Pará em 1844, tendo eu já desesseze annos. Divulguei a noticia, e toda agente quiz ver a carta de um poeta, que alli é e foi sempre adorado. Duvidou-se que fosse delle; mas entre os curiosos appareceu um, que reconheceu a letra. Era negociante honrado, e os incredulos não tiveram remedio senão curvarem-se diante da sua palavra. Já ninguem se ria das minhas passadas criancices; olhavam-me quasi com respeito; e os caixeiros que haviam sido meus contemporaneos estalavam com desejos de me proclamar poeta, visto que eu me correspondia com o que era para elles, e para mim, quasi um semi-Deus.

Resolvi então voltar a Portugal, com a firme vontade de vir para Lisboa estudar, e decidido a morrer na lucta, se tanto fosse preciso. No momento da minha partida, fui bastante temerario para consentir que se publicasse um soneto de despedida aos meus amigos, do qual aproveitei doze linhas para zurzir os invejosos. Era a pri-

meira vez que o meu nome ousava ir desaccommodar os typos, e Deus sabe se não teria sido melhor o deixal-os dormir sem me tornar jamais seu conhecido!

.....
 Ninguém, que tenha o habito de ler jornaes, pôde ignorar as minhas relações com o fallecido visconde de Almeida Garrett. Desde o momento em que nos encontrámos pela primeira vez, até áquelle em que o vi espirar-me nos braços, proferindo o meu nome, e dizendo-me estas derradeiras palavras: «já o não vejo!» devi-lhe sempre a maior afeição e os melhores conselhos que um filho pôde receber de seu pae. Foi elle o meu mestre; porém, apesar de todos se dizerem seus discipulos depois da sua morte, elle não deixou ninguem que o represente na terra. Segundo a expressão de Thiofilo Gauthier «cada poeta celebre leva consigo o seu segredo quando desce á sepultura.»

Não se espere pois, que os **Cantos Matutinos** façam lembrar os cantos inimitaveis da lyra que emudeceu ao despedir de si as *Folhas Cahidas*.

Mas se os meus humildes versos não pôdem provar claramente, que os seus me fizeram poeta, mostrarão ao menos que o discipulo se não esqueceu do mestre.

Lastimo que Deus me não dotasse de muito talento, para que sendo este livro mais duradouro, ficasse um verdadeiro monumento á memoria do cantor illustre.

E ainda assim, modesto como é, pôde ser que alguém estranhe o havel-o eu dedicado a um morto, n'um paiz em que os vivos recebem com tanto prazer, e pagam por altos preços, todo o incenso que lisongeie a sua vaidade. Porém nos cemiterios entra-se sem favor e sem licença; as portas abrem-se para todos, grandes ou pequenos, sem se lhes perguntar quem são, ou d'onde vem, e sem pôr em duvida o seu direito de entrada! Os que repousam lá dentro não tem inveja uns dos outros; não cubiçam os tumulos grandiosos, as cryptas soberbas onde habitam os seus visinhos da direita, nem escarnecem da pedra raza e sem inscripção, ou da cruz tosca de pau, que indica apenas a morada dos visinhos do lado esquerdo! Alli, vale tanto a corôa de modestas flores como a corôa de ouro.

Daqui proveio a minha escólha; e a minha mão, obedecia ao impulso do coração saudoso, quando deixou cahir o livro sobre uma sepultura.

Lisboa 13 de agosto de 1858.

LIVRO PRIMEIRO.

I

A MORTE DE GARRETT

Que me resta j'agora ?
. O que me resta
Sobre a terra dos vivos ? Um amigo,
Um amigo, n'este arido dezerto
Da vida, me fallece
Garrett — Causa.

I

Extincto é tudo já! — Silencio triste
Succede aos eccos dos maviosos cantos!
Oh! patria, que seu genio possuiste,
Paga-lhe agora com eternos prantos.

Eu vi-o lá no extremo do calvario,
À cruz dá redempção ir abraçar-se!...
Como a luz a expirar no sanctuario,
Eu vi o grande espirito apagar-se!

Vi-o despir o manto dos arminhos,
Arrancando da fronte as vivas flores;
E cingir a corôa dos espinhos,
Agradecendo a Deus tamanhas dores!

Vi-o grande nos dias de ventura,
Erguer-se como o genio da poesia!
Era grande na angustia e na amargura,
E foi grande nas horas da agonia!

Como se lhe voltára a mocidade
Mais e mais a meus olhos se animava!...
De continuo crescendo em magestade,
Um gigante a meus pés se alevantava!

Era a posteridade que se erguia
Desenhando-lhe o vulto no futuro;
Antes de vêr o corpo em cinza fria,
Quando o espirito a Deus voou seguro.

II

Vais partir, mestre? e o amigo
Não vês que deixas aqui?
Que sempre viveu contigo
Mas não vivirá sem ti?
Não ouves, mestre? Jesus!
Porque ficas silencioso?
Quando por ti clamo ancioso,
Ajoelhado ao pé da cruz?

Já me não vês? Já não sentes
Que te sustenho esta mão?
Escuta as preces ferventes
Que solta o meu coração.
Pois assim te perderei?!...
Morto! morto o meu amigo!
— Orfão — só tinha este abrigo...
Sem este mesmo fiquei!

Entre tanto, rosto enxuto,
Só eu me vejo chorar!
O mundo ri do tributo
Que não se atreve a pagar!
Adeus, mestre! adeus, adeus...
Ninguém me conhece agora,
Por isso minha alma chora,
Onde nem choram os teus!

Correi, lágrimas ardentes,
Despenhai-vos com fervor!
Sem medo aos indiferentes
Que não entendem a dor.
Podem lágrimas brotar
De um coração duro e rude;
Mas Deus negou a virtude
Aos que não sabem chorar. —

Oh! mestre! que *desenganos*,
E que mundo enganador!
Desde teus mais verdes annos
Sentiste o seu amargor!
Mas eu já mais te verei
Conduzir-me entre os escólhos?
Ai! n'esta terra de abrolhos
Que outro arrimo encontrarei?!

Sem protecções, esquecido
Minha esperança acabou;
Contigo havia nascido,
No teu sepulchro expirou.
Que me resta agora a mim?
Uma cruz no mundo erguida!
O que me resta da vida,
Senão desejar-lhe o fim?...

III

Cahiu Athlante! e o templo da memoria
Luz eterna vestiu,
Quando de pé no pedestal da historia
O gigante surgiu!

Lá, sustém outro mundo — um mundo immenso!
— O mundo do porvir! —
Que pasmado a seus pés fica suspenso
De nunca o vêr cahir!

CANTOS MATUTINOS.

Agora a patria que do somno acorda
O cerca de esquadões;
E o povo em torno a suspirar recorda
As immortaes canções!

Juntos vão confundir se nas fileiras
Do cortejo final.
Cobre-o com essas pompas derradeiras,
E chora, Portugal!

Gemem tresentos annos que passaram
Eternas convulsões;
Que só depois de seculos acharam
Um cantor de Camões!

IV

Folga genio sublimado,
Folga na etherea mansão,
Que já teu canto inspirado
Esmorece a ingratidão!
Choram todos!... não fingidos,
Antes vão arrependidos
Os que a inveja acabrunhou;
Extinguiu-se a luz brilhante,
E o vêr cahir o gigante
A todos desassombrou.

Mestre! mas eu que te amava,
Jámais te verei voltar?
E a musa que me inspirava
Quem hade agora animar?
Oh! meu verdadeiro amigo,
À campa descem contigo
As minhas aspirações!
Tu eras, grande poeta,
Tu eras o meu profeta,
Como o do Jau foi Camões.

E como o Jau sem conforto
Devo no mundo ficar,
Vendo do mestre que é morto
O sceptro despedaçar?
Longe do rei da harmonia
Acaso pôde a poesia
Em minha alma renascer?
Que outra voz ou que outra lyra
Onde a tua se partira
Ousará seu canto erguer?

Sem animo e sem vontade,
Já não tenho inspiração;
Geme comigo a saudade
N'esta ultima canção;
O meu derradeiro canto
Vai orvalhado do pranto

Que minha alma derramou;
Por ti amava a poesia,
O teu genio em mim vivia,
Mas contigo se ausentou.

De ti nasceu, de ti vinha
O fogo que me aqueceu;
Todo em ti origem tinha,
Contigo me falleceu.
Agora triste e gelado,
D'esse genio desherdado
Póde o discip'lo viver?
Não; recebe este holocausto :.
Onde o mestre cõe exausto
Vem o discip'lo morrer.

Eu vi-o lá no extremo do calvario
Á cruz da redempção ir abraçar-se!
Como a luz a espirar no sanctuario,
Eu vi o grande espirito apagar-se.

Não triumphas, oh, morte! se o feriste
Seus despojos mortaes tornaste santos;
E apoz teu grito rouco, feio, e triste,
Succede o ecco eterno dos seus cantos!...



H

MEDITAÇÃO

O mundo vive n'esse espaço immenso
Aonde Deus derrama a criação;
Com seus raios o sol tributa incenso
A quem lhe dera o orbe por mansão.

Seguem as turbas misterioso rumo,
Revolvem-se correndo sem parar!
Como a columna de ligeiro fumo
Que o vento arrasta nas regiões do ar.

E passam gerações a cento e cento,
Onde vão ellas? Quem o diz? Ninguém.
Como um golpe de luz no firmamento!
Se apaga a vida que brilhou tambem!

Desapparece rapida no espaço,
Conduzindo apoz si vivo fulgor;
Apenas no caminho deixa um traço
Da força omnipotente do Senhor!

A um poder occulto, immenso e forte
Cedem imperios, curvam-se nações;
E vão sem murmurar da vida á morte,
Do passado apagando as tradições.

Astros e flores, tudo inclina a fronte,
Cumprindo do Senhor as sabias leis.
Por todo o longo espaço do horizonte
Só Elle impera como Rei dos reis.

Vergando a face para o chão fecundo,
Onde a vida ressurge d'entre o pó,
Eu te adoro, oh! Senhor, oh Rei do mundo,
Porque em meu coração reinas tu só.

Renegando da vida desvairada,
Das grandezas da terra que sonhei.
Da minha mocidade esperdiçada
Choro as rosas, que louco desfolhei!

Mas ai! choro tambem pela esperança,
Que então vinha meus dias alegrar!
Pelos sonhos, e crenças, e a lembrança
Dos tempos que não tornam a voltar!

Oh! saudade! saudade eu a ti venho
Por vêr a Deus na eterna solidão!
E a Elle peço que me guie o lenho-
Das praias do naufragio á redempção.





AS DUAS ESTRELLAS

Ha no ceu duas estrellas,
Uma fixa, outra errante;
A primeira deslumbrante,
E a segunda sem alvor;
Esta gyra em torno àquella
Por sympathia atrahida,
E recebe a luz perdida
Da que tem maior fulgor.

Daquellas duas estrellas
Uma é tua e outra é minha;
O destino as encaminha,
Fazendo-as aproximar;
Deixa-as seguir seu mysterio
Sob o manto do futuro;
Se o teu affecto é seguro
Deus as mandará juntar.

IV

A LUIZA

Ai! Luiza, passaram os annos,
Mas deixaram-me viva saudade
Da querida e feliz mocidade,
Que ao teu lado contigo passei!
Tu não tinhas doze annos ainda;
Nem eu vinte! saudosa lembrança!...
Não te lembra? tu eras creança,
E por isso mil beijos te dei.

Não te lembra? Nas tardes de Maio
Quando atraz dos insectos corrias,
Ou travêssa meus passos seguias,
De teu pae devastando o jardim?
Que mudança fizeram os annos!
N'essa quadra que tanto voava,
Era eu que de ti me occultava,
Eras tu quem chamava por mim!

Mas cresceste... cresceste de modo
Que uma vez eu parei de repente,
Quando ia com beijo innocente
— Como sempre — teus labios cobrir!
E pasmei de te vêr esses olhos,
Com que sempre me tinhas olhado,
E senti o meu sangue abrasado
Pelo rosto incendiado a subir!

Como foi não o sei, mas o beijo
Expirou de vergonha e de medo,
Quando viu revelado o segredo
Do botão convertido na flor;
E cuidei que não eras a mesma,
Por te vêr tão gentil e crescida
Com os olhos mostrar-me outra vida,
Outro ceu de mais vívido alvor!

Ai! Luiza, de então em diante
Acabou para mim a ventura!
Nunca mais conheci a doçura
De chegar a teus labios os meus.
Com os annos passou a innocencia...
Hoje eu-côro e tu côras de pejo
Quando ás vezes, se acaso te vejo,
Os meus olhos procuram os teus!

Oh! se tu não mudáras a idade
Como ainda mil beijos te dera!
Mas passou a feliz primavera,
E a creança tornou-se mulher.
Que farias agora, Luiza,
Se esta bocca que é tão atrevida,
Recordando a ventura perdida,
Com saudades um beijo te der?

Que farás? ficas minha inimiga?
Poderás esquecer o passado,
E por causa de um beijo furtado
Fugirás de quem sempre te amou?
Então não; o passado adorando,
Outra vez a viver começemos;
Com a infancia nem tudo perdemos
Se o affecto de então nos ficou.

Ai! guardemos a doce memoria
D'esses dias de pura innocencia!
Eu bem sei que mudou a existencia,
Que a donzella respeita o pudor;
Mas se nós não mudâmos, Luiza,
O que importa do tempo a mudança?
Esses beijos que eu dei na creança
À mulher não promettem amor?

V

O JAU

Já curvada a fronte augusta,
E coberta a face adusta
De funerea palidez,
Camões á mingua expirára...
E a só voz que o confortára,
Nem fôra a de um portuguez!

Era a do escravo, que a sorte
Levou ao leito de morte
Do mais sublime cantor,
Para lhe dar como herança,
Não a luz d'uma esperança
Mas saudade, fome, e dor!...

Que lhe importa agora a vida?
Planta de longe trazida
Que ao transplantar-se murchou!
Sem a luz que tudo anima,
Sem o ar do patrio clima
Que na infancia respirou!

O seu amigo está morto:
E o captivo sem conforto,
É livre e não quer viver...
E chora o seu captiveiro,
Seu senhor, seu companheiro
Que já não torna a volver!

Só do Senhor tem saudade;
Que lhe importa a liberdade?
Pobre, escravo, era feliz!...
Mas agora sem abrigo,
Onde hade achar outro amigo
Tão longe do seu paiz?...

À margem do Tejo andando
Vai um sitio procurando
Presado de seu Senhor;
Logar fatal! mas querido,
Onde Camões tinha ouvido
Promessas de eterno amor.

Às turvas aguas do rio
Lançando um olhar sombrio,
O pobre Jau murmurou :
« Alli jaz sua ventura !
« Seu amor, sua tristura,
« Onde nasceu expirou....

Depois a voz se lhe inflamma :
« Terra d'íngratos ! — exclama —
« Que não sabe o que perdeu !
« Eu só, captivo, exilado, ,
« Entre os seus tenho chorado
« Pelo genio que morreu.

« Oh ! meu senhor, n'estas aguas
« Que augmentaram tuas maguas
« As minhas irão tambem ;
« Vou guardar o teu segredo....
« Soube-o eu, este arvoredo,
« *Ella*, Deus, e mais ninguém.

« O Tejo que alli suspira
« Por tua saudosa lyra,
« Do teu Jau dobra o chorar.
« Oh ! meu senhor.... meu amigo,
« Para não viver contigo,
« Tambem não quero ficar. »

Calára-se a voz plangente,
E arrebatada corrente
Ao mar o corpo levou ;
A sua alma, aos ceus voando,
Da terra que ia deixando
O corpo não confiou.

Não; que o pobre Jau sabia-
Como a terra onde morria
Géra ingratos corações!
E temeu a desventura
De ficar sem sepultura ..
Como ficára Camões.



VI

OREMOS

A MEUS IRMÃOS

I

Estes são os nossos campos,
Esta a terra onde nascemos;
E reunidos nos achamos...
Pelos que faltam oremos,
Junto ao pé da cruz vermelha
Que nosso pae nos deixou,
Onde a nossa mãe querida
Tantas vezes se prostrou,
A rogar a Deus por elle
Que nas ondas se afogou:
Oremos. Tudo é silencio,
Tudo inspira a oração;
Tudo aqui recorda os mortos,
Porque tudo é solidão.
Oremos— calada a noite
Infunde meditação.

II

Ajoelhae — o pensamento
No passado vae perder-se,
E da oração fugindo
Para Deus não quer erguer-se.
Vê além o sol da infancia
E busca n'elle aquecer-se !
— Deixae-o, que brevemente
Da mãe o rasto seguindo,
Quando não a achar na terra
Para os ceus irá subindo.
— Deixae-o, que nas palavras
Não consiste a oração ;
Tambem ora o pensamento
Em sua contemplação ;
Deixae-o voar, e oremos
Com a voz do coração.

III

Oh! campos de vivas flores,
Do Minho prados queridos,
Sempre cheios de verdura,
Alegres, sempre floridos !
O tempo da nossa infancia

Como aqui correu ditoso!
Como então, inda nas praias
Ferve o mar além ruidoso!
Como então, n'estes salgueiros,
Ao nascer e ao pôr do sol,
Resoam todos os dias
Os cantos do rouxinol!
Ai! d'esses tempos felizes
Quem saudades não teria?
Quem, depois de os ter gozado,
Quem aqui não volveria?

IV

Mas oh! que tudo é mudado;
É tudo engano o que vemos!
Só a terra é inda a mesma
Que nós então conhecemos.
O prado já muitas vezes,
Depois que nós o deixámos,
Se vestiu de novas flores,
Que pelas mesmas tomámos!
O cantor destes salgueiros
O mesmo não é também;
Da gente do nosso tempo
Não resta quasi ninguem!
Até mesmo está mudada
Nossa propria habitação!

Tudo aqui era alegria,
Esperança, animação;
Agora tudo é silencio,
Tudo é morna solidão.
O nosso lar apagou-se,
Ninguém mais aqui voltou;
Da casa todos se afastam
Depois que a dona morreu !

V

Que faremos nós agora
Desta saudosa morada,
Onde tudo são lembranças
Da nossa mãe adorada?
Converta-se n'um recinto
Sagrado por nosso amor,
Onde juntos poderemos
Orar a Deus com fervor.
— Oremos — que o pensamento
Já do mundo ao ceu volven,
E aos pés do throno Eterno
Já nossa mãe conheceu.
O amor daquelle santa
Por nós á terra baixou,
E no berço onde nascemos
De novo nos ajuntou.
— Sentiremos dentro em pouco

Da sorte novos espinhos,
Impellindo-nos de novo
Para diversos caminhos...
Oremos pois, e roguemos
A quem a vida nos deu,
Que, separados na terra,
Nos torne a juntar no ceu.



VII

SE EU A AMEI?

Fui felice e saggio anch'io.
Dove e quando dir non so ;
Steso é il velo dell'oblio
Sull'etade che passò.

L. Carrer.

Se eu a amei? Como esconder
Este vivo sentimento,
Que me ficou de a perder?
Meu anciado pensamento,
Noite e dia a vae seguindo
Por me dar maior tormento!

Se eu a amei? No coração
Diz-me que sim a saudade,
Se o orgulho diz que não.
E fui amado — é verdade ;
Mas paguei por alto preço
Esta innocente vaidade!

Não quero agora mentir;
Não quero dar o castigo
A quem só sabe fingir.
Eu vejo ainda o perigo,
E o coração com que a amava,
Tornou-se meu inimigo.

É mais della do que meu,
Vivendo da minha vida!
Mas coitado! enlouqueceu
Sentindo a viva ferida
Que lhe fez com mão traidora
Quem delle vive esquecida.

Amei—a, dizer que não
É dar virtude á mintira
Para negal-a á paixão;
Se a minha alma inda suspira,
É por saber que ventura
N'outra alma lhe fugira.

Se eu a amei? Pois não o diz
Este amor proprio fingido,
Que me fez tão infeliz?
Mesmo apezar de offendido,
Se ella voltasse de novo,
Achava-me arrependido.

Se eu a amei? Oh! se eu a amei!...
Pois estes olhos pisados
Não dizem quanto eu chorei?
Por seus olhos namorados
Não dizem que ainda choram,
Estes meus desconsolados?

Se eu a amei? Pois esta dor
Nos meus versos traduzida,
Não repete ainda—amor?
Pois esta queixa sentida
Não é a dor da saudade
Pela ventura perdida?

Se eu a amei? Com tal amor!...
Foi sonho de pouca dura...
Despertei achando a dôr,
No que tomei por ventura!
Sumiu-se a unica estrella.
Que no ceu cuidei segura.

•
Amei-a de mais, se amei!...
Segui-a sem conhecê-la,
Quando em meu caminho a achei
Foi grande a dôr de perdê-la,
Mas é maior o castigo
De nunca tornar a vê-la.

VIII

A MADRUGADA

NO RIO DAS AMAZONAS EM 1842

Sê bem vinda madrugada,
Que eu sympathiso contigo;
Parece que me conforta
O ver-te chorar comigo.

São eguaes nossos destinos,
Egual sorte nos domina;
Tu chegas sempre chorando,
Chorar sempre é minha sina.

Mas é doce o teu orvalho,
E o teu pranto vem do ceu;
E eu choro fel amargo,
Por que n'alma nasce o meu.

Da minha amada familia
Quem me dera ao lar volver!
E gozar no ceu da patria
O teu doce alvorecer!

Mas a estrella que me guia
Pelo espaço vaga errante;
Já nem resta uma esperança
Ao perdido viandante!

Neste mundo de desterro
O meu viver é penar:
De dia sem ter socego,
De noite sem repouso!

E nem quando nasce o dia
Se alegre meu coração;
Que as trevas aonde eu vivo
Nunca mais a luz verão.

Mas tu choras madrugada,
E eu sympathiso contigo;
Porque o meu pranto é mais doce
Quando alguém chora comigo.

IX

O DESTERRADO

NA FOZ DO RIO NEGRO EM 1842

Como são brancas as flores
Deste verde laranjal!
É doce a sua fragrancia,
Como a deste roseiral;
Mas tem mais suave aroma,
As rosas de Portugal.

O solo destas florestas
O brilhante e o oiro encerra;
São immensos estes rios,
Immensos o valle e a serra;
Porém não tem a belleza
Dos campos da minha terra.

Estes astros são mais bellos?
É mais bello o seu fulgor?
Mas luzem no ceu do exilio
Não lhes tenho igual amor.
Ai! astros da minha terra
Quem me dera o vosso alvor!

De amores embriagada
A rola suspira aqui;
Com estes vivos perfumes
Tudo ama, folga, e ri!
Mas oh! que tem mais encantos
A terra aonde eu nasci!

Lá era a lua mais linda,
Mais para os olhos as flores;
As noites da primavera
São alli mais para amores;
E nos bosques de salgueiros
Tambem ha meigos cantores.

Oh! não; não é bello o sítio
Do meu desterro infeliz
Onde tudo—a toda a hora—
Que sou proscripto me diz
Não; não ha terras formosas
Senão as do meu paiz!

X

VERSOS A UM AMIGO

Qualquer os fará mais bellos
Ninguém tam d'alma os faria.

Garrett.

Do frio inverno aos rigores
Succede amena estação;
O aroma das novas flores
Traz conforto ao coração.
Torna aos campos a belleza;
Sorri toda a natureza;
Brilha, pura, a luz dos ceus;
Parece que a primavera,
O universo regenera
Desde o homem até Deus.

Do mundo as vozes são hymnos
Agradecendo ao Senhor,
Que manda seus dons divinos
Às aves, á terra, á flor.
Tudo brilha, tudo cresce,
Tudo revive e floresce
Da primavera ao nascer;
Folga, pois, tambem com ella,
Que vem, cada vez mais bella,
Tua vida florescer.

No seu berço viste o dia,
Foi ella quem te creou;
Tua primeira alegria,
A primavera a inspirou.
Folga, pois, com a sua vinda!
Não a vez florida e linda
Cingindo celeste ven?
Pois assim vem por costume
Derramar o seu perfume
No anniversario teu.



XI

AS DUAS FRAGATAS

O sol no mar se abysmava,
E da noite o denso veu,
D'estrellas se recamava,
Estendendo-se no ceu.
O oceano socegado,
Da eterna luta cançado
Parecia agora dormir;
Nem uma briza gemia;
Só muito ao longe se ouvia
Triste a voz d'Alcyon carpir!

De repente o ceu toldou-se,
Rugiu ao longe o trovão;
Acordando o mar turbou-se
Revolto pelo tufão;
Brame, ferve, corre irado!

Se por Deus não fôr domado
Toda a terra inundará!
Só de ouvil-o as caravanas
Pelas praias Africanas
Erguiam tremendo — Allah! —

Já nem fulgura uma estrella!
Rápida a noite avançou.
Da negra côr da procella
O horisonte se forrou.
Das nuvens que vem rasgando,
Desce o raio no ar lançando
O seu fulgido clarão!
— Arriba! — Orça! — bradaram
Duas vozes que vibraram
Do meio do furacão.

Um clamor tremendo e forte
Que o mar não pode abafar:
Grito de angustia, de morte,
De quem vae a naufragar,
Dos dois navios partira,
Quando n'elles se sentira
Um contra o outro bater!
Passaram alguns instantes,
Sem que a voz dos commandantes,
Se fizesse obedecer.

Orça, timoneiro! — Arriba! —
Clamam os dois outra vez.
Corre a genta ao páu da giba
E os capitães ao convés;
Redobram de esforço e brios:
Cedem por fim os navios,
Começando a governar;
Um que virou pelo vento
Logo tomou barlavento,
E foram andando a par.

Nem uma falla trocaram
As duas tripulações;
Nem os nomes perguntaram
Dos navios e nações!
Nem uma á outra equipagem
Bradára o — Boa viagem! —
Que é uso dizer no mar;
Porém ambas se entendiam:
Eguaes manobras faziam
Para se não separar.

A manhan já vem rompendo,
Acalma-se o temporal;
Vão os dois sempre correndo
Com amura e vento egual;
E do dia á luz primeira,

*

De ambos os dois a trincheira
Mostra as bocas dos canhões;
De ambos os dois nas cobertas
As portinholas abertas,
Deixaram ver os murrões!

Eram fragatas de guerra,
Ambas da mesma nação;
Mas sendo d'uma só terra
Não têm igual pavilhão!...
Sobre a tolda, vigilantes,
Ambos os seus commandantes
Pegaram no porta-voz;
Como hesitando se olhavam...
A mesma lingua fallavam,
Tinham os mesmos avós!

— Oh! do navio! Atravessa!
D'onde vens? E aonde vaes? —
E tu? que fragata é essa?
Pertence aos nossos leaes?
— Venha um escalor á minha....
Viva o rei! — Viva a Rainha! —
Mette em cheio! — Deixa orçar! —
Atravessa a gavia e gata!
— Rende-te com a fragata,
Se não eu vou-te arrazar! —

— Iça flamula e bandeira!
Quer-me arrazar! vamos ver...
Fogo á bateria inteira!
Cheio mais! Deixa correr. —
Bradam na outra fragata!
— Caça a gata e sobre-gata!
Eu tambem responder sei;
Grande e gavia a sotavento!
Secco e gata a barlavento!
Fogo! fogo! viva o rei! —

— Bateria de bombordo!
Tudo prompto a repetir!
Ála os braços de estibordo!
Deixa a fragata seguir. —
Fogo! — Fogo! — ambos bradaram,
De novo se dispararam
Ao mesmo tempo os canhões;
Cincoenta ballas partiram;
Ao mesmo tempo caíram
As duas mastreações!

Entre o fumo que os esconde,
Cada vez com mais furor
A voz do canhão responde
Ao seu barbaro rancor!
As fragatas, já sem rumo,

Por entre as nuvens do fumo,
Vão emfim abalroar!
Arrazadas ambas ellas,
Sem leme, sem mastro e vellas,
Ambas quasi a naufragar!

Mas o combate não cessa!
Quando se cala o canhão,
Outra peleja começa
Peito a peito e mão por mão!
Como feras se espedaçam!
Ardendo em furia se abraçam,
Succumbem da mesma dôr!
E no oceano adormecido
Tomba primeiro o vencido,
E depois o vencedor!

Nas avarias abertas
Entra a golfadas o mar;
Sóbe a cima das cobertas,
A carnagem faz parar!
As fragatas enrascadas,
Vão como irmãs abraçadas
No mesmo leito dormir;
Dos seus odios esquecidas,
Se foram rivaes nas vidas,
Egual morte as vae unir.

Sobre as pôpas, vacillantes,
Se procuram conhecer,
Os altivos commandantes
Que acabam de combater.
— Irmão! — Irmão! — Commovidos,
Do passado arrependidos
Ambos ião exclamar;
Eis que os abysmos se abriram!
E quando depois se uniram
Só se via o ceu e o mar!



XII

O CREPUSCULO

Quando a hora do crepusculo
Amortece a luz ao dia,
E o ceu, o mar e a terra
Infundem melancolia;
Quando vóo o pensamento
Nas azas da fantasia :

N'essa hora de mysterio
Em que tudo tem doçura,
Em que a flor dá mais perfume,
E a saudade mais tristura;
Quando a vida é toda amores,
E o amor todo é ternura :

Não sentes então mais forte
Palpitar teu coração?
Não vês no ceu de teus sonhos
Perpassando uma visão,
Que te deixa confundidos
Desejo e recordação?

Vago ansear não te arrebatá?
Não sentes prazer e dôr?
Em tuas faces de neve
Não sentes mudar-se a côr,
Quando a voz de teus sentidos
Murmura sonhando — amor? —

Pois do que vês não confies,
Se desejas ser feliz:
Nem da hora, nem do sonho,
Nem da voz que — amor — te diz;
Porque depois de acordada
Ficarás mais infeliz.

N'essa hora mysteriosa
Todos, ai! todos sonhamos!
Vêmos no ceu a esperança,
Nossa no mundo a cuidamos;
Vae-se o crepusculo, e o sonho,
E nas trevas acordamos.

XIII

A UMA POETISA

I

Mandaste-me cantar quando eu chorava,
Sósinho e sem conforto,
À beira d'um sepulchro!
Oh! tu não sabes como é triste a vida
Para aquelle que vive no abandono!
Como as horas da noite correm lentas,
De sombrias imagens povoadas;
Como o silencio assusta!
Como n'um coração'ermo de affectos
Côa o pavor da morte,
Quando contempla a solidão que o gela!

II

Oh! tu não sabes como é triste o ermo!
Flor amimada nos vergeis formosos
Da beira do Mondego,
Nunca provaste da amargosa taça
Onde eu tenho bebido.
Doce orvalho dos ceus na tua fronte
As rosas da innocencia vivifica;
E do mundo as caricias extremosas
Te levarão do berço á sepultura.
Quando da bella haste em que nasceste
Pallida para a terra te inclinares,
O amor e a saudade,
Teu nome repetindo,
Farão chorar por ti o ceu e a terra.

III

Porém eu vago errante pelo mundo,
Sem norte conhecido;
Entre lavas e gelos me revolvo,
Sem que ao menos um ecco me responda,
Quando os hymnos d'angustia
As cordas de minh'alma despedaçam.
Oh! perdôa, gentil, mimosa virgem,
Meus acerbos queixumes!
As notas da tua voz harmoniosa
Minha dor mitigaram;

O acre de meus prantos adoçaste
Com tua sympathia;
E para ouvir as tuas harmonias
Calei os meus gemidos.

IV

Mas ai! a melodia de teus carmes
Não pode dar-me vida.
A minha solidão qual d'antes era,
Ou mais triste, ficou depois de ouvir-te.
Se volves a cantar... ai! não, não cantes...
É meiga a tua voz, doce o teu canto,
Mas o meu coração vive deserto
E servido te amara,
Se outra vez lhe fallasses de conforto.
Oh! não é de te amar que temo a culpa,
Nem os crimes de amor o ceu castiga;
É que se te eu amasse morrerias,
Porque a morte adivinha meus affectos
Para os assassinar inda no berço!

V

Foge ai! fuge de mim! não me lastimes;
Pode ser-te funesta a sympathia
Que minha dor te inspira.
Eu não sei o que fiz, e em que mereço
O destino fatal que me persegue;
Mas ai! dos que de mim se compadecem!

VI

Não sabes como vivo? Entre sepulchro.
Meu sombrio horisonte se limita;
Meus olhos torvos com terror se movem,
Tristes, embaciados,
De uma para outra sepultura;
E se no alvor das campas se desvairam
Em vão se volvem procurando a vida!

VII

Tudo em torno de mim respira morte,
Solidão e silencio!
Eu cuido às vezes não ser já do mundo,
Quando vejo passar tantos fantasmas
De sonhadas venturas!
Converte-se-me o corpo em fria pedra,
E sinto-me descer a pouco e pouco
Às entranhas da terra;
Ouço a lousa bater com surdo estrondo,
E agitar os vermes que se movem
Para vir devorar-me!...
Quando desperto desses pesadellos
E me vejo na terra solitario,
Quizera transformar em realidade
Essa visão da tumba,
Eilha de meus sentidos perturbados!

VIII

Adeus, pois; o meu canto são gemidos,
Ou dolorosos gritos de agonia...
Não os queiras ouvir; canta se podes
Teus hymnos d'esperança;
Mas não falles de gloria ao moribundo,
Que só a paz dos tumulos deseja.
Eu nasci para as dores,
Como as estrellas para o ceu nasceram,
E para o campo as flores. .



XIV

O MARINHEIRO

Para adormecer n'um rio,
Junto aos pés d'uma cidade,
Não foi feito o meu navio
Que zomba da tempestade.
Leva as ancoras! desferra!
Larga, larga, deixa a terra;
Iça longo e sem parar!
Fóra sobrés e cutelos!
Uma talha aos enderbelos!
Ancora toda a beijar!

Larga essas velas de prôa!
Gavia grande, todo o pano!
Meu navio é uma c'rôa
Sobre a fronte do oceano.
Eu sou rei, aqui domino!

A estrella do meu destino
Só no mar brilha feliz.
Quando sopra o vento forte,
Seguindo sempre meu norte,
Que me importa o meu paiz ?

Onde nasci?... não o digo,
Porque não o sei ao certo ;
Quando busquei um amigo
Achei o mundo deserto...
Só tive contentamento,
Quando ouvi a voz do vento
Nas gaviás a sibilar ;
Quando, sem medo ao perigo,
Tive as nuvens por abrigo,
Achei consolo em chorar...

E chorei ouvindo as pragas
Dos meus rudes companheiros ;
Mas tomei amor ás vagas
Na furia dos aguaceiros.
Se á rouca voz da tormenta,
Vinha a onda turbulenta
Quebrar dentro do convez,
Eu pasmando a contemplava ;
A vista me fascinava
O abysmo que tinha aos pés.

Cada vez que o mar bramia,
Solto o cabelo na fronte,
Os meus braços estendia
Para a curva do horisonte.
Sempre de pé na coberta,
Sobre a abobeda deserta
Adivinhava o tufão;
D'olhos no tope dos mastros,
Aprendi a ler nos astros
A vinda do furacão.

Assim fui homem, primeiro
Que de homem tivera a idade!
A escola do marinheiro,
É a voz da tempestade.
Oh! do leme, encontro! arriba! —
Folga a bujarrona, e giba
Olha as bolinas de ré!
Caça a draiwa e o traquete!
Ala velacho, e joanete,
Vá de longo! bate o pé.

Temos vento Les-Nord-Este,
Já vai o cabo dobrado.
Faz prôa de sudueste;
Aguenta o leme! cuidado, —
Passa talha na retranca.

Olha a escota ! volta franca !
Arria mais... de vagar...
Volta ! volta ! — sete e meia :
O vento não escaceia ;
Corre assim, que e bom andar.

Meu paiz é n'estes mares,
Meus campos estes banzeiros,
Este navio meus lares,
Minha familia os pampeiros !
Diz-me a voz do cataclismo,
Que dormirei n'este abysmo
Aos eccos do temporal ;
Envolvido n'estas vellas,
Como o anjo das procellas,
Ou como o genio do mal !

Com furia o mar se alevanta,
E ás nuvens cuspindo a vaga,
Pela tremenda garganta,
O laes das vergas alaga !
O espaço todo se abala,
Se o trovão rugindo estala
E o raio lança dos ceus :
Mas o navio não treme,
Que a minha mão vai no leme;
E sobre ella a mão de Deus.

Corre, meu fino velleiro,
Até que no ceu se apague
A estrella do marinheiro,
Depois que a onda te esmague;
Que venha, atravez do espaço,
Do senhor o occulto braço
Tuas pranchas deslocar;
Tu és da terra inimigo,
Por isso virás comigo
Dormir no fundo do mar.



XV.

ROSA COLHIDA

Oh flor, como eras formosa
No botão!
Como a fronte aos ceus erguias
Sem olhâres para o chão. .
Ai! triste flôr!
Agora colhida
Foi-se-te o verdor!
E a côr,
E a vida,
E o amor!

Qual foi a profana mão
Que te colheu?
E como o teu jardineiro
Adormeceu?

Elle que era tão cioso,
Da tua formosora,
Da tua virgindade,
Como se descuidou?

Ai! qual foi a bocca impura,
Que te bafejou
Depois de colhida,
E perdida,
Te deixou?

Oh! rainha dos jardins,
Mimo cobiçado
Por todos,
E por ninguem tocado!
Flór, de tentação
Tão defendida,
Como andas hoje
De mão em mão,
Rosa colhida?

Vês agora como o orgulho
Te enganava?
Não cuidavas,

Que a belleza se acabava.

Ail triste flor!

Agora colhida

Foi-se-te o verdor,

E a côr,

E a vida,

E o amor!



XVI

GARIBALDI

1848

Ahi sventura ! sventura ! sventura !

Già la terra è coperta d'acide :

Tutta è sangue la vasta pianura.

Manzoni.

I

Ai, desgraça ! desgraça ! desgraça !
Tudo em Roma são ruínas, estragos !
Jorra o sangue dos muros da praça,
Convertendo as campinas em lagos.

O francez e o romano abraçados
Brandem juntos o ferro homicida ;
Juntos cahem, dos peitos rasgados
Sentem juntos fugir-lhes a vida.

No combatê furioso e tremendo
Já de Roma os soldados falecem ;
Querem livres cahir combatendo
Porque ao menos c'o a patria adormecem.

Se o valor e o esforço bastára
Em defeza da patria e da vida ;
Nem a França os romanos domára,
Nem a Italia vivera opprimida.

Mas, ai Roma! o poder inimigo
Era immenso, infinito .. cedeste !
Os teus bravos cahiram contigo,
Um só vive — só um não perdeste !

Esse, martyr de heroica esperanza,
Abraçado da Italia á bandeira,
Não o percas jamais da lembrança,
N'elle vive tua luz derradeira.

Bem o vês, no fragor da batalha,
Já coberto de sangue e de gloria ;
Como pavido affronta a metralha,
Assustando o francez e a victoria!

Como um tigre de sangue sedento,
Se arremessa nas hostes da Gallia ;
N'ellas vinga com ferro cruento
Os aggravos de Roma e da Italia!

« Quero a morte ! matae-me ! » Clamava.
« Contra mim o arcabuz ou a lança !
« Por ser livre esta mão pelejava,
« Turba infame d'escravos, avança !

« Elles fogem ? Covardes ! . . . à morte !
« Minha Italia tu morres vingada.
« Vencedor ! este braço inda é forte,
« Esta mão sùstem inda uma espada ! »

Assim falla — e um largo terreiro
Nas oppostas fileiras abria ;
Pasmam todos do ousado guerreiro,
A seus golpes a terra tremia !

Mas cahiu ! como o roble gigante
Esmagando na queda os arbustos ;
Tal o viram, um terço assaltante
Esmagar sob os membros robustos !

Chora a Italia perdida a esperança
Roma chora acceitando o tyranno ;
Do caudilho se grava a lembrança,
Na memoria do povo romano !

E elle vive! N'um campo de mortos
Acha a vida por Deus conservada.
E seu pranto dos olhos absortos,
Se despenha no troço da espada.

Pouco a pouco do solo opprimido
Ergue a vista á captiva cidade;
E no peito abafando um gemido
Sua voz murmurou — liberdade? —

Como espectro da terra surgindo,
D'entre os mortos d'um pulo se alçava;
Novo esforço no peito sentindo,
Este adeus aos tyrannos vibrava:

II

Ficae, herdeiros de Nero,
Com vosso dominio atroz!
Sem liberdade não quero
A terra dos meus avós.
É vossa agora, tyrannos!
Se vivem n'ella romanos
Vergados á escravidão:
É raça vil de traidores,
Turba que acceita senhores
Porque não tem coração.

Os valentes soccumbiram,
Por isso Roma cedeu;
As nações pasmadas viram
Como a França nos venceu;
E nas paginas da historia
Se registrou a memoria
Da affronta que ella nos fez,
Mas a injuria foi vingada,
Porque Roma cahê banhada
N'um mar de sangue francez.

E tu, Vigario de Christo,
Tua mão longe que faz?
A lei de Deus é um mixto
De misericordia e de paz.
Dos apostolos a herança
Devia ser de esperança
Para a triste e oppressa grei;
Porque Deus sobre o Calvario
Ordenou ao seu Vigario,
Que pastor fosse e não rei.

Christo na cruz expirára
Para os homens libertar;
Hoje exanime a tiara
Deixa os livres esmagar!
Na historia tinhas o exemplo:

Do Cordeiro o sacro templo
Não póde o sangue aspergir;
E o desditoso soldado,
É martyr, não é culpado,
Que o deixaste soccumbir !

Para tanta crueldade
Que faltas fizemos nós?
Porque em pró da liberdade
Ousámos erguer a voz,
Pedes tu jugo estrangeiro !
Procuras o captivo
Do teu paiz e dos teus !
Oh ! mal haja quem deseja,
Ante a humildade da egreja,
Preferir um reino a Deus !

Mas escravos não ficámos,
Porque o ultimo cahiu !
Dez contra mil pelejámos,
E nenhum de nós fugiu !
Nenhum a fronte suprema
Curvou tambem ao diadema
Do apostolo feito rei ;
Cahem todos combatendo,
Porque te vaes esquecendo
Da lei de Deus e da grei.

Roma, coberta de luto
Recebe-te com desdem;
É pranto e sangue o tributo
Da nova Jerusalem!
Chora, cidade captiva,
Como outr'ora a mais altiva
Das cidades d'Israel!
Mas se a outra foi remida,
Tu não podes ser punida
Porque a Deus eras fiel.

E não durmas, desgraçada,
Que o somno da escravidão
Te deixará transformada,
Sem brios nem coração.
N'esse triste captiveiro
Farás teu povo guerreiro,
Se lhe fallares de mim;
Guarda a fé e a esperança:
Que se no bem ha mudança,
Todo o martyrio tem fim.

Eu, que não era teu filho,
E que por mãe te adoptei,
Volto ao mar — ao tombadilho
Que por teus muros deixei.
Meus irmãos deram-te as vidas;

Eu levo trinta feridas,
Todas no peito — bem vez !
De mim a morte fugia,
Porque as costas não volvia
Garibaldi o genevez.

Vivo fiquei ? Foi destino ;
Já sem arcabuz e espada
Me atirei, cego e sem tino,
Para as filas da avançada.
Peitos, craneos espedaço ;
Meus pulsos tornam-se d'aço,
Torna-se ferro esta mão !
Sobre mim chovem as ballas ;
Mas eu vou rompendo as alas,
De mortos cobrindo o chão !

Rebramem correndo as vagas
Do exercito aggressor ;
Contra mim lanças e adagas
Se arremeçam com furor ;
Em vão me ferem ! a vida,
Por mil golpes offendida,
Persiste no corpo meu !
Ante mim tudo cahia,
Tudo meu pulso abatia ;
De pé ficava só eu !

Tomba-me a carne a pedaços,
Des olhos foge-me a luz;
Porém erguidos os braços,
Como os braços de uma cruz,
Ferem, derribam, esmagam;
As minhas faces alagam
C'o sangue dos que prostrei!
Tudo pasma, foge, e corre,
Todo o que fica alli morre,
Eu mesmo de mim pasmei!

E não morri! mutilado,
Porém vivo, em mim ficou
O derradeiro soldado
Que Deus a Roma deixou.
Com que fim? Da providencia
A mysteriosa sciencia
Não é dado aos homens lêr.—
Porém, oh! Roma não durmas,
Que um dia com novas turmas
A teu lado me has de vêr.

Só vejo escravos na terra,
Só homens livres no mar;
Dos elementos a guerra
De novo irei affrontar.
Adeus, oh! restos sagrados

Dos meus valentes soldados!
Martyres da patria, adeus!
Venceram nossos destinos,
E os vossos assassinos
Folgam c'o as iras de Deus!

III

Assim disse, porém soluçava
Proferindo esse adeus derradeiro,
Vendo o sangue que a terra inundava
Derramado por ferro estrangeiro.

Era noite. — Seu grito de guerra
Solta ao ar, para Roma o envia,
Fere os eccos do valle e da serra,
Mas, captiva, a cidade dormia!

« Adeus pois! » murmurou, e occulto
Pelas sombras da noite se lança!
Vendo ao longe sumir o seu vulto
Chora Roma a perdida esperança.

Porém quando refervem os mares,
Parecendo ameaçar tempestade,
Uma voz que retumba nos ares
Vem ás praias bradar — liberdade! —

XVII

A VISÃO

Si tu n'es point l'enfant d'un vain délire,
Descends vers moi de ton brillant séjour !
Mon cœur t'attend, il t'appelle, il soupire,
Descends des cieux, descends, esprit d'amour !

P. Flaugergues.

Nas horas em que do ceu
O brilho do sol fugia;
Quando a terra se cobria
De pesado e escuro veu;
Quando em silencio profundo
Tudo em torno adormecia;
Em sonhos eu me perdia
Em procura de outro mundo,—
E então sómente a via.

Ai, como o tempo voava!
Quando a formosa visão,
Sahindo da cerração,
A meus olhos se mostrava!

Como rápidos instantes
As noites me pareciam,
Porque todas me fugiam
Como as horas dos amantes!
Oh! quem as vira voltar,
E nunca mais as perdera! ...
Ou quem as não conhecera,
Se tinham de se acabar!

O seu pallido semblante,
No ether puro dos ceus
Com saudade os olhos meus
Pecuram a cada instante.
Quando a noite não vê lua,
Cheio de contentamento,
Cuido eu vêr a imagem sua
Pairando no firmamento.
Illusão! — Oh! doce amada,
Se tens poder de voltar,
Vem de novo enfeitiçar
A minha alma enamorada.

Não vens? Não ouves o grito
Que te diz a muita dor,
De quem expia o amor,
Com saudades de proscripto?
Serias um sonho vão?

Porem eu vi-te de certo,
N'um ceu d'estrellas coberto,
Das noites na solidão...
De nuvens toda vestida,
Os meus olhos fascinavas;
Cuidei que ao ceu me levavas,
De lá te julguei descida.

Não vês que minha alma chora
Com saudades de te vêr?
Para mim volve a nascer,
De noite sê minha aurora.
Se fui eu que o ser te dei,
Se dos meus sonhos és filha,
Bella como eu te sonhei
De novo a meus olhos brilha.

Nem sonho, nem realidade!
Surda a terra, mudo o ceu,
Não respondem á saudade
Que devora o peito meu.



*

XVIII

AMANHÃ

Oh ! demain, c'est la grande chose !
De quoi demain sera-t-il fait ?
L'homme aujourd'hui sème la cause
Demain Dieu fait mûrir l'effet.

V. Hugo.

Se eu verei amanhã o novo dia
Raiando no horisonte;
E o sol apparecer sobre os pinheiros
Que povóam o monte?...

Se eu verei amanhã estas estrellas
Brilhar no firmamento?...
Se ouvirei o murmurio destas folhas
Batidas pelo vento?...

Se eu verei amanhã nascer a lua
De nuvens coroada?...
E se ouvirei o susurrar das aguas
Que descem da quebrada?...

Se ouvirei amanhã as avesinhas
Que hoje cantam amores?...
Se aspirarei o ar embalsamado
Destas vividas flores?...

Se eu virei amanhã á mesma hora
Gemer aqui sósinho,
Como a rola que sobre o ramo secco
Chora a perda do ninho?...

Ai! amanhã terão cahido as folhas,
E a rama dos pinheiros!...
Eu não verei o sol do novo dia
Passar sobre os oiteiros! . .

Âmanhã não verei a luz dos astros,
Nem o correr das aguas!...
Não ouvirei a doce voz das aves
Cantando suas maguas!...

Ai! amanhã não ouvirei a brisa
Murmurar-me aos ouvidos!...
Nem o perfume destas vivas flores
Gosarão meus sentidos!...

Âmanhã não verei no firmamento
A luz que me aquecia!
Nem pedirei á solidão da noite
Amorosa poesia!...

Amanhã é o dia do descanso
Da paz e do conforto!
Amanhã cabe no termo da viagem
O peregrino morto.



XIX

SONHOS

Tu vives de mim distante,
Mas pelo teu pensamento,
Uma lembrança do amante
Não apparece um momento?
O que fazes n'esta hora?
Eu sonho ver-te comigo;
Sonhas-me tambem contigo
Por entre as nevoas da aurora?

Ou dormem os teus sentidos,
Sem conhecer um desejo,
Em tua alma adormecidos,
E cobertos com teu pejo?
Pois eu sonhava acordado;
Comigo te via agora,
E receiava que a aurora
Te afastasse do meu lado.

Quebrou o dia o encanto
Desta noite bem fadada,
Que me tornou com seu manto
Uma illusão n'uma fada.
Todas as noites, querida,
Ella te rouba do leito;
E depois junto a meu peito,
Vem pousar-te adormecida.

Deixa-me furtar-te o beijo
Que sempre me tens negado;
Porém tu córas de pejo,
Não vês que é beijo sonhado?
—Expira ao nascer do dia
O fogo que me devora;
A tua imagem descóra
Como a nuvem fugidia.

Oh! sonhos de amor queridos,
Que passaes tão brevemente!
Quem podéra em meus sentidos
Prender-vos eternamente!
Como correm apressados
Os instantes desta vida,
Quando a tenho adormecida
N'estes sonhos encantados!

E tu não sonhas comigo,
Nem quando estás acordada?
Pois não sabes o castigo
Que é ter ventura sonhada!
Antes nunca haver sonhado,
Do que em sonhos ter ventura;
Para illusão que não dura,
Antes viver acordado.



XX

ADEUS I

Adeus!... tu dizes-me adeus!...
Pois assim queres deixar-me
Sem a luz dos olhos teus?
Porque fui eu confiar-me
D'essas pallidas estrellas
Que não podiam guiar-me?

Quando do teu rosto as vi
Em minha alma reflectindo,
Por estrellas as segui.
Mas tão cego as fui seguindo,
Que não via um só instante,
Que de mim iam fugindo!

Porque fugiram não sei;
Mas em trevas me deixaram
Quando por guia as tomei.
Se uma vez me allumiaram,
Quando mais as desejava,
Foi então que se apagaram!

Da luz que do céu não vem,
Seja de noite ou de dia,
Não se confie ninguém;
Pois quem della se confia,
Verá que mais se lhe apaga,
Quanto mais viva allumia.

Adeus! pois queres fugir
A quem a tudo fugira,
— Mesmo a Deus — por te seguir?
Abranda tamanha ira,
Se não quizeres que eu diga,
Que o teu amor foi mentira.

Mentires, tu! Isso não;
Quem mentiu foi meu desejo,
Que seguia uma illusão.
Escuta, não tenhas pejo,
Se o que eu tanto desejava
Na phantasia ainda vejo.

Eu queria o teu amor,
Da tua alma á virgindade
Colher eu sómente a flor ;
Ter eu só a liberdade,
De te amar eternamente
Como á minha divindade.

E perder-te agora assim?...
Mas se amor me não tiveste,
Ao menos tem dó de mim.
Sabes o mal que fizeste,
Antes deste desengano,
Com a esp'rança que me deste?

Oh! como tu és cruel!
Primeiro nectar divino,
E depois amargo fel!
Tens o coração ferino,
Mas eu de ti não me queixo,
Queixo-me do meu destino.

Adeus! pois queres dizer,
N'essa tua despedida,
Que me não tornas a ver?
Pois não vês que a minha vida
De te vêr se alimentava,
E agora fica perdida!

Adeus! pois assim te vais
Friamente repelindo:
— Adeus para nunca mais!
Pois assim me vais fugindo!
Mas que será da minha alma
Se ainda te for seguindo?

Ai! adeus, cruel, adeus!
Vê que me deixas perdido
Por causa dos olhos teus!
Mas não fico arrependido,
E tu serás castigada,
Se eu a Deus tenho offendido.



XXI

A UMA FLOR

Pobre flor! ¿A qué temprana
Deste al mundo tu sorriso?
Hoy te mece fresca brisa
Pero morirás mañana.

Zorrilla.

Em madrugada gentil
Surgiste;
Ao primeiro sol de abril
Sorriste.

Da primavera entre as flores
Viveste;
A luz do ceu por amores
Tiveste.

Quando o orvalho matutino
Passava,
Mel em teu calix divino
Deixava.

Porém o sol do verão
Crestou-te!
Do outono o furacão
Murchou-te !...

Assim é toda a belleza,
Fugidia!...
Capricho da natureza,
Flor d'um dia.



XXII

CORAÇÃO MORTO

Vês como este coração
Ainda por ti suspira? -
Pede ainda compaixão
Depois de tão esmagado
Pela tua ingratição!
Insensato! — Porque ousou
Quebrar a longa mudez,
Onde de ti se occultou,
Quando da ultima vez
A teus golpes escapou?
Conhecendo teu rancor,
Eu de ti o defendia,
Inspirei-lhe tanto medo
Que por fim, se te sentia,
Nem a bater se atrevia!

Porém um dia — uma hora,
Hora tremenda e fatal! —
A voz do anjo do mal,
Por tua bocca tentadora,
O silencio lhe partiu;
— Eu dormia e tu vellavas...
A teus perfidos suspiros
O louco se descobriu.
Correu de novo á tortura:
Com prazer o algoz beijava,
Cuidando ser de ternura
O tremor que o agitava!
E eu cego, eu, seduzido,
Tambem achava doçura
No fel que tinha bebido;
E já quasi arrependido,
Esgotava a taça impura!

Passou logo a embriaguez;
E eu vi cheio de pena
A hiena, tornada hiena,
Bebendo sangue outra vez.
Com a mão perfida e crua,
Em logar do amor d'outr'ora,
Atrofia e quebra agora
Uma vida que foi sua!
Sacia-te! ceva a ira;

Fere-o, que ainda respira,
Este coração cobarde...
Ainda por ti suspira!
Fere! corta o parasita
Do sonho dos seus amores;
Arranca a planta maldita
Do meio das outras flores.
Fere-o! ainda palpita!
Rasga tem esta ferida...
Mais fundo... assim...—Com a vida
O sangue se precipita!
Comprime-o com tua mão;
Agora bate mais forte...
A espaços pára... estremece
Nas ancias cruas da morte!

Folga e ri, mulher sem alma,
Tu foste quem o matou;
Quem com fria crueldade
O meu sêr espedaçou!
Não sabes como eu gosava,
Quando este que agora é morto
Vivia, soffria, amava?
Como elle amor me pedia
Para quem o assassinava!...
—Agora deves folgar;
Inerte, fria a materia

Já se não póde animar.
É morta a vivida chamma;
Apagada a luz etherea,
Não sente, não vê, não ama,
Não acha prazer ou dôr!..
—É de gelo o céu e a terra
Sem a existencia do amor. —

Vida, amor, fé, esperanza,
Tudo se foi, tudo é morto;
Já não pode haver conforto
Onde tudo é sem mudança.
Que queres de mim agora?
Dá-me o coração, se podes
Volvêl-o de novo á vida,
Como a luz á nova aurora.
Eu sei que renasce a flor,
Que deu á terra a semente;
Porque a terra tem calor
Para o arbusto innocente,
Que lhe deixara no seio
Os fructos do seu amor.
Porém coração que morre
Já não torna a reviver;
Da morte sentindo o frio
Não pode ao calor volver.

*

Matando-me o coração,
Tornaste-me indifferente
À piedade, à compaixão;
Ao affecto, à luz ardente
Da divina inspiração;
Ao prazer, á liberdade,
Ao amor da divindade,
Às injurias — ao perdão.
E queres que te eu perdôe?
Perdoar-te sem te amar!
Ao coração que te amava
Acabas de assassinar;
Com elle te perdoava;
Sem elle?... Deus te perdôe,
Que eu não posso perdoar.



XXIII

MELANCHOLIAS

(FRAGMENTO)

I

.....
Além — além os encantados sonhos
Da minha mocidade; as vagas sombras
De tudo quanto amei, tremulas passam!...
Oh! para sempre adeus horas felizes,
Negras nuvens cubriram esses astros
Que vi resplandecer no ceu da infancia.

II

É esta a patria de meus paes, é esta
Aquella terra que as canções primeiras
Da minha lyra partilhou constante,
Com o amor e adorações de um filho!
Mãe rival de outra mãe, sempre querida,
E depois de perdida em vão chorada....

III

Ail o primeiro goso da existencia
É um amor de mãe! — Por mão dos anjos
O envia Deus ao coração dos homens,
Para fechar as fundas cicatrizes
Que o odio gera e as paixões irritam!
Amor, amor de mãe! nem uma nuvem
Turva a pureza da tua doce origem!
Prazer celeste, filho da virtude,
Porque passas tão breve? Porque deixas
Ficar ao desamparo cá na terra
Quem com teu santo brilho acompanhavas?

IV

Nas apagadas cinzas de meu peito,
Já não pôde atear-se uma centelha
Do fogo extinto; mas nos olhos frios
Talvez haja uma lagrima esquecida
Pela aridez do mundo... eil-a rolando
Pelas cavadas faces do proscripto.
Uma lagrima só! e não pagava,
Chorando todo o resto de meus dias,
O amor da mãe que me roubou a morte!...

V

Pelo fundo do valle, entre as montanhas,
Ao clarão do crepusculo, se agitam

Pallidos, melancholicos phantasmas,
Imagens tristes de passados gosos...
E eu a seguil-os com os olhos d'alma,
Orphão de pae e mãe, orphão de tudo,
Estrangeiro aqui sou, e a mim pergunto
Se acaso a terra do meu berço é esta!...
Inertes massas de pesado gelo,
Vão o meu ermo coração cobrindo...

VI

Que me resta dos meus passados annos?
Descoradas visões, que andam vagando
Diante da memoria espavorida.
As flores de meus dias de innocencia,
Dispersas pelos ventos do infortunio,
Murchas cabiram em geladas campas!

VII

Se canto ainda, da existencia minha
O circulo fatal vejo estreitar-se;
Mas não sou como o cysne moribundo,
Que extincta quasi a voz murmura ainda,
Brandas, suave notas d'harmonia,
Onde só falta amor faltando a vida.
Canto com rouca voz hymnos de angustia;
Negro fel que do peito amargurado
Em ondas se derrama para os labios!

VIII

Ai! como a primavera de meus annos
Mudou sem transição para um inverno
Enevoado, sem ar, nem luz, nem vida!
Onde nem uma planta reverdece;
Onde a nenhuma flor o fructo vinga!
Onde o terreno aspero e deserto,
D'um sudario de neve se reveste...
E eu heide passar por estes ermos
Sem sentir o calor de um só affecto!...

-IX

Em vão o meu espirito se embebe
No fundo do passado, e alli procura,
D'esse mundo de sombras e saudades
Fazer que ressuscite uma esperança!
Em vão! atraz de mim tudo está morto;
E adiante — nas trevas do horisonte,
Só vejo a noite de um eterno somno!...

X

Esperança! esperança, luz celeste
Que vais no meio da maior procella
Dar alento ao perdido navegante;
Que passas pelo vicio, immaculada,
E no fundo das humidas masmorras,
Ou de abafados carcerees te não pejas

De acender o fanal da liberdade;
Só no meu coração raiar não queres!

XI

Nas almas dessa escoria corrompida,
Eterna brilhas, sem horror do sangue,
Que a victima innocente lhe deixára
Nas mãos impuras! O assassino, o impio,
Em seus damnados corações affagam
A doce imagem que de mim se affaste!

XII

Nos barbaros sertões, por ti, o escravo
Alegre vive, e as asperas fadigas
Do seu rude mister soffre, cantando.
No mar contigo e com a patria sonha,
Sem temor da tormenta, o marinheiro.
Arroja-se o soldado nas batalhas,
Entrelaçando as palmas da victoria
Nas sempre verdes flores da esperança.
E até na extrema hora o moribundo,
Desenganado já e os olhos torvos
Pelas sombras da morte anuveados,
Reune as forças para amar-te ainda!

XIII

Sou eu só miserrimo dos entes,

Que da febre da angustia devorado,
Não sentirei cair no arido peito
Uma só gota do teu doce orvalho!

XIV

Oh! como te eu amava em outro tempo,
E como a toda a hora me sorrias!
Mas então inda o calix da amargura
Meus labios não havia roxeado!
Agora que me vejo no abandono
É quando já não queres confortar-me!...

XV

Vem, ainda uma vez, meiga esperança,
Vem verter nas feridas de minh'alma
Teu balsamo divino; estrella pura,
No ceu do meu exilio a brilhar volve;
Sé precursora de uma nova aurora.

XVI

Esperança! esperança! Ai! desvario...
O que pôde esperar este cadaver
Galvanisado pelos tristes restos
D'uma infezada vida! Que esperança
Pôde suster o corpo que se curva
Já para o seio desse monstro informe,
Que depois de o gerar vae devoral-o?...

Esperança? E a luz que foge á vista?
E o ar corrompido que entra a custo
Nos pulmões defecados? E o meu sangue,
Que lhe falta o calor da mocidade?
Quem os hade mudar? E os meus affectos
Quem os fará erguer das sepulturas?

XVII

Ail para sempre adeus, minha esperança!...
Mas se ainda uma vez quizeres ver-me,
Não me falles do mundo aonde eu peno;
Vem fallar-me do ceu que é tua patria,
E lá minha alma voará contigo.



XXIV

QUINZE ANNOS !

Quinze annos! quando a vida
Vae florida
Desabrochar;
Eu, que não vivia ainda
Sinto-a finda
A vacillar!

Eu, que tive aos nove annos
Desenganos
Como ninguem;
Que pene aqui desterrado,
Separado
De minha mãe.

Eu já não tenho esperança!
Tão creança,
Já vivo só!
Já na dôr, sem ter segundo,
N'este mundo,
Não acho dó!

Já mil vezes n'estas plagas,
E nas vagas,
A morte vi!
Lutei com o mar e os ventos;
Os tormentos,
Todos venci!

Meu destino e minha esp'rança,
De creança,
Achei rivaes;
Como flor da haste pendida,
Combatida
Por vendavaes.

Confiei meu fado escuro
Ao ceu puro
Da solidão:
Mas o ar da terra estranha,
Na montanha
É um volcão.

Não tem o aroma dos prados
Matisados,
Do meu paiz!
Corre fogo destas fontes;
N'estes montes,
Não sou feliz.

Como heide eu ter alegria
Neste dia,
Longe dos meus?
Assim o quer minha estrella,
E por ella
O manda Deus.

Caminhar é meu destino;
Peregrino
Sempre serei;
Sempre em triste soledade
Com saudade
Suspirarei.

Poeta, sempre na lyra
Me suspira
Um sonho vão;
Um fantasma que eu só vejo,
Um desejo,
Uma illusão!

Pelos ares vóa e corre;
Nunca morre...
Ou vae ou vem
Pelo cimo dos palmares;
E nos mares
Vaga tambem.

Foge oh! sol da phantasia
Da poesia,
E seu condão!
Essa chamma abraza e mata,
Se dilata
O seu clarão.

Quinze annos! Cesse o canto;
Doce pranto
Aos olhos vem;
Ao lembrar-me o patrio ninho,
E o carinho
De minha mãe.

Ao lembrar-me do passado
Desvendado;
E do porvir,
Incerta, vagã esperanza,
Que não cança
De me mentir.

XXV

A MORTE DO CONDE DAS ANTAS

Dos olhos dos valentes do Mindello
Corre o pranto esallado !
Guerreiros não córeis : o pranto é bello
Nas faces de um soldado.
Mendes Leal.

Silencio!... já no cimo das muralhas
Adormece o canhão;
Dorme com elle o genio das batalhas,
O grande capitão.

Sobre mil faces pelo sol crestadas
Saudoso pranto cãe.
A sombra das bandeiras enclinadas,
Caçadores, choraê!

Choraê o general na despedida,
Porque vae lá ficar.
Desta vez a batalha está perdida,
Não o vereis voltar.

Chorae-o pela morte subjugado,
Que em vida livre foi;
Tinha no rude peito do soldado
A alma de um heroe.

Caçadores, sentido! Joelho em terra!
Armas em funeral!
Orai a Deus por elle.—É finda a guerra:—
Passae, meu general.

Vós que fostes com elle tantas vezes
De inimigos terror;
Chorae agora, bravos portuguezes,
O bravo caçador.

Jaz partida no chão a forte espada
Junto do mausoleu;
E a liberdade aos restos abraçada
Chora o filho seu.

O nome do guerreiro é já da historia,
Se o homem acabou;
E é pouco um tumulo p'ra conter a gloria
Que na vida ganhou.

Cobre a campa o estandarte das victorias
Envolto em negro dô.
Testimunha que foi de tantas glorias,
Agora varre o pó!...

Mas, silencio!... no cimo das muralhas
Adormece o canhão;
Dorme com elle o genio das batalhas
O grande capitão.



XXVI

DESTINO

Fallou-te a voz da minha alma.

A tua não n'a entendeu :

Coração não tens no peito

Ou é diff'rente do meu.

Garrett.

Não, tu não tens coração...

Os teus olhos mentirosos

Não entendem a paixão.

Que importa serem formosos,

Se a outros olhos que choram

Não dizem consolação?

Quando de mim te fallou

A minha alma apaixonada,

Muda tua alma ficou !

Mas a minha fascinada,

Não podendo já fugir-te

Nos teus olhos se abraçou.

*

Oh! se a souberas sentir!...
Em seus affectos quizeras
Todo o teu ser confundir.
Logo á paixão entenderas:
E nunca mais nossas almas
Desejáras desunir.

Por que foges do prazer?
Sem amor não ha ventura,
Nem sem ventura ha viver.
Tu não sabes a doçura
D'um volver de meigos olhos
A quem os sabe entender...

Para que é tanto rigor?
Pois não te move á piedade
A minha continua dôr?
Do meu destino a maldade
Acaso já te diria,
Que ninguem me tem amor?

Já saberás, por meu mal,
Na minha fronte já leste
Que o meu destino é fatal?
Como foi que a conheceste,
A minha sina maldita,
Que não tem no mundo egual?

Sim; é verdade, sou eu...
Fui eu que baixei á terra
Condennado pelo ceu!
O fogo que esta alma encerra,
Que de meu ser se alimenta,
Nunca ninguem o entendeu.

Sim; é meu destino amar;
Amar em vão, cegamente,
Sem um coração achar
Que na chaga viva, ardente,
Que as entranhas me devora,
Venha um balsamo deitar.

Amar sim, amar em vão
É meu destino, é meu fado,
Sem achar consolação!
Oh! como eu tenho chorado!...
Mas ninguem no mundo entende
Do poeta o coração ..

Tinhas tu esse poder;
Teve-o teu rosto divino,
Dos teus olhos no volver.
Mas pôde mais o destino;
Entender-me não quizeste,
E tambem te heide perder.

Se haverá destino assim!
Quando a viver começava,
Logo á vida ver o fim!...
Sabes tu como eu te amava?
Foges do amor verdadeiro,
Cuidando fugir de mim!

Ninguém como eu te hade amar,
Nem mais terno e mais ardente
Hade teu jugo acceitar! —
Quem sabe o culto fervente,
Quem tem o amor inspirado
Que o poeta pode dar?

Não queres ter compaixão?
Não te movem meus pezares...
És mulher sem coração;
Mas se alguma vez amares,
Deus te dê igual destino,
— Destino de amar em vão.



XXVII

DELIRIO

Vé, y pide á Dios que me valga.

Pues no puedo ser amado...

Larra.

I

Já te disse que é destino,
Que foi meu destino amar-te
Em vão.
Sei que não tens coração,
E que seduzes com arte
A multidão;
Sei que és de pedra mais fria
Do que o gelo,
Que nem a ira do zelo
A tua alma aqueceria;
Sei... que não posso acordar-te
O coração,
E que é meu destino amar-te
Em vão.

II

Anjo do ceu,
Mas quem te ha de amar na terra
Se não fôr eu?
O mundo, que não entende
O canto meu,
Como ha de entender o teu?
Tu és anjo, eu sou poeta,
A nossa patria é no ceu;
Quem no mundo ha de adorar-te
Se não fôr eu?

III

Vem comigo; inda te amo! —
Quanto mais quero esquecer-te,
Mais arde em mim o desejo
De mais tornar a querer-te.
Choro o tempo que perdemos
Em busca d'outros amores;
Arrepende-te comigo,
Que ambos sômos peccadores.
Eu peguei... com meus ciumes,
De amor a todas fallava;
Mas com teu rosto as cobria
Cuidando que não te amava.
Sempre a tua pura imagem
Nos meus desejos vivia,

E de afeições criminosas
Meu coração defendia.
Mas tu?... talvez esquecida,
Alegre, talvez, folgavas,
Vendo-me acabar c'o a vida,
Sabendo que me matavas?
Talvez amando — e feliz?...
Talvez chegando á ventura
Por preço d'um infeliz,
Que baixava á sepultura?
Foge de mim se o fizeste;
Deixa-me em paz acabar...
Não, não; perdôa... vieste...
Eu também sei perdoar.
Mas tarde vem o soccorro
Da tua consolação!
Se o meu corpo inda tem vida,
Tu já não tens coração.
Pousa a fronte no meu hombro,
Deixa-te ficar assim;
Morre comigo.—Tu foges?
Pois queres viver sem mim?!...

IV

Se a tua querida mão
Sentisse como palpita
Meu anciado coração;
Na convulsão que o agita

Conhecerias a morte
Com que o triste luta em vão.

A morte! ai! a morte, sim;
Já de illusões despedido,
Bem a sinto dentro em mim!
Sei como tenho vivido;
Teu amor foi um tormento
Que apressou mais o meu fim.

Amar! como é doce amar!...
E sinto fugir-me a vida
Quando começo a gosar!
Tenho a esperança perdida
Quando minha alma em tua alma
Começava a remogar!

Porque me queres fugir?
Dá-me ao menos a alegria
De me poder despedir!
Assiste à minha agonia;
Parte depois... c'o a certeza
De te eu não poder seguir.

V

Adeus, coração de gelo,
Adeus!

Eu morro e vou para os ceus.
Lá não fugirão teus olhos
Dos meus,
Porque amar é lei de Deus.

Se queres ficar no mundo,
Adeus,
Que a minha patria é nos ceus.

Já meus olhos vêr não podem
Os teus;
Por ti morro... adeus, adeus...



XXVIII

QUANDO EU TE VI

Não te lembras? era noite,
Noite escura como agora,
N'essa abençoada hora
Em que te vi e te amei;
Era noite — eu só e triste,
Quando á tristeza fugia
Busquei de um baile a folia,
E n'ella me embriaguei.

Mas durou pouco o delirio;
De mim mesmo aborrecido,
Como á dôr tinha fugido
Tambem do prazer fugi;
Em breve o ruido das danças
Meu coração esmagava;
Já não ria, não dançava,
Já nem respirava alli.

Então corri ao theatro;
Sentia em mim a loucura!
Fosse qual fosse a ventura
Era preciso gosar. —
Gosar!... enganar a alma,
Que morrendo ao desalento
Trasbordava sentimento
Por não ter a quem amar.

Entrei; o prazer e o riso
Em torno de mim se achavam,
Tambem de si me afastavam
Porque não era dos seus.
Fugi, e foi n'essa hora
Que vi teu rosto divino;
Seria acaso, ou destino,
Ou providencia de Deus?

Não sei; mas quando meus olhos
Em teus olhos se titaram,
Nossos rostos se voltaram,
Para volver outra vez;
Encontravam-se de novo,
E de novo se fugiam;
Mas a buscar-se volviam
Com doçura e timidez.

Já nada me aborrecia,
O ruído não me assustava;
Já nem o riso evitava,
Nem tinha medo ao prazer;
Nascia em mim outra vida:
Como nunca tinha amado,
Que me importava o passado
Se eu começava a viver?

E os teus languidos olhos
Já meus olhos entendiam;
Ainda amor não diziam,
Que lh'o vedava o pudor;
Mas um raio de esperança,
Que n'elles me apparecia,
Em minha alma se embebia
Como promessa de amor.

Lembras-te que era de noite,
Noite escura como agora?
Lembras-te do sitio e hora
Em que te vi e te amei?
Pois d'essa noite a memoria
Não deve ser esquecida;
Conserva-a por mim, querida,
Como eu por ti a guardei.

XXIX

MEU PAE

NO MAR, EM 1846

I

« Adeus, Mariana, adeus; ao marinheiro
« As batalhas da terra pouco importam.
« Ver o irmão ao irmão assassinando
« Quadros são que minh' alma desconfortam.

« Adeus... não chores; a derrota é longa
« E a terra do exílio bem distante!...
« Mas o navio é bom, e Deus é grande;
« E meu amor por ti será constante.

« Adeus... vae abraçar os nossos filhos;
« Se os eu visse outra vez não partiria...
« Adeus!... adeus!... » — E já no largo oceano —
« Adeus, família e patria! » — repetia.

II

« Erguei as tenras mãosinhas,
« Erguei, erguei para os ceus;
« Que por serdes innocentes
« Sereis ouvidos por Deus.
« Oh! como o mar está bravo!
« Rezai, rezai, filhos meus.

« Todos tres dissei comigo,
« Filhos, dissei, com fervor:
— « Para quem anda nas ondas
« Misericordia, senhor!
« Salvae-os da tempestade,
« Salvae-os por vosso amor!

« Senhor Deus, misericordia
« Para quem anda a penar;
« No meio da noite escura
« Por sobre as agoas do mar.
« Senhor Deus, misericordia!
« Não os deixeis naufragar.

« E tu, Rainha dos Anjos,
« Oh! senhora da Bonança;
« Estrella na tempestade,
« Casto lume d'esperança;
« O nosso pae, que anda longe,
« Restitue-nos sem tardança ». —

III

Os hymnos da virtude e da innocencia
Em vão subiram pelo espaço immenso;
E aos pés do throno celestial e puro
Se converteram em divino incenso.

A alma do pae, as orações dos filhos
Juntas voaram para os ceus profundos;
Mas nos abysmos do oceano o corpo
Sepultado ficou entre dois mundos!

Oh! como é triste o acabar nas ondas!
Depois de morto ainda navegando!...
Errar ao som das aguas e dos ventos,
Para onde? em que sitio? e até quando?

Não dormir em tranquilla sepultura
Onde possam os filhos visital-o!
Onde o pranto dos seus lhe banhe as cinzas,
Onde o amor e a dôr venham guardal-o!

Perdôa-me, Senhor, se eu te blasfemo,
Perdôa ao triste orfão sem ventura...
Orfão a quem do pae nem resta ao menos
A triste prova de uma sepultura!

Perdôa-me, Senhor, que a cada hora
Do meu martyrio reverdece a palma.
E se eu morrer tambem n'este oceano,
Perca-se o corpo, não se perca esta alma.

Recostado na amura do navio,
Quando a lua discorre nos espaços;
Em cada vaga que a meu lado geme
Vejo um cadaver estender-me os braços!

Oh! se eu fosse tambem amortalhado
N'essa onda que vejo encapellar-se!...
Talvez meu corpo no profundo abysmo
Ao corpo de meu pae fosse abraçar-se!

« Eis terra! a nossa terra! » bradam todos,
Fita a sofrega vista no horisonte;
Eu só ás vagas com saudade a volvo,
E á justiça de Deus inclino a frente.



XXX

ALBONI

Quem és tu? na tua fronte
Fulguram raios divinos,
Quando entôas d'esses hymnos
Que arrastam as multidões!
E essa voz harmoniosa,
De teus lábios desprendida,
Porque diz — amor e vida —
Para extranhos corações?

Quem és tu, genio sublime,
Que o prazer e a dôr retratas,
Quando artista te arrebatas
No fogo da inspiração?
E o mundo entusiasmado
Confessa que podes tanto,
Que basta ouvir o teu canto
Para entender a paixão!

*

Chora e ri a turba ignara
Debaixo do teu imperio,
Sem comprehender o mysterio
Com que a sabes dominar!
À tua voz sente contigo;
Como innocente creança,
Folga, se fallas de esp'rança,
Entristece-a o teu pezar!

Quem és, pois, e que segredos
Te confiou a natureza,
Quando em tua mente aceza
A luz da gloria brilhou?
Que não podes ser do mundo
Diz-m'o a minha idolatria:
És o genio da harmonia
Que Deus á terra mandou.



XXXI

O DESERTO

NO ALTO AMASONAS EM 1843

Arrancado subitamente a todas as riquezas da vida organica, o viajante penetra com surpresa n'esses espaços sem arvores, onde encontra apenas alguns traços de vegetação.

Humboldt — Quadros da Natureza.

Eis o deserto!... um deserto
Das regiões americanas!
Os Pampas são alli perto,
Ficam além as Guayanas...
Vinte legoas, cem, duzentas,
Mais talvez de quatro centas...
Quem sabe quantas serão?
Sente-se o homem pequeno
Perante o immenso terreno
D'essa eterna solidão!

O cactus agigantado,
Como guarda do horisonte,
De enormes flores toucado,
Ante vós levanta a fronte:
— Solitaria sentinella
Que attenta vigia e vella,
Por que não passeis além.—
Ai! do que se precipita
N'essa amplidão infinita
D'onde não volve ninguém!

Mas sentís não sei que abalo,
Não sei que desejo incerto
De impellir vosso cavallo
Atravez d'esse deserto...
É o abysmo que fascina;
Tudo que a mente imagina
Querem os olhos gozar;
O vago, e o desconhecido,
Ir onde ninguém tem ido,
Isso vos hade tentar.

Ousado sois? cavalleiro!
Sabeis affrontar a morte?
O cavallo é bem ligeiro?
Votae-vos a Deus e à sorte!
Mettei balas na clavina,

A faca de ponta fina
Que vos não caia ao correr ;
Largae rédea, dae d'esporas,
Um dia são doze horas,
Mas tendes muito que ver.

Andae camiubo de leste,
Vede como o sol discorre ;
Se vos perdeis para oeste,
É mais um que por lá morre.
— A galope! — como o vento,
Quasi como o pensamento
Vosso cavallo arrancou ;
Os lagos, o monte, a selva,
Os prados de verde relva,
Já tudo ao longe ficou.

Livre sois em novo-mundo,
Um mundo de immensidade !
N'este silencio profundo
Reina eterna a liberdade.
Mas o horisonte não morre !
Mais vosso cavallo corre,
Mais elle foge de vós ;
E na distancia uniforme
Dorme o ceu, e a terra dorme,
Devastada, muda, atroz !

Vendo cançar o cavallo,
Cedeis também fatigado;
Não sentis o mesmo abalo
Que vos tinha entusiasmado;
Quereis voltar. — Para onde!
Todo o vestigio se esconde,
Nada vos pôde guiar...
Nem o sol; do dia em meio,
Como vae ou d'onde veio
Já não podeis afirmar.

Silencioso, frio, e morto
O deserto vos suspende;
Vossa vista sem conforto
Debalde ao longe se estende.
Nem uma nascente pura!
Nem um ramo de verdura
Que vos livre do calôr!
O ar parece uma chamma
Que vossos pulmões inflamma
Sob um ceu abrazador.

O cavallo triste, inquieto,
Sem alento affrouxa os passos;
Do paiz ao mudo aspecto,
Como vós mede os espaços.
Interroga o solo ardente;

Vê com magoa o chão candente
Queimando a vegetação;
Vê só terras calcinadas,
E nas plantas abrazadas
Refrigerio busca em vão.

Busca em vão nos horisontes
Os bosques dos cacoeiros;
O lago, a crista dos montes,
Os cimos dos cajueiros.
De repente, erguendo a crina,
Ao longe fita a campina,
E parte, e corre veloz!
Largae a rêdea ao cavallo,
Não cureis de governal-o
Que sabe mais do que vós.

Escutae... um grito rouco
Distante nos ares sôa;
O cavallo, quasi louco,
Ouvindo-o, não corre, vôa.
Lá fogem vinte veados
Do seu galope assustados;
Novo rugido estrugiu,
Mais temeroso e mais perto!
Fugir! que o rei do deserto
A carne humana sentiu.

Já pouca esperança resta...
Do tigre a furia redobra;
Eis que se avista a floresta,
E o cavallo animo cobra.
Mais ardente corre e vóa,
Mais nos seus ouvidos sôa
Da fera ardente o correr!
Nenhum a victoria cede;
Cada qual o espaço mede
Aonde conta vencer.

Aqui se acaba o deserto;
Chega o cavallo primeiro,
Porém com o peito aberto
Cae sobre o seu cavalleiro.
O tigre rugindo avança!
Já como um raio se lança...
Tendes a faca na mão?
Espreitae-lhe o movimento...
— A vida cessa um momento,
Não vos pulsa o coração!...—

Suspende o tigre a corrida...
Na floresta os olhos fita;
E uma onça enfurecida
Sobre elle se precipita!
Trava-se lucta horrorosa,

Tremenda, mortal, ruidosa,
Que assusta, que faz pavor!
—Tomae a vossa clavina;
Se o terror vos não fascina,
Fugi — se tendes valor.

Deixae o vosso cavallo,
Do vencedor será preza;
Vós não podeis levantá-lo,
Era loucura a defeza.
As duas feras que lutam
O seu cadaver disputam,
Por elle vivo ficaes.
Dizei adeus ao deserto,
Dizei-lhe adeus, estom certo
Que saudades não levaes.



XXXII

MEDICINA DE DEUS

Tudo sem ti é tristeza,
Tudo sem ti me aborrece;
Erma a terra me parece,
Não tem vida a natureza!

Por isso, mesmo doente
Venho aqui para te ver;
Pois antes quero morrer,
Que de ti viver ausente.

A tua vista amortece
A força da minha dor;
E longe do teu amor
É minha alma quem padere

Deixa-me pois a teu lado
O meu remedio buscar;
Basta-me ouvir-te fallar
Para logo ser curado.

Basta-me ver-te, querida,
Pois na luz dos olhos teus,
Achei sempre amor e vida,
A medicina de Deus.



XXXIII

PORQUE CHORAS?

Quem te fez mal? porque choras?
Como soluças! que magua!
Que dor é essa tão forte
Que te inunda os olhos d'agua?
Vem desabafar comigo;
A causa do teu pezar
Derrama n'um seio amigo;
Eu nunca te vi chorar,
Mas ha — não sei que — no pranto
Da mulher a quem se adora,
Que parece que a ternura
Em seus olhos tambem chora.

Que tens tu? pretende ~~alguem~~
Affastar-te de meu lado?
Não ha na terra ~~ninguem~~
Que tal se atreva a fazer!
Mas se houver... onde tu fores
Lá contigo irei viver.
Porque choras? Não receias
De certo perder-me, não?
Nem de mim te aborreces?
Nem te aborrece a paixão?
Saudades tens? ou desejos?
— Mas porque choras então? —

Diz-me a razão por que choras
Que não te has de arrepender;
Eu tambem fui desgraçado,
Por isso te hei de ~~intender~~.
Soluças mais? Desafoga,
Diz-me o terrivel pezar
Que assim te faz soluçar.
— Ciumes! de mim? oh! louca...
Volve á razão que perdeste,
E chora com mais razão
Pelo pranto que verteste,
Fazendo tal injustiça
A um pobre coração,
Que ainda não conheceste.—

Ciumes de mim! Não chores...
E mais agora o teu pranto,
Depois que lhe sei a causa,
Tem para mim outro encanto;
Mas não importa; não chores,
Que por mais suave e doce
Que me seja o ver-te assim,
A chorar de amor por mim,
Sempre é chorar! e não quero
Que por fim tu me aborreças.
Desejo só que não chores,
E.... que melhor me conheças.

Enxuga os olhos, querida;
Olha que sem confiança
Não ha socego na vida,
Nem ha na vida esperança.
Espera pois, e confia,
Que nunca verás mudança
Em quem mais amor te dera,
Se mais coração tivera,
Ou se n'este onde tu vives
Maior affecto coubera.



XXXIV

O FUNERAL E A POMBA

PARAPHRASE DE OUTRA DO SR. JOÃO DE LEMOS

I

Quem ergue a voz nos arrayaes contrarios?
O canhão inimigo já não trôa,
Despedindo ao clarão da chamma ignifera
Horridas balas!

Atravez das fileiras lá se mostra
Pasmado e triste o artilheiro ocioso;
E, em vez de solta aos ventos, a bandeira
Lugubre desce!

Que vae além nos arrayaes contrarios?
Tambem lugubrementemente dobram sinos,
E o tambor, despedindo accentos roucos,
Sente-se ao longe!

E nós, cobertos de funéreos crepes,
Acompanhamos com silencio fundo
Os despojos reacs, e em torno as tochas
Tremulas fulgem!

Quem ergue a voz nos arrayaes contrarios?
Vão cobertas de luto as nossas alas;
Porque trajam de lá, também affictos,
Funebres pompas!

De cá perdemos mãe, rainha, e tudo;
Vassallos, filhos, com a dor se prostram;
De lá, seus inimigos, porque gemem
Lagrimas tristes?

Que voz se ergueu nos arrayaes contrarios?
Acaso o tempo, com a mão sinistra,
Do seu hyro de fé rasgou um nome,
Symbolo caro?

São os nossos irmãos; vede-os agora,
Que a dor mostrando nos calados vultos,
C'o a nossa perda morre-lhes nos olhos
Fulgido brilho!

II

Inimigos de ha vinte annos,
Vossos brios mais que humanos
Sanctificam vossa fe;
Respeitamos-vos de pé!
Doeram-vos nossas maguas,
E do vosso pranto as aguas
Banham nosso coração;
Chorae, chorae desse lado,
Que se ennobrece o soldado
Que não nega seu irmão.

Porque andamos nós em guerra?
Nascidos na mesma terra
Não nos guia a mesma luz;
Finde a guerra junto á cruz!
Quem com seus irmãos pranteia
Não pode ter causa alheia:
Contrarios, perdão egual!
Nenhum lado se envilece,
E nós fazemos esta prece
N'um recinto sepulchral.

*

Aonde a melancolia
N'estas horas de agonia
Não vê ninguém descortez;
Tudo aqui é portuguez !
A dôr que estala nos peitos,
O pranto em olhos afeitos
A occultar o soffrer;
Todos aqui vem das eras,
Daquellas crenças sinceras,
D'antes quebrar que torcer.

Todos nascemos soldados,
E pela dôr consternados
Oramos c'o a mesma fé;
Eia, pois, todos de pé!
E sob uma só bandeira,
Da nossa paz companheira
Nos esqueça a proscripção;
Dos odios se acabe o grito,
Vinde, amigos do proscripto,
Cessae de gemer em vão.

Não renegaes vossas dôres,
Já não desbotam as côres
Que tem vinte annos por si;
Mas podem unir-se aqui!
A união, por Deus sagrada,

É dever da crença herdada
E hade por fim triumphar.
Teve o throno o seu calvario;
Repasse o pranto o sudario
E venha a dôr consolar.

Militando em campo opposto,
Banhastes o nobre rosto
Do pranto que a magoa dá;
Em jorros brota de cá!
Do luto da monarchia
Prantear o infausto dia
É de todos commum lei;
Choremos, pois, a rainha,
Foi do vosso rei sobrinha,
E era mãe do nosso rei.

III

E o mundo que a vê sem vida,
Lamenta a planta viçosa
Morta em flor;
E, flor no tumulto pendida,
A dois reis, por mãe e esposa,
Deixa a dôr!

Aos inimigos não basta
Ver os orphãos sem ventura
C'o este mal!
Mal que doera a madrastra,
Quanto mais a magoa para
Filial.

Vede-o como vae sem fausto,
Esse corpo que da alma
Enviuvou!
Enviuvou tambem exausto
O rancor que viva palma
Desfolhou?

E o mundo que a vê sem vida,
Lamenta a planta vigosa,
Morta em flor;
E, flor no tumulto pendida,
A dois reis, por mãe e esposa,
Deixa a dor?

Oh! se orando aqui por ella
Nossa união renascesse,
Para Deus!
Deus nos faria ainda vel-a,
Pelo bem que nos fizesse
Lá dos ceus!

Todos culpas e erros temos,
Fomos todos desterrados
D'esta mãe;
Mãe patria —Pois não seremos
N'este voto acompanhados
Cá também?

E o mundo que a vê sem vida,
Lamenta a planta viçosa
Morta em flor;
E, flor no tumulto pendida,
A dois reis, por mãe e esposa,
Deixa a dor!

IV

Quando passava o prestito no arco
Do sacro templo que a piedade ergueu,
Fulgido lume brilhou n'um dos coches,
N'esse em que a morte descerrára o veu!

Sóbe o vapor da ethérea chamma ao alto
E condensado nas regiões do ar,
D'entre elle surge, mysteriosa, uma ave
Que os olhos fitam sem poder cãçar.

E logo ao carro da corôa vê-se
Que a meiga pomba sem temor voou;
Seria um esp'rito que alli vinha agora
Vêr ainda a terra onde já poisou?

Paz no futuro presagiando á c'rôa,
Seria uma alma que alli vinha assim;
A abençoar do alto desse carro
Todo o seu povo reynido em fim?!

Certo, era um anjo que descia ao povo,
E vinha unil-o por favor do ceu;
Porque apparecia nos portaes da egreja
Do sacro templo que a piedade ergueu!

Triste daquelle que do fundo da alma
Estes avisos do Senhor não vê!
Que não decifra no ethéreo livro
Este milagre que a fé viva lê.

Ou alma, ou pomba, como luz d'esperanças,
Fulgiu na c'rôa que passava alli;
Que do ceu veio juram-no mil boccas,
Que ao ceu voára dizem todos — ví.

E do passado, arrependida e triste,
Como um só homem a nação gemeu;
E a voz da igreja, no luctuoso canto,
Apaga os odios que o passado ergueu.

V

Quebraram-se as armas, e, unidos na prece,
Da guerra fugimos ao duro fragor!
Irmãos, o passado na loisa se esquece,
Não quer inimigos a lei do Senhor!

Irmãos! esse corpo da morte colhido,
Que agora da campa repouisa na paz:
Penhor de concordia, por Deus escolhido,
Ainda na morte esperança nos traz.

Que a mystica pomba não era sybilla,
Mas antes seguro, divino signal!
Foi a alma da mãe, que veio tranquilla
Na c'roa do filho saudar Portugal.

Foi anjo que veio nos campos tão varios,
Por Deus enviado, as pazes fazer.
Que a pomba descia dos altos sacrarios
Que os olhos do mundo não podem romper.

Se a c'roa é do reino, sabia-o a pomba;
Porém deste reino é filho também
O rei, que ajoelha na loisa que tomba,
De todos querido, sem odio a ninguém.

Quebremos as armas, e unidos na prece,
Da guerra fuçamos ao duro fragor!
Irmãos, o passado na loisa se esquece,
Não quer inimigos a lei do Senhor!



XXXV

A ROSA

Leimbras-te daquella rosa
Que ha oito dias me deste?
Como tinha a côr mimosa,
Como tinha o cheiro agreste!...
Era imagem do pudor ;
Mas não sei que me dizia,
Que o teu amor morreria
Se murchasse aquella flor.

N'um vaso de ouro lavrado
Lhe dei da agua mais pura ;
Tive com ella o cuidado
Que merece a formosura ;
Não lhe faltou luz nem ar,
Mas ella impallidecia,
E logo ao terceiro dia
Começou-se a desfolhar !

Dizer que chorei por ella,
Quem é que me acreditava ;
Se perdendo a rosa bella
Era por ti que eu chorava!...
Durou tanto o teu amor,
Como a rosa que me deste ;
Porque de mim te esqueceste,
Apenas murchou a flor.



XXXVI

O PRANTO

. Le lacrime

Sou la meglio preghiera.

Niccolini.

Quem não viu n'alguma hora
Das muitas que tem a vida,
Chorar a mulher que adora,
D'uma culpa arrependida?

Ou verdadeira, ou fingida,
Quem resiste ao doce encanto
De vêr orvalhar o pranto
Por uma face querida?

Seja ella criminosa,
Ou justo seja o ciume;
Vendo-lhe a face chorosa,
Quem solta mais um queixume?

Não ama quem se não cala
Com receios de perdê-la;
Fallando o pranto por ella,
Ninguem se atreve a julgá-la.

Oh! mulher! que até podeste
Seduzir a natureza!
Não te bastava a belleza,
Tambem lagrimas quizeste!

Se Deus soubesse o encanto
Que o vêr-te chorar inspira;
Não te tinha dado o pranto,
Com que adornas a mentira.



XXXVII

NO LIVRO D'UM PINTOR

I

Se esgotaste uma vez a fonte d'alma
Se n'um pego de lagrimas amargas
Da esperanza affogaste o doce brilho;
Quando te viste fatigado, exausto,
De lutar contra a dor que te opprimia;
Quem foi erguer-te a descahida fronte?
Se as procellas da vida em mór braveza
O teu limpido ceu annuviaram,
Se os olhos pelo pranto amortecidos
A luz buscaram no turbado oriente,
Que viste? o mundo todo ermo de affectos
Para encherem o vacuo de tua alma.

II

Se á luz tremenda de funéreas tochas
Viste descer os teus á sepultura,
Orvalhando com prantos a saudade;
Não ouviste as risadas estridentes
Das saturnaes infames? e não viste,
Em negras espiraes alevantar-se,
Do meio dos festins, um mixto horrendo
De fumo e vinho? A compaixão do mundo,
Do mundo que julgaste um paraizo,
Não respondia assim a teus lamentos?
Pela fé, pelo amor e puras crenças
Do coração aberto para todos,
Ao despontar da vida, que te deram?
Mentira, hypocrisia os mais cobardes,
Os ortros o cynismo dos insultos.

III

Todos te incitam a seguir a glória;
E tantos desenganos não bastaram
Para arredar-te do caminho incerto!
Do teu genio de fogo as azas soltas,
E imprimindo a inspiração na tella,
Novo Pygmalião, á natureza
Roubas um dos mais bellos attributos!
Oh! quem da tua frente hoje podera
Desviar do destino o dedo occulto!

—A gloria! a gloria é um vão fantasma ;
Triste origem de dores e misérias!
Um bello sonho — lisongeiro agora,—
Depois — ao despertar — cruel verdade!
É tua estrella. Segue-a pois, amigo...
Amigo; disse? Tão usado e gasto
Nome, que acoita a perfida mentira ;
Não mancharei com elle a casta folha
Do teu formoso livro. Irmão — é menos —
Fôra menos se amigos existissem.
Irmão, segue teu rumo, e se a desgraça
Toldar de novo o briiho de teus dias,
Esconde o pranto que te venha aos olhos,
E chora só contigo. O mundo é o mesmo
Em toda a parte. Para as dores d'alma
Põe os olhos no ceu, lá só fulgura
Luz, que pôde chamar-se a da esperança.



LIVRO SEGUNDO.

I

A MARINHA PORTUGUEZA

A JOAQUIM PEDRO CELESTINO SOARES

Auctor dos Folhetins Maritimos

I

Como o leão da fabula, abatida,
Povos e reis avassallou ontr'ora,
Porém cahiu, e vendo-a adormecida,
Quem della se temeu a insulta agora.

No corpo do leão já moribundo
A cobardia descarrega a furia;
E o gigante que humilhára o mundo
Callado soffre a derradeira injuria.

Oh! como doe em peitos portuguezes
A vergonha de tanto abatimento!
Que desleixo, que gente ou que revezes
Nos cobriram assim de aviltamento?

*

Fallece acaso o animo guerreiro
Aos que tantas nações avassallaram?
Ou assusta-se agora o marinheiro
Das mesmas ondas que seus paes sulcaram?

Não! — Ainda nos filhos desta terra
Nascem os mesmos corações valentes,
Que ao troar do canhão, à voz da guerra
Se arrebatam intrepidos e ardentes.

Nem desejos de gloria lhes fallecem,
Nem temem imitar Vasco da Gama;
Neem à vista das vagas estremeçam,
Inimigos não são de honrada fama.

O que te falta pois, nação guerreira?
Nos mares onde foste vencedora,
Deixas hoje affrontar tua bandeira
Por esses de quem eras protectora!

Porque não vae o pavilhão das quinas
Tomar vingança das nações ingratas?
Varrer as ondas, converter em ruinas
Os dominios de perfidos piratas?

Porque não vaes avassallar de novo
Com tuas quilhas o soberbo oceano?
E proteger os filhos do teu povo
Longe do territorio lusitano?...

II

Porque?... choras, desgraçada!
Porque já não tens navios...
Porque vives deshonrada
Por misérias e desvios:
Para ti não vive a historia
Onde vive o Castro e o Gama;
Já teu peito não inflamma
O amor da antiga gloria?

Dos teus galeões a esteira
As ondas em vão procuram!
Por não vér tua bandeira
Do mar as brizas murmuram!
Africa e Asia se'queixam
De tão criminosa ausencia;
Livres da tua ascendencia,
De estranhos domar se deixam.

A pouco e pouco perdidas
As Indias por ti choraram;
Despresadas, esquecidas,
Teu amparo inda buscaram,
Mas em vão! Já decadente,
Sem valor e sem nobreza,
Cedeste com vil fraqueza
O imperio do oriente!

E que imperio! sustentava
Tuas naus, e enriquecia
Um senhor a quem amava,
E este — cobarde — o cedia!
E fez-se tal injustiça
Por medo talvez da guerra?...
Não; fez-se para Inglaterra
Contentar sua cubiça.

Nação de navegadores,
Desditosa patria minha,
Que fizeste aos esplendores
De tua antiga marinha?
Já o mar não ferve e sóa
Em torno a teus galeões;
O ecco dos teus canhões
Já no ar não corre e tróa.

Já não enche o vento as vellas
Das tuas naus alterosas;
Já não folgam as procellas
N'essas prôas orgulhosas!
Já não vão dos oceanos,
As mil vagas turbulentas
Beijar durante as tormentas
Os pavilhões lusitanos!

A voz dos teus marinheiros,
Dominando os elementos,
Já não assusta os banzeiros,
Já não faz calar os ventos!
E vão de todo esquecendo
Aquelles dias de gloria,
Em que, á mingoa de victoria,
Os teus venciam — morrendo! —

III

Vede-os a meio Tejo adormecidos,
Sem canhões, arrazados, sem defeza:
São elles, esses cascos descosidos,
Os restos da marinha portugueza!
Por uma só amarra subjugados,
Voltando-se ao capricho das correntes,
Sem leme, rotos, e desmastreados,
À voz do marinheiro indifferentes!
A pouco e pouco descosidas tabuas
Vae o tempo de todos separando;
E, talvez com saudades de outras aguas,
Ellas por barra fóra vão boiando!
Alguns a preço vil foram vendidos
Para servir empenhos de afilhados;
E todos, quando houverem mais pedidos,
Serão á mesma sorte condemnados!

IV

E estes são os restos venerandos
D'uma grande nação,
Que outr'ora ergueu em suas altas pôpas
Das quinas o pendão!...

Oh! não os insulteis! é cobardia
Da velhice zombar;
Esses que vedes tristes e abatidos
Foram leões do mar.

Nas azas da tormenta e da victoria
Foram mais de uma vez,
Levar a novos mundos o respeito
Do nome portuguez.

Oh! não escarnegeis d'esses navios,
Que levaram as leis
Da vossa patria a ignorados povos,
E a soberbos reis.

Se ás affrontas que agora se nos fazem
Não sabem responder,
Em outro tempo o mar enfurecido
Não os poudo vencer.

**Descobri-vos ante elles! — São reliquias
Da gloria que passou;
Monumentos que o sangue lusitano
E a victoria sagrou.**

V

**Alli jaz todo o passado
Da portugueza nação!
Em cada casco arruinado,
Em cada velho canhão,
Vive eterna uma memoria,
Uma pagina da historia
De nossos bravos avós;
Aprendei, oh! marinheiros!
Como esses velhos guerreiros
Oxalá sejamos nós!**

**Oxalá! mas no futuro
Quem poderá ousado ler?
O presente é mal seguro...
Só Deus sabe o que ha de ser.
—Canhões! canhões e navios!
Que não havendo desvios
Nós volveremos ao mar,
E comnosco a nossa gloria;
Novos mundos e a victoria
Tornaremos a encontrar.**

II

ASTRO

Eu bem sei que tu nasceste
Como no ceu nasce a luz;
E que tambem me perdeste
Porque o teu brilho seduz.
—Estrella a quem eu seguia
Sempre— de noite e de dia —
Para o meu caminho achar;
De mim agora te occultas!
Entre nuvens te sepultas
Quando me deves guiar...

Deste ceu anuveado,
Aonde outr'ora te vi,
Fanal por Deus enviado
Às trevas onde eu caí,
Porque foi que te ausentaste?
Por que rasão me deixaste
Em um caminho sem fim?...
E quando me abandonavas,
Outro horisonte buscavas
Muito distante de mim?

Se queres tornar a ver-me,
Se voltas com teu fulgir,
É porque queres perder-me
Se eu de novo te seguir!
Mas não posso crer-te agora;
Tua luz deslumbradora
A minha vista seduz;
Porém não me guia ao norte,
Porque o teu brilho é tão forte
Que cega, mas não conduz!...





N'UM ALBUM

Aqui, como no templo,
Ha uma divindade
A quem se queima o incenso
Da adoração;
Aqui se cantam louvores,
E a devoção
Espalha flores.
Cheia de recolhimento,
A multidão
Sobe com o pensamento,
Abrindo o coração.

Oh! sublime divindade

É a beleza!

Harmonia

E poesia

Da natureza.

Como todos também eu

Venho ajoelhar,

Devotamente,

Ao seu altar.

E só agora — pagão! —

Começo a achar

Sublime a religião,

Que por dogma tem — *amar*.



IV

TRISTEZA

Não te queixês da tristeza
De que se cobre o meu rosto;
Nasce da tua frieza
A causa do meu desgosto.
Se tu não fôras assim,
Mais alegre eu viveria ;
Porém fuge-me a alegria
Como tu foges de mim.

O poeta, como as flores,
Busca o ar e a luz mais pura ;
A vida sem ter amores
Para elle é sem ventura.
O teu modo bem me diz
Que o meu amor desconheces;
E por isso me entristeces,
E me tornas infeliz.

Queres que eu tenha saudade
Das ilusões que passaram?
E que chore a liberdade
Que os teus olhos me roubaram?
A ti própria fazes mal,
Pois me acordas na memória,
Uma imagem illusoria,
Da tua imagem rival.

Ao ver-te fria comigo,
O meu carinho evitando,
As visões do tempo antigo
Passam por mim suspirando!
Accusam-me de as deixar,
De me esquecer do passado;
Achando-me desgraçado
Tornam por mim a chamar.

Queres, pois, que arrependido
Volva a pensar no que é morto?
E que fuja aborrecido
D'onde buscava o conforto?
Por te amar tudo esqueci:
Palavras que fascinavam,
Olhos que por mim choravam,
Corações a quem perdi!... .

E tudo que eu perco e deixo
Pagas-me tu com frieza!...
Tenho rasão se me queixo,
É justa a minha tristeza.
Se de mim foge o prazer,
Como heide eu ter alegria?
Por ti alegre vivia,
Triste sem ti quero ser.

•

❦

V

ANJO—DEMONIO

Eu sonhei uma vez um sonho horrivel,
Que me encheu de pavor;
Vi um demonio transformado em anjo
Fallando me de amor.

Era ao sahir da infancia, eu não sabia
Fugir da tentação;
Tudo eram rosas para mim na vida,
E tudo aspiração.

A sonhar o tomei por luz divina
Da minha redempção.
E o anjo mau sorria-se nas trevas,
Da minha perdição!

Do demónio, cahido nos abysmos
Pela ira de Deus,
Os olhos, como a luz attrahe o insecto,
Attrahiram os meus.

Abrasou em seu fogo meus sentidos,
Fazendo-me beber,
Em seus lascivos temerosos beijos,
Diabolico prazer!

Por sua bocca a lava dos infernos
Em minh' alma coou;
Mais a bebia, maior sêde tinha,
Nunca me saciou!

Seu rosto ardente no meu rosto unido,
Seu negro coração
Dizia-me que Deus era mentira,
Os ceus uma illusão.

E eu acreditei-o, embragado
Em delicias fataes!
Patria, religião — Deus e familia,
O amor de meus paes;

Tudo o que eu tinha, tudo me pedia,
Nada lhe recusei;
E, christão e poeta, a cruz e a lyra
Maldito profanei.

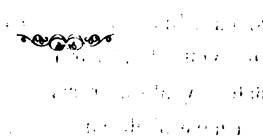
Folgaram nos infernos os demonios
Cuidando-me já seu;
E Deus no ceu c'o as azas dos arcanjos
As faces escondeu.

Mas o anjo da guarda em mim velava,
Pedindo ao Redemptor,
Que salvasse a minh' alma, que era sua,
Do anjo tentador.

Ouviu-o Deus, eu acordei, e o sonho
Fugiu do dia á luz;
Só n'um mau sonho ~~eu~~ renegar podia
O alaúde e a cruz.

Defende-me, formoso anjo da guarda,
Não me ~~deixes sonhar~~;
Nem me deixes sonhar d'estes maus sonhos,
Que sempre te hei de amar.

Porque me converteste a cruz e a lyra,
Os symbolos da dôr,
Em divinos fanaes de eterna es'perança,
De conforto, e de amor.



*

VI

MARIANNINHA

Noite se fez no caminho,
Todo o soute escurecia;
Se vae cheia na rigueira
Quem por ella passaria?

Nanja a linda Marianninha
Que volta da romaria....
Bate o vento na ramada
E a neve d'alli caía.

— As rodas da minha azenha
Quem d'aqui as ouviria;
Que antes de ser o sol nado
Abraçara a minha tia!
Valei-me anjinhos do ceu,
Valha-me santa Maria!
Andam lobos na devesa,
E eu n'ella vou perdida!...

Calou-se a Mariauninha
Logo a ramada se abria:

— Queres ser mulher d'um conde?
Terás muita pedraria;
Comerás com a rainha,
E de seda irás vestida:
Lençoes do teu leito de oiro
Serão de cambraia fina.—

Responde a minha donzella,
Que bem que lhe respondia!

— Oh! que lindo cavalleiro,
Quem lhe dera a cortesia!
Fallar assim á menina
Que anda no matto perdida,
Não é saber defendel-a,

Nem é mostrar bizzarria.
Se me quer contar de amores
Levára-me a minha tia;
E de dia, não de noite,
Na minha porta o ouvira.—

Ouvireis agora o conde,
O que o mau conde dizia:

— Tu não vez o meu castello
Por detraz d'aquella azinha?
A tua casa está longe,
Vem na minha companhia;
Amanhã dirás a todos
Que voltas da romaria.—

— Vae-te com Deus, cavalleiro,
Mais a tua galhardia;
Que nunca da minha bocca
Ha de sair a mentira.—

— Ando a caçar no meu souto,
A caça que achei é minha;
E voto a fé de quem sou
Que a ninguem a cederia!—

— Cavalleiro que tal diz
Por villão o tomaria...
Se meu irmão aqui fôra
A lingua te cortaria
Ha de salvar-me de ti
A Virgem Santa Maria ;
Ella é minha madrinha
E eu venho da romaria.—

Na alma negra do conde
O bruto desejo ardia.
— Nem teu pae, nem teu irmão,
Nem Deus te defenderia !—

Eis que sôa na devesa
Uma grande tropelia ;
Logo um lobo embravecido
O cavalleiro investia !
Por morto no chão o deixa,
Mas comer não n'ô comia !
Sem fazer mal á donzella
Para a moita se volvia ;

Ella vendo o conde morto
Já d'elle se condoia ;
E a seus pés ajoelhada
Por aquella alma pedia.

Milagre ! o conde chorando
Do chão a custo se erguia ;
Ambas as mãos lhe beijava
Entoando — Ave Maria ! —

— Pela minha alma pediste,
Que a Deus e a ti offendia ;
Dos infernos a livraste
Dou-t'a para toda a vida ;
Não te contarei de amores
Senão amanhã de dia !
Que amanhã serás condessa
Nos paços de Santa Iria.
Cuidei que tudo era caça...
Mal haja a descortesia,
Com que tratei a romeira
Que vinha da romaria.
Vamos procurar teu pae,
Condessa Marianninha. —

De alegre salta a donzella,
Quem é que não saltaria !...
Tinha dado uma alma a Deus
E um sobrinho á sua tia.



VII

O CORSARIO

Quem dirá que d'estas aguas
Não sou eu sómente o rei?
Todo o mar Mediterraneo
Ao meu sceptro sujeitei;
Porque o meu sceptro é o leme,
Aqui só eu dou a lei.
A minha c'rôa de nuvens
A ninguem a cederei.

— Vira, vira ao cabrestante
De levarriba a virar!
Mette as ancoras a pique,
Que anda o suêste a rondar!
Chega ás ad'riças de gaviás!
Gageiro, vai desferrar;
Que o navio sente a brisa,
E tem saudades do mar.

Deita a bossa ao ferro grande!
Vai-seguida a flor d'Argel;
Batem-lhe as ondas na prôa
Como a lança no broquel;
Já no convez entra a vaga,
Com o jogar do baixel,
Que salta envolto de espuma
Como fogoso corseil!

Amura bem o latino;
A beijar! deixa gemer.
O meu navio é veleiro
E vem o vento a crescer.
Toma cuidado no leme;
Não vez o pano a bater?...
Amantilha essa retranca;
Bom; ahí. — Deixa correr,

Temos tufão; salta arriba!
Oh! mestre! mande rizar.
Os paus de cutello dentro
Sobre-joannete! ferrar.
Mette gaviás nos segundos!
Olha a barca!... bom andar.
Cuidado nas arribadas;
Oh! mestre! lesto a virar!

Lesto a virar! Leme encontro!
 Larga as escotas por mão!
 Aquartella a bujarrona!
 Olha a escola do arlimão.
 Quem prendeu aquella escota
 Em cima do corrimão?
 Tres horas sobre o galope,
 Oito dias no porão.

— Uma vela a sotavento!
 Vai na bordada do mar...
 — Chega aos braços de bombardeio!
 Timoneiro, deixa arçar.
 Quem se atreve n'estes mares,
 Que são meus, a navegar?
 Larga tudo e dá-lhe caça;
 Vamos a prezar o mar.

Oh! do galope do mastro,
 Se gostas de combater,
 Acabou-se o teu castigo;
 Tens licença de descer.
 Não ficarás sem a parte,
 Que te deve pertencer,
 Se no combate mostrares,
 Que o perdão sabes merecer.

Lça a bandeira argelina !
Vamos começar a acção ;
Tira fôra as escotilhas
Que já temos o mar chão ;
E crava o meu catavento
Em cima do corrimão ;
Pela melhor pontaria,
Darei o maior quinhão.

Vai tomar-lhe barlavento,
Aprompta para abordar ;
Faz-lhe um tiro no lume d'agua ;
É tempo de o acordar.
-- Ferio-o nas obras mortas ;
Arriou sem pelejar !
Vinte homens para a lancha !
Vão meus tributos buscar.

Se o navio fôr veleiro,
Dal-o-hei a meu irmão ;
Se traz formosas captivas,
Que ninguém lhes ponha mão !
Para vós são os thesouros,
As mulheres minhas são ;
Quem se atrever a tocar-lhes
Ficará sem coração !

Cruza gaviás! d'estas aguas
Quem dirá que não sou rei?
D'esses monarchas da terra
Não invejo a immensa grei.
São escravos do seu povo,
Aqui só eu dou a lei!
A minha c'rôa de nuvens,
A ninguem a cederei.


VIII

A ESTRELLA DO DIA

Quem hade dizer-te adeus?
Estrella desconhecida,
Brilhas de dia nos ceus,
De noite vagas perdi-la!
Só eu te via e te amava,
Quando tua luz celeste
Para ti me encaminhava.
Ninguem mais te conhecia,
Que ninguem busca as estrellas,
Depois que apparece o dia.
Todos no ceu querem vel-as,
E nunca desconfiavam,
Que a minha estrella nascia
Quando as outras se occultavam.

Oh! como eu quiz á ventura,
Quando vi que me guiavas,
E na tua luz tão pura
Minh' alma regeneravas!
Cuidei que minha serias;
Que sendo estrella do ceu,
A este mundo virias!
Por um triste como eu.—

Vê como sou desgraçado,
Pois tenho de te perder;
Para sonhar acordado
Melhor fôra não te vêr!..
Porém agora, querida,
Como viver separado
Da luz que me deu a vida?
Que nunca meus olhos cança
E quando a tenho buscado,
Sempre me disse — esperança!..
Mas se eu tinha de perder-te,
Melhor fôra nunca ver-te!
Adeus, para sempre adeus,
Oh! minha estrella querida!
Feliz de mim se nos ceus
Ficares desconhecida!..



IX

O DIABO

Em nome do Padre e Filho,
E do Espirito tambem,
Que em sua graça nos tenham
Para todo o sempre — *Amen*.

Antes de fallar no demo
Deve-se a gente benzer,
Que o velhaco arde em desejos
De nos tentar e perder.

Eu tenho-lhe tãto medo,
Que me sinto arrepiar;
Se querem saber a causa,
Um conto lhes vou contar.

Havia uma vez um conde,
Senhor de rico solar;
Casado com a condessa,
Formosa Dona Guimar.

Uma noite muito negra
Começa o conde a sonhar,
Que ao seu pagem favorito
A condessa ia abraçar.

Acorda muito zangado,
Entra no caso a pensar;
—Diabol diabol diabol—
Torna a dormir e a sonhar.

Apparece-lhe o demonio,
Começa a rir e saltar,
Fazendo taes diabruras,
Que o conde poz-se a gritar.

Vereis agora o bonito?
Era o diabo a fallar.
—Calla-te lá meu pateta!
Pois não te queres vingar?

Por tres vezes me chamaste,
Eu venho por te ajudar;
Ou fosse eu que faltasse,
Outro te obrigasse a esperar.

Bem vês que sou bom diabo...
Mas vamos negociar.
Serão meus teu corpo e alma
Se a condessa te enganar?

—Voto a todos os diabos!—
Exclama o conde a sonhar
—Que se o pagem fôr com ella,
Duas almas te hei de dar.

O demonio de contente,
Alli se poz a dançar;
E c'o a pontinha do rabo
Fez o conde despertar.

Vae-se ao quarto da condessa,
Parece-lhe ouvir fallar...
Chega ao leito enfurecido,
E mata Dona Guimar?

Ouviu uma gargalhada,
Como o demo as sabe dar;
Tinha morto uma innocente
No inferno o foi pagar.

Um homem com pés de cabra,
Com um rabo a rabear,
Armado com dois chavelhos,
Põe-se ao pé delle a bufar!

O conde, muito assustado,
Nem se benzeu nem rezou...
—Pum! — o ar cheira a chamusco
Onde o meu conto acabou.



X

O DINHEIRO

(SATYRA)

Diubeiro, inviato diubeiro
Só em ti é que eu me fundo;
Tens o direito da força,
Ês o tyranno do mundo.

Tolentino.

Povos e reis, inclinaí-vos,
Meus escravos todos sois!
Diante de mim prostrai-vos,
Arlistas, sabios, heroes!
Eu inspiro a paz e a guerra,
E posso tanto na terra
Como Deus pode no ceu.
Do vicio faço a virtude;
Não preciso quem me ajude,
O secripto do mundo é meu.

O anjo do mal no inferno
Por vingança me gerou,
Quando a justiça do Eterno
Dos ceus o precipitou.
Contra a summa sapiência
A minha infernal potencia
Antepôr na terra vim;
Os humanos por mim choram;
Se a Deus nem todos adoram,
Todos me adoram a mim!

Vinde ver no meu cortejo
O que Deus fez, o que eu fiz;
Vêde tudo como eu vejo,
E direis se—Deus o quiz.—
Eis a graça, a formusura,
Que nasceu candida e pura
Mas que cede ao meu poder...
E depois, sendo eu por ella,
Mais innocente e mais bella
Para todos volve a ser.

Nunca lhe falta um marido,
Facil em tudo olvidar,
Que de falso dó rendido,
Por mim a quer desposar.
A feia, faço-a formosa,

Faço a modesta vaidosa,
Dou ás loucas discrição ; —
E, o meu poder antepondo,
Ao rosto mais hediondo
Dou da belleza o condão.

Nem a virtude resiste
Ao meu dominio fatal;
Na minha voz sempre existe
A voz do genio do mal.
Eu tudo compro e domino,
Tudo seduso, e fascino
Quanto meu desejo quer;
Tudo comigo é victoria;
Para o homem sou a gloria,
Dou a paixão á mulher.

Do ministro tenho a graça,
Do magistrado o perdão;
Na egreja como na praça,
Eu ponho tudo em leilão.
Tudo comigo é vencido;
N'este tempo corrompido
A justiça em mim só crê.
E ail da misera innocencia,
Faltando-lhe a providencia
Que o meu povo em mim só vê!

Que vedes por toda a parte?
Só homens a calcular;
Mulheres de engenho e arte
A vender-se ou a comprar.
Só ambições e torpeza!
Lá onde existe a belleza,
Vereis a especulação;
Lá onde existe o talento,
Os que tem honra um momento
Mais caros se venderão.

Andam os paes contratando
As filhas que vão cazar;
E os noivos regateando
Para sem honra as levar.
Além, o marido infame
Recebe alegre um enxame
Dos amantes da mulher;
Um vende-a por conhecel-a,
E o outro para vendel-a
Nem a consulta sequer!

Até novos hemispherios
Vae meu amor descobrir;
E vastissimos imperios
Eu faço erguer ou cahir.
Por mim se affrontam as vagas,

Por mim a remotas plagas
Se vae a morte affrontar;
Por mim é grande a sciencia,
Que só com minha existencia
Abre a terra, o ceu, e o mar.

Para mim não ha segredos
Nem de povos nem de reis;
Eu faço e desfaço enredos,
E faço e desfaço leis.
Tudo cede a meu imperio;
E é simples o mysterio
Que me dá todo o poder:
— Oiro, mais oiro, e mais oiro! —
O que não cede a um thesoiro,
Ha de a thesoiros ceder.

Honestidade ou vergonha,
— Nomes vãos que fazem dó! —
Eu lavo toda a peçonha,
Fama, infamia, dou eu só.
Eu dou virtude e nobreza,
Poder, e gloria, e belleza,
Góso, prazeres, e amor.
— Dinheiro! dinheiro é tudo!
A todos sirvo de escudo,
A ninguem peço um favor.

Assim falla o deus erguido
Nas aras da corrupção;
E o seculo convencido
Adora-o com mais paixão:
Outro deus já não conhece;
E se o Deus do ceu se esquece
De taes erros castigar,
Verá um dia o dinheiro,
Rival de Deus verdadeiro,
Tendo a terra por altar.



XI

O CEU É SUA PATRIA

Alma miuha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente;
Repousa lá no céu eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.

Camões.

Espírito immortal porque tão breve
Deixaste o gentil corpo abandonado ;
Tornando em fria desmaiada neve
As vivas rosas de que fôra ornado ?

Branca, mais branca do que a luz do dia,
Lhe pende a face descorada e bella ;
Aonde a vida que ao amor sorria
Parece ainda suspirar por ella.

Nos labios puros, fonte dos amores
Aonde doce vida amor bebera,
Deixou a morte desbotadas flores,
Mudando a rubra côr em côr de cêra.

Porque assim dos seus olhos te apartaste,
Formosa luz do ceu branda e serena,
Aquelles que no mundo allumiaste
Agora ficam em perpetua pena !

O fanal que os guiou noites e dias
Ao sópro se apagou da eternidade ;
Extincta a chamma, sobre as cinzas frias
Já não suspira amor, geme a saudade.

Espirito immortal, de luz se veste ;
Sóbe purificada aos ceus a alma ;
E alli, o coro angelico e celeste
Lhe dá da vida eterna a eterna palma.

Um anjo, que por Deus fôra escolhido,
Ensinar a virtude ao mundo veio ;
Agora que a missão tem já cumprido
Entra de novo do Senhor no seio.

Por todos que na terra conheceste,
Por quem, mulher te amou, e anjo te adora,
Pede a Deus! — tu, que a gloria mereceste,
Pede a Deus que perdôe a quem te chora.



XII

DEVER

Bem sei que devo fugir-te,
Que é meu destino perder-te ;
Se não posso possuir-te
Não devo tornar a ver-te.
E posso dizer-te adeus,
Sem deixar contigo a vida ?
Quando for a despedida
De mim se dôam os ceus!..

Partir ! levando a lembrança
De que só por ti vivia !
Partir ! sem um esperança
Para voltar algum dia !...
E tu deixas-me partir ?
Mas se amor por mim sentiras,
De Deus, do mundo fugiras
Para o amante seguir !

Oh! perdão... isto é demencia,
E saudade, amor e pena;
Porque a voz da consciencia
A fugir-te me condemna.
Nunca mais te posso ver,
Nem seguir teus olhos bellos;
Nem teus formosos cabellos...
Nem por ti jamais soffrer!

E amavas-me? é verdade?
Choras por mim? isso basta;
Cale-se a voz da saudade,
Que o dever de ti me affasta.
Eu tambem choro por ti;
Eu, que a ventura seguia
Que á terra e ceus a pedia,
Fugi della quando a vi!

Não posso, nem devo amar-te;
Mas como apagar a chamma
Que no instante de deixar-te
Em vez de morrer se inflamma?
— Esquecer-te? nunca, oh! não —
O fugir é já bastante...
Onde eu fôr, o ten semblante
Ha de ir com meu coração

E tu podes ser ditosa
Nunca mais tornando a ver-me ?
Mais adulada e formosa
Podes acaso esquecer-me ?
Tuas maguas terão fim
Tendo tu novos amores ?
A cidade, o campo, as flores
Não te fallarão de mim ?

Não soltarás um lamento,
Quando os suspiros sentidos,
Que leva o sopro do vento,
Chegarem a teus ouvidos ?
Sabendo que são os meus
Não sentirás, doce amiga,
Este dever que me obriga
A dizer-te agora adeus ?

Oh ! se eu fôr de ti lembrado
Volve logo os olhos bellos ;
Que me verás a teu lado
Com a bocca em teus cabellos ;
Cabellos que Deus creou
Para prender uma vida,
Que esta cruel despedida
Ao dever sacrificou !

Adeus, pois, adeus, querida ;
Por te amar sou desgraçado !
Fôra menos dar-te a vida
Que o fugir, tendo-te amado.
Levo morto o coração,
Porque o levo sem ventura ;
Morto, por essa loucura
Que o mundo chama razão !

Adeus, pois ! se tu pensares
O quanto eu perco em perder-te ;
Se algum dia te lembrares
Que jámais posso esquecer-te :
Olha bem tudo o que eu fiz,
E se não fores ditosa
Volta á minh' alma saudosa,
Vem comigo ser feliz.



XIII

NÃO ÉS TU

Não és tu; a mulher que eu amava
Já não vive senão em minh'alma;
Já dos anjos a fulgida palma
Lhe foi dada no reino dos ceus.
Bem lhe ouvi o adeus derradeiro
Suspirado na voz que morria;
Bem ouvi da sua bocca já fria
Despedir-se o amor n'esse adeus.

Não és tu; a mulher que eu amava
Só por mim a paixão conhecia;
Para mim só no mundo vivia,
Outro affecto jámais cobiçou;
Só por mim se adornava nas festas,
Para mim se cobria de flores,
Só comigo fallava de amores,
E só morta de mim se apartou.

Não és tú; a mulher que eu amava
Nunca foi como tu inconstante;
Como tu não mudava de amante,
Nem de gelo era o seu coração;
Os seus meigos e languidos olhos,
Se julgavam os meus criminosos,
Para mim se volviam piedosos
Trasbordando de amor e perdão.

Ai! perdi a mulher que eu amava!
Mas ainda uma sombra querida
Vem lembrar-me do tempo e da vida,
E do amor que a ventura nos deu;
E eu creio que, morta na terra,
Foi por Deus convertida em estrella;
E saudosa de mim, como eu della,
Os meus olhos attráe para o céu.



XIV

só

**Sobre o ramo do pinheiro,
Que a tempestade lascou,
Chora a rôla o companheiro
Que a morte lhe arrebatou.
Chorou de dia e de noite
Mas o amante não voltou.**

**A solitaria avezinha,
Não podendo á dor fugir,
Outro sustento não tinha
Senão gemer e carpir;
Até que, sentindo a morte,
No chão se deixou cahir.**

Como a rôla abandonado,
Tambem eu vivo a gemer;
Tambem de chorar cansado
Quizera poder morrer;
Mas é peor meu destino,
Que é de chorar e viver.

A minha alma toda é lucto,
É lucto o meu coração;
Da saudade o amargo fructo,
Nos meus olhos nasce em vão;
Que o chorar não torna á vida,
E é triste consolação.

Viver só! n'um mundo immenso
Onde não tenho ninguém;
Andando como suspenso,
Ancioso buscando alguem;
E vendo a todos estranhos,
Estranho eu delles tambem!

Estender com ancia o braço,
Procurando a mão dos meus;
E achar sómente o espaço,
Toda a solidão dos ceus!
Sempre sósinho na terra,
Como um castigo de Deus!

*

Longas noites de-vigília,
Dias de negro pesar;
Eis-aqui toda a família
Que me rodeia o meu lar!
Foi a dor meu patrimonio,
A minha vida é chorar.

Pão, e mãe, irmãos queridos,
Meus thezoiros de affeição!
Uns distantes e perdidos,
Outros debaixo do chão...
A minha alma está deserta,
Deserto o meu coração!

Sósinho, n'este abandono,
Que me resta senão Deus?
Como as folhas que no outono
Dispersa o vento dos ceus;
Pela vontade do Eterno
Vi dispersados os meus!

Faça-se a vossa vontade,
Senhor! que tudo podeis!
Que eu chore eterna saudade,
Pois vós assim o quereis;
E cumprindo o meu destino
Obedeço ás vossas leis.

XV

MARIA

Propter uocem tuam.

Maria, porque me deixas
N'este viver d'esperança?
De minhas amargas queixas
O teu coração não cança?
Como hei de esperar ventura
De tanta desesperança!...

A ti vòo o meu desejo,
Se te não tenho a meu lado;
E nos meus sonhos te vejo,
Como se fôra acordado;
Porém de sonhar contigo,
Acordo sempre enganado.

Tu que me serves de guia,
Minha perdição não queres;
Se o nome tens de Maria,
Será bom quanto fizeres;
Pois quem te deu esse nome
Foi bemdita entre as mulheres.

Não dês á Virgem desgosto,
Nem a mim me dês castigo;
Mostra que o nome é bem posto,
Sendo piedosa comigo;
Como Deus foi com Maria,
Meu amor será cõmtigo.

Do nosso affecto em tributo,
Nascerão viçosas flores;
E será bemdito o fructo
Que brotar dos teus amores;
E tu bem cheia de graça,
Se comigo sempre fores.

Só me basta ver teu riso
Para me encher de alegria;
E eu creio no paraíso
Com a tua compaõhi;
E tambem creio que inferno
É viver sem ti, Maria.

Por teu nome, por tua alma,
Pois que martyr me fizeste,
Do martyrio dá-me a palma,
Se é palma de amor celeste.
Para os ceus te hei de ir seguindo,
Se foi dos ceus que vieste.

Deixa-me viver contigo,
Leva-me aonde quizeres;
Só tua voutade sigo,
Farei o que me disseres;
Ou sejas anjo entre os anjos,
Ou Maria entre as mulheres.



XVI

O ANJINHO

A MANUEL JOSE GONÇALVES

*Justus Dominus in omnibus viis suis, et sanctus
in omnibus operibus suis.*

Ps. CXLIV. v. 18

Era o silencio profundo,
E essa mudez dizia:
Que ninguem cá neste mundo
Tamanha dor entendia;
A dor da mãe abraçada
Na filhinha amortalhada!

Oh! como ella contemplava
Essa porção da sua vida!
A triste ás vezes cuidava
Ter a filha adormecida;
Como ella já não gemia,
Cuidava a mãe que dormia!

Mas logo quebrava o encanto
Do pae a acerba saudade,
Redobrando a dor e o pranto
Porque lembrava a verdade.
A mãe de novo a chamava,
Mas ella não acordava!

Com mais amor e carinho,
Nos seus braços apertando
O frio corpo do anjinho,
Ao pae o mostra chorando:
Fructo de amor tão querido,
Por mãos da morte colhido!

Depois, os padres cantando
Ao cemiterio o levaram;
Devotamente rezando
Na terra fria o deitaram;
O pae de longe os seguia
Sem saber o que fazia.

Não chores, pae desolado,
E diz á esposa querida,
Que um anjo a Deus tendes dado
N'essa fil.inha perdida;
Um anjo que lá nos ceus
Por nós todos pede a Deus.

XVII

CONSELHOS

(SATYRA)

Mura
Tende as satyras p' r' boaa.
.
Tu dás golpes nos costumes.
E evitam qae é nas pessoas.

Talentino.

Queres ser feliz na terra?
Querido por toda a gente?
Pois teu rosto aberto e franco
Transforma em rosto impudente.

Não mostres intelligencia,
Deixa a sandice reinar;
E não ralhes á calumnia,
Quando os teus assassinar.

Adora a maledicencia,
Não deixes ninguém em paz;
Nem ao teu maior amigo
Poupe a satyra mordaz.

Faz-te insolente e pedante
Quando entrares nos salões;
Das impudicas mulheres
Lisongeia vis paixões.

A estas falla de amores,
E em politica aos maridos;
E nos seios que ellas mostram
Põe os olhos atrevidos.

Louva a brancura das carnes,
Que a victoria é quasi certa;
Nem duvides pôr a bocca
Sobre a espadua descoberta.

N'este tempo, e nesta terra,
De tudo se faz leilão;
Tudo se compra e se vende,
Porque tudo é corrupção.

Se queres ter importancia,
Fallá do que não entendes;
Vendo-te todos os dias,
E diz que nunca te vendes.

Aspira a todos os cargos,
Que muitos has de obter;
Allegando mil serviços,
Que ninguem te viu fazer.

Quanto mais parvo te faças,
Quanto mais inutil fores,
Ganharás maiores honras,
Acharás mais protectores.

Não dês quartel à vergonha,
Nem tenhas opinião;
Affronta, insulta a virtude,
Mas ao vicio estende a mão.

Da desgraça e da miseria
Não dês ouvidos á voz;
Reserva para os que choram
Zombaria e riso atroz.

Ao roubo e crime não cores,
Tira o chapéu com respeito;
Bem vês que passam de coche,
E tem commendas ao peito...

Se estes conselhos seguides
Ninguem te ha de fazer guerra;
Serás vil, infame, e nescio,
Mas será feliz na terra.



XVIII

PRIMAVERA

Vens em vão, oh ! primavera,
Sorrir-me com teus verdores!
Dias de abril e de maio
Levai os vossos fulgores,
As vossas manhãs formosas,
As vossas mimosas flores

Dos vossos doces aromas
Que me importa a intensidade?
Eu já não tenho alegria,
Não tenho já mocidade.
Do provir só medo tenho,
Só do passado saudade.

Que me importa d'outras flores
O perfume recendente,
Se as rosas da minha vida
Murcharam rapidamente?
Do primeiro sol do estio
Queimou-as o fogo ardente.

Vai-te, pois, oh! primavera,
Que apenas por mim passaste;
Eu amava o ceu e a terra.
Quando de mim te apartaste;
Meu primeiro amor tu foste,
Primeiro me abandonaste.

Agora pouco me importa
Ver fugir os teus verdores;
Se tenho menos tristeza
Diante dos teus fulgores,
Tambem mais da mocidade
Lastimo as perdidas flores.



XIX

O AMAZONAS

A AGOSTINHO JOSE DE ALMEIDA.

I

Leguas mil a correr, furioso, alaga
O solo d'este fertil continente;
Na corrida feroz o cedro esmaga,
E montes leva na voraz corrente!

Veia enorme que a sabia natureza
No corpo introduziu do novo mundo,
Mostrando que tem forças e grandesa
Para um rio egualar ao mar profundo!

Bem largo oceano sua foz parece,
Aonde o mar em vão tenta sustê-lo;
Porém vendo que a força lhe fallece
Resigna-se no leito a recebê-lo.

E o gigante dos rios magestoso,
Rasgando o seio do soberbo oceano,
E suspendendo o curso impetuoso,
Assim falla em idioma lusitano,

II

Ondas do mar não cuideis
Que me assustais;
Vinte leguas me vereis,
Ou inda mais.

Eu dos rios sou o rei,
Como sabeis;
E por isso, bem o sei,
Me não quereis.

Como entrada vos não dou
No leito meu,
Louco, o mar tambem tentou
Negar-mê o seu.

Mas eu faço-o murmurar
Junto a meus pés,
Em quanto o vou adoçar
Por leguas dez.

Ao encontro dos que vêm
Para me ver;
De longe correr também
É meu dever.

Mas a gente d'além-mar,
Quem m'a mostrou?
Seu viver e seu fallar,
Quem m'o ensinou?

Quem os trouxe d'outros ceus
Ao meu sertão,
Para dar aos filhos meus
Religião?

Quem meu nome foi levar
Do mundo além?
Foram as aguas do mar,
E mais ninguém!

Meus productos vão vender
Aos europeus;
Ao meu seio vem trazer
Todos os seus.

Como tu, oh! mar, sou rei;
És meu irmão;
Tu nas costas dás a lei,
Eu no sertão.

III

Com altivez as vagas
Attentas o escutaram,
E para novas plagas
Soberbas se voltaram.

Movidas com violencia
Do tumido gigante,
A sua omnipotencia
Pregóam já distante.

Descrevem-lhe a riqueza
Da terra que percorre,
A fertil natureza
Aonde nasce e morre.

O mundo de pasmado
Não crê taes maravilhas;
D'um sonho desvairado
Cuidando que são filhas.

Mas eu, que o rio immenso
Vou navegando agora,
A contemplar suspenso
Dos bosques seus a flora;

Que a sua voz escuto,
Soberba murmurando,
E em tom absoluto
O seu poder cantando;

Eu, pobre desterrado,
Sobre as turbidas aguas
Do rio agigantado
Chorando minhas maguas;

Do meu paiz distante,
E cheio de saudade,
A divagar errante
Por triste soledade;

*

Vou traduzir do rio,
Na voz da minha lyra,
O rude murmúrio
Que seu poder lhe inspira.

A pavida corrente,
Que os montes seus aballa,
Descendo fera, ingente,
Assim soberba falla :

IV

Sou dos rios o primeiro,
No mundo não tenho igual,
Nem sob o ceu do cruzeiro,
Nem sob o ceu boreal!
Corto quasi um hemispherio ;
Orgulho sou d'um imperio
Onde corre o leito meu.
Do Nilo a fama se calle,
E o Mississipi não falle,
Que o Amazonas sou eu!

Nas minhas aguas barrentas
Ha ondas como as do mar,
Erguidas pelas tormentas
Que vem meu côlo agitar.
Nas minhas vagas ferventes
Tambem mergulham ardentes
As azas do furacão!
Eu gero monstros informes,
Colossaes, brutos, enormes.
Prodigios da creação.

Tenho peixes de mil cores,
E tartarugas tambem ;
Ilhas cobertas de flores
Sobre mim boiando vem.
Mil rios de nomes varios,
Mil rios meus tributarios
Me conhecem por senhor ;
Aguas verdes e aniladas,
Pretas, vermelhas, douradas,
Em meu seio vem depôr,

Eu tenho matos de rosas,
De assucenas, e jasmim,
Onde crescem as mimosas
Abraçadas no angelim.
Tenho selvas de itaúba,

De cedro, e maçarandúba,
De pau d'arco, e condurú ;
Onde a canella, e baunilha,
O cravo, a salsa parrilha,
Se enlaçam ao cumarú.

Guerreiras tribus sustento
No fundo dos meus sertões ;
E nas margens dou assento
Aos restos de cem nações.
Pelas minhas ribanceiras,
Ao lado das bananeiras,
Vive o formoso ananás,
Aos lados dos cajueiros,
Goiabas e araçazeiros,
E doces maracujás.

Tenho abacates, e mangas,
Abios e bacoris ;
Tenho as acidas pitangas
E os doces saputis.
Do assucar tenho a cana,
E cresce a nicodiana
Ao pé dos algodoaes.
Selvas são meus cacãoeiros,
Bosques os meus cafezeiros,
Cem leguas meus arrozaes.

Entre as tintas preciosas
Tenho anil e tatajuba ;
Nas plantas mais venenosas
Urari, e a caxinduba.
Tenho os oleos e resinas,
Os leites e gomas finas
Que vendo a muitas nações ;
Das Indias crio a pimenta,
E a mandioca rebenta
Por todos os meus sertões.

No meio dos meus palmares
As aves de fina côr,
Em ternissimos cantares,
Se juram eterno amor.
A brisa de amor suspira,
Amor a selva respira
Nos mil perfumes que tem ;
E sob este ceu ardente
A onça, o tigre, a serpente
Amor se dizem tambem.

Nos meus vastissimos lagos,
Entre a flor do mururé,
De amor os ternos affagos,
Tambem sente o jacaré.
Em torno a mim todos amam,

Todos os peitos se inflamam
Com o sol do meu paiz;
Tudo é paixão e ternura,
É tudo amor e doçura,
Tudo em torno amor só diz.

Minhas languidas selvagens,
Astros do ceu do Equador,
A quem as brandas aragens
Levam dos bosques a flor,
Não tem na face mimosa
A cor vermelha da rosa,
Nem a alvura do jasmim;
Mas tem a cutis morena
Macia como a assucena,
Mais liza do que o selim.

São tapuias, mas tão bellas
Como as brancas d'além-mar;
Seu coração, como o dellas,
A paixão faz palpitar
Seu amor tem mais ternura,
Tem seu fallar mais doçura,
Seu olhar mais languidez;
Ninguem as vence em caricias,
Ao amor dão mais delicias,
E mais doce embriaguez.

Nadando como as sereias,
As vejo no leito meu,
Querendo apagar nas veias.
O fogo que Deus lhes deu;
Porém minhas brancas aguas
Domar não podem as fraguas,
Que a paixão faz acender;
Tudo aqui a amar convida,
São tudo flores e vida,
É tudo amor e prazer!

Eu tenho riqueza mensa
Em brilhantes e metaes;
Eterno perfume incensa
Minhas aguas colossaes.
Tenho monstros e tormentas,
E florestas corpolentas
Em vastissimos sertões;
Tenho gigantescas flores,
Aves de todas as cores,
E povos de cem nações.

Os meus astros são formosos,
Não os ha de igual fulgor!
Meus animaes temerosos
Causam aos homens pavor.
Tanto poder e grandeza

Que deus deu á natureza,
E a natureza me deu,
Ninguém mais o tem no mundo,
Pois eu não tenho segundo,
Que o Amazonas sou eu.

V

Assim fallam as aguas magestosas
No murmurar da rapida corrente,
E a seu lado recosta-se indolente,
Soberbo um povo pelas ver e ouvir;
Mas que será de ti, rio famoso,
Quando os braços do tempo e da sciencia
Do teu curso domarem a violencia,
Transformando-te aos olhos do provir?

Quando o machado nivelar teus bosques,
E o ferreo carril abrir teus montes;
Quando invadirem tuas grandes fontes
A hydralica, as artes, e o vapor;
Quando cortadas as florestas virgens,
Que hoje te dão soberba magestade,
Erguer em cada legua uma cidade
O genio do porvir civilisador?

Quando as selvas de cedro succumbirem,
Roubando a tuas margens teus verdores,
Teus perfumes, teus hymnos, teus amores,
A harmonia das tuas solidões?
Em tuas ribas surgirão palacios,
E teu solo poetico e florido,
Por machinas enormes revolvido,
A face mudará dos teus sertões.

Mil navios verás e varios povos,
Dia e noite ouvirás linguas estranhas,
Sem que repita o ecco das montanhas
A lingua que o teu povo conheceu!
Porém com a sciencia da luz nova,
Que te venha arrancar a barbaria,
Conhecerás tambem como a poesia
Com a tua rudeza feneceu.

O bafo pestilente das cidades,
A corrupção que o seio lhes devora,
Nos mesmos sitios que percorro agora
Virão um dia celebrar festins!
E tu verás na tez acobreada,
Das que são hoje virgens innocentes,
Succederem-se os beijos impudentes
Às candidas capellas de jasmins!

Oh ! não, meu rio ! não te civilises
Pois vive em tua virgem natureza
Uma imagem de Deus, uma grandeza,
Que leva para os ceus a aspiração.
E nas cidades onde o vicio reina,
Onde o dinheiro como Deus se adora,
Foge a religião a cada hora
Porque Deus vive só na solidão.



XX

LUZ MYSTERIOSA

I

Estrella do ceu vivida
Cujo rasto eu perdi,
Surge de novo languida
Como ha tempos te vi.

Por ti minh'alma timida
Inunda-se de amor,
Quando meus olhos avidos
Enches de teu fulgôr.

Oh! minha luz, meu idolo,
Rompendo a escuridão,
Conduz teu brilho mystico
À minha solidão.

Faz no meu peito gellido
A esp'rança renascer ;
Eu vivo sem ter animo,
E posso-me perder.

II

Ouves, clamando horrida,
A voz do furacão?
Róla do ceu nos terminos
O ecco do trovão !

A lua cinge tremula,
De nuvens denso veu ;
E nem uma luz pallida
Brilha no escuro ceu.

Reserve o mar indomito
Do raio á breve luz ;
O marinhaeiro intrepido,
Ja clama por — Jesus! —

Na antena a onda pavida
Rebenta, sob ao laes;
Mergulham-se no pelago
Enxarcias e brandaes!

E d'agua serras tumidas,
Umás sobre outras vem!
Em vão a es'perança tímida
Se vê raiair além.

Além o porto, a patria,
Aonde estão os meus,
A quem, vertendo lagrimas,
Disse — partindo — adeus!

Além a terra prospera,
A mãe, a amanto, o amor...
Porém em breve o jubilo
Se vae tornar em dor.

III

Cresce a procella de impeto
Aos eccos do trovão;
Sibilla o raio fulgido
Sobre a mastreação!

Ao duro golpe, o rigido
Arvoredo tremeu,
E com horrendo estrepito
Na tolda se abateu !

Na rota prôa, turbido
Bramindo, o mar entrou ;
Um turbilhão de victimas
Comsigo arrebatou !...

Salta, rebenta, servido,
Faz o casco estalar,
Depois no abysmo tetrico
Sumir-se e não voltar.

Soou um brado ultimo
D'angústia, d'afflicção,
Cobrindo ao mar o fremito
E a voz ao furacão !

Depois sinistra, lugubre,
Triste a manhã rompeu ;
No ceu nublado e humido
O sol não appar'ceu.

E lá na costa gellida
Que dor, que angustia vae !
Chora a donzella timida,
Irmão, amante, ou pae !...

IV

O nauta ao porto proximo
A terra não tocou;
Que a sua luz fatidica
Primeiro se apagou.

Eu tambem neste Golgotha
Onde vivo a soffrer,
A minha estrella vivida
Verei desappar'cer?

E sem que a luz purpurea
Da aurora que sonhei,
Me faça ver o idolo
Que nunca reneguei?...

Oh! minha estrella provida
Conduz-me até ao fim;
Sempre tua luz candida
Brilhe só para mim.

Oh! guia-me bem rapido
Ao porto que sonhei!
Porque só a ti, credulo,
A vida contiei.

V

Acaso, oh! rosa mistica
Podes-me abandonar,
Ao som das aguas, misero,
Perdido no alto mar?

Tu és o doce vinculo
Com que me prende amor;
E o teu brilho o balsamo
Que atranda minha dor!

E não te offusques timida
Por um mortal te amar;
Se és um anjo, salva-me,
Se luz, vem-me guiar.

Mas se teu brilho é perfido
E tem de se apagar;
Em tua ardente orbita
Oh! deixa-me abraçar.

Sendo teu fogo o thalamo
Que agora me seduz;
Será tambem meu tumulo
Depois de morta a luz.

XXI

NÃO AMES

Dizem teus olhos amor,
Amor a idade florida
Que revela o teu fulgor;
Logo ao começo da vida
Amor diz tua innocencia,
Teus sorrisos, teu pudor.

E tu com teu meigo olhar,
Procuras timidamente,
Amor na terra encontrar.
Mas, oh! virgem innocente,
Se a paixão dorme em tu'alma
Não a deixes despertar.

*

Por mim te posso dizer
Que prego tem a ventura,
Que o amor faz conhecer;
Pois com annos de amargura
Tenho comprado no mundo
Cada instante de prazer.

Oh! não ames, anjo, não!
Affasta de mim teus olhos,
Fecha-me o teu coração;
A terra é cheia d'escolhos,
Eu sou, como os outros homens,
Um monstro de ingratidão.

Foge delles e de mim;
Não deixes tua belleza
Immolar em vil festim;
Porque a bruta natureza,
Estranha ao amor dos anjos,
O goso só tem por fim.

Eu não te quero mentir,
Se foi do ceu que vieste
Para lá torna a fugir;
Porque só o amor celeste,
Amor que por Deus é dado,
Tu'alma deve sentir.

O sacrificio que eu fiz,
Em te dizer a verdade,
Recusando ser feliz;
É porque na tua idade,
Que não creias na virtude
Ainda o vicio não diz.

Não ames, pois; é fatal
Toda a paixão que na terra
Fêre um peito virginal;
Daqui teus olhos desterra,
E procura os teus amores
Na patria celestial.



XXII

A J. VIANNA

Tu que tens nas tempestades
A verdadeira poesia,
No poeta das cidades
Como has de achar harmonia ?
Busca no mar e nos ventos,
Procura nos elementos
O que te não posso dar.
A terra não tem encantos,
Para quem conhece os cantos
Da voz eterna do mar.

XXIII

DEVANEIO

Veio a flor dos meus amores
Do ceu ;
E quem a viu entre as flores
Fui eu.

Como a violeta singella,
Nasceu ;
E no meu peito mais bella
Viveu.

Todos os olhos que a viam
Prendeu ;
Mas a quantos a seguiam
Perdeu.

Quando o amor que ella me tinha
Tremeu,
A fé que do ceu me vinha
Morreu.

Minha fronte amarterida
Pendeu ;
A uma illusão perdida
Cedeu.

E o meu coração triste
Gemeu ;
Mas logo a ti que o feriste
Volveu.

Em mim o extremo amoroso
Cresceu,
E teu coração cioso
Venceu.

Trata sempre com brandura
O meu ;
Que só deseja e procura
O teu.



XXIV

PERDIDOS !

Eu nunca te quiz perder ;
Se tu perder-me quizeste,
Meu sêr unindo a teu sêr,
Dois desgraçados fizeste.
Ai ! nós ambos nos perdemos
E tu culpa não tiveste.

Se houve culpado fui eu ;
Quiz ler no teu pensamento
Não sabendo ler no meu !
Procurei no teu alento,
Para minh'alma captiva,
Esperança e salvamento.

Mas contigo me perdi ;
Cuidava luz d'esperança,
A luz que em teus olhos vi !
E não sei n'esta mudança
Se amar-te foi um inferno,
Se uma bemaventurança.

Quem me pode perdoar
As impiedades que digo,
E as culpas de te amar ?
Fui criminoso contigo ;
Se agora tentas fugir-me
Eu, perdido, inda te sigo.

Temes das iras do ceu ?
Mas se nós ambos peccamos
O mais culpado fui eu.
Ambos do mundo fujamos,
Que o perdão de Deus teremos
No muito que nos amamos.



XXV

OS PIRATAS

O'er the glad waters of the dark blue sea,
Our thoughts as boundless, and our souls as free,
Far as the breeze can bear, the bill we foam,
Survey our empire, and behold our home!
These are our realms, no limits to their sway --
Our flag the sceptre all who meet obey.

The Corsair — Byron.

Sobre as ondas do mar é nossa patria
Onde reina comnosco a tempestade;
Onde vive e não morre a liberdade,
E até onde nos leva o furacão!
Onde livres as almas e as ideias
Discorrem no horisonte sem barreiras;
Onde se humilham todas as bandeiras
Ao nosso obedecido pavilhão.

Olhai em torno: pelo nosso imperio
Folgam ridentes, azuladas vagas;
Doces perfumes de longiquas plagas
Nos enviam as brisas sem cessar;
D'uma ilha mesquinha onde nascemos
O mundo quasi inteiro dominamos,
E se por toda a terra não chegamos,
Correm nossos navios todo o mar.

Quem se atreve a seguir a nossa esteira?
Quando rugem iradas as procellas,
Quem ousa, sem ferrar todas as vellas,
Á furia da tormenta resistir?
E quem conserva mastareus á cunha
Quando joga o navio em calmaria?
E quem por negras noites ousaria
Inimigas esquadras perseguir?

Só nós; ao soffrimento indifferentes,
Que do polo do sul ao polo norte,
Zombando dos perigos e da morte,
Não sentimos dos tempos o rigor;
Só nós podemos dominar as ondas!
Embora nos alcunhem de piratas,
Mas aonde não vão nossas fragatas
Tambem os mares não terão senhor.

Deus formou para nós os elementos,
O homem para nós fez os navios;
Nasceram os canhões de nossos brios,
De nossas armas o terror nasceu.
Vôa connosco o anjo da victoria
Submissos povos para traz deixando,
Vão nossas baterias arrazando
Toda a barreira que ante nós se ergueu.

São de ferro e de bronze nossas quilhas,
Em nossas bordas não penetra a bala;
E nossos mastros, quando o raio estala,
Ficam immoveis contemplando os ceus!
E nem gemem sequer nossas enxarcias
Quando do mar as alterosas vagas
Nos atiram a cima das ostagas,
Com os seus temerosos esgarceus!

Corremos com os laizes sobre as ondas;
O nosso pavilhão agoita os ares,
A nossa artilheria varre os mares,
E elementos e homens faz tremer.
Nunca damos a pôpa aos inimigos,
Nem as nossas bandeiras arriamos;
Mas os nossos paioes incendiámos
Quando já não podemos combater.

Se nos chamam corsarios e piratas,
Quem do mar nos disputa o predominio?
Esses que pedem nosso patrocínio,
Que só vivem de nossas protecções?
Que offendidos de seus adversarios
Só ousam revelar sua inergia,
Quando os proteje a nossa artilheria
E a sombra dos nossos pavilhões?!...

Somos piratas, sim! porque das ondas
Domam nossos navios os furores;
Nosso imperio não soffre dois senhores,
Nem o nosso poder um só rival.
Mas ai! daquelles que nos conheceram
E o nome terrivel revelaram!
Uma vez que piratas nos chamaram,
O nosso imperio lhes será fatal!

As nossas prôas abrirão seus portos,
E nós iremos, sem temer a guerra,
Ao coração de sua mesma terra
Pedir tributos a seus proprios reis.
Levaremos a ruina ao seu commercio,
E ás suas colonias as rapinas;
E tudo deixaremos em ruinas,
Ou tudo obedecendo a nossas leis.

Seu orgulho e seu nome despresando,
Calcaremos aos pés sua bandeira ;
Quanto mais a nação seja guerreira
Mais humilhada ficará por nós ;
E os escravos hão-de vir submissos,
Atterrados de ver nossas fragatas,
Implorar a clemencia dos piratas
Nas escadas dos nossos portalós.

Ai! dos que cegos de vaidade estulta
Se atrevam a tomar-nos barlavento,
Pois o premio do seu atrevimento
Em nossas baterias acharão!
De sua audacia temeraria e louca,
Embora saibam perecer com gloria,
Nem as ondas do mar guardam memoria,
Nem os rapidos eccos do canhão.

Nós não somos corsarios argelinos,
Ora vencidos ora vencedores;
Captivos uma vez, e outra senhores
Dos navios suspeitos a fugir;
Nós, jamais evitámos o combate!
A luta para nós é a exsistencia;
E quem offenda nossa omnipotencia,
Abatido ante nós tem de cair.

Livres corremos pelo nosso imperio,
Com prazer aspirando a marezia,
No monotono arfar da calmaia,
E no rouco estridor dos furacões;
Somos piratas! porém livres somos!
E não ha maior bem que a liberdade,
Que vem de Deus, do ceu, da immensidade,
Das procellas, das lutas, dos canhões!

Oh! livres! como vóam nossas prôas,
Por ondas livres que ellas vão cortando;
E as aves livres pelo ar cançando
Nos vem das vergas repouisar no lais.
Oh! liberdade! liberdade é a vida
Que nós vivemos no deserto oceano!
É livre o vento que nos enche o panno,
Como as brisas que gemem nos estais.

Nos topes orgulhosos dos piratas,
Fluctua a bandeira da victoria;
—Pelejar e vencer—eis nossa historia,
Todo o nosso futuro é pelejar.
Quando nossas insignias se arriarem,
Não por nós! mas por mão desconhecida,
Ou os piratas não terão já vida,
Ou já senhores não serão do mar.

Mas no tope da ultima fragata,
Ou na lancha do ultimo navio,
Sobre as aguas do mar, ou nas do rio,
Havemos defendel-as como a Deus!
Da bandeira nos vem o nosso alento;
Não perdemos jamais a confiança,
Em quanto a vemos, astro d'esperança,
Como um signal a tremular nos ceus.



XXVI

O CAÇADOR E A TAPUYA

« Tapuya, linda tapuya,
« Que fazes no cacáoal! »
— Por aqui é meu caminho
Para ir ao cafezal. —

« Nem por aqui faz caminho,
« Nem ha café que apanhar;
« Tapuya, linda tapuya,
« Que vinhas aqui buscar? »

— Eu ia apanhar goiabas
Para dar a meu irmão. —
« Ficam á beira do rio
« Não é n'esta direcção. »

— Ando em busca de baunilha,
Que minha mãe me pediu. —
« Menina, nos cacãoeiros
« Nunca a baunilha subiu. »

— Pois então... eu vou ao lago,
D'onde meu pae hade vir... —
« Ao lago por estes sitios !
« Para que estás a mentir ? »

— Se o branco tanto pergunta,
Que já não sei responder... —
« Se tu dizer-me não queres,
« O que' vens aqui fazer ! »

« Todos os dias te vejo
« No meu cacãoal andar ;
« Sempre seguindo meus passos,
« Meus olhos sempre a fitar.

« Pergunto-te o que me queres,
« E tu olhas para mim ;
« Ou para longe te affastas,
« Sorrindo-te sempre assim !

« Vens assustar-me as cotias,
« Pois nenhuma inda avistei;
« Mas se tornas a seguir-me,
« A teu pae me queixarei».

— Adeus, branco; vou-me embora
Para não tornar a vir;
Se o branco não achou caça,
Não fui eu que a fiz fugir.

Não assusta a minha idade;
Que sou bella o branco diz;
Mas o que meus olhos mostram,
O meu branco ver não quiz.

Eu sósinha atraz do branco,
Pelo cacáoal andei;
E o branco vem queixar-se
De que a caça lhe assustei!

Era a caça quem caçava
Ao cego do caçador!...
Quem vê tão pouco não caça,
Que caça... adeus, meu amor. —

« Anda cá, linda tapuya,
« Não vás assim a fugir;
« Tuas palayras tão doces
« Volve, volve a repetir.

— Para traz não volve a caça,
Meu branco, aprenda a caçar;
Quem deseja caça fina
Deve-a saber farejar. —

Disse a tapuya, e na selva
Para sempre se occultou;
Mas o caçador das duzias
Parvo da caça ficou.



XXVII

PERDOAS-ME ?

Deixa-me ver no teu rosto
Os signaes do meu perdão;
Occulta-me o teu desgosto,
Que é minha condemnação.
Por cada sombra que vejo,
Cobrir-te as rosas do pejo,
Dos remorsos sinto a dor ;
Oh ! perdôa meus ciumes !
Não me ouvirias queixumes
Se não fôra o meu amor.

É talvez grande maldade
Atrever-me a murmurar,
Do poder da divindade
Que me pode castigar;
Mas que queres? temo tanto
Ver quebrar o doce encanto,
Que teus olhos prende aos meus!...
E se me não perdoares,
A falta dos teus olhares
Me fará descreer de Deus.

Eu confesso o meu peccado,
Dóe-te do meu coração;
Diz-me que estou perdoado,
Por ter feito a confissão.
Foi caso de consciencia...
Mas não me dês penitencia,
Que juro de me emendar.
Sê hoje boa comigo,
Porém dobra-me o castigo
Quando eu tornar a peccar.



XXVIII

A MULHER DE MARMORE

Raphael :

O fille de marbre ! fille de marbre.

Marco :

Ah ! tenez, mon cher Raphael, vous êtes ridicule.

Les Filles de Marbre

Quem és tu ? qual é teu ser ?
És algum anjo de Deus,
Que anda na terra a sofrer !
És desses astros dos ceus
Em cuja luz pudibunda,
A natureza se inunda ?
És uma dessas visões,
Que vivem na phantasia,
Sorrindo à melancolia
Das perdidas illusões ?
Quem és tu, formosa imagem ?
És filha de um sonho vão ?
És... o que és ? vaga miragem...

Tens ou não tens coração ?
Oh! não tens!.. tu és mulher ;
É pedra todo o seu ser.

Não tens coração ; não tens
Senão a dura materia,
Onde nascem taes desdens,
E tanto orgulho!... miseria!
É de desprezo esse riso ?
Mas sabes tu quem sou eu?...
Posso expulsar-te do ceu,
Ou levar-te ao paraíso!
Posso dar-te um ceu d'amor,
Ou um inferno de dor.

Sou poeta, eu : sou rei,
O meu sceptro e minhas galas,
Não os ganhei pelas salas
Onde ignaros dão a lei.
Onde tu vives!... aonde
Te querèm como rainha...
Onde o vicio-rei caminha,
E a virtude a face esconde!
E desses vassallos queres?
Por esses me has de trocar!
Oh! como são as mulheres!...
O seu prazer e reinar.

Reinar na sala, na praça,
C'o a rasão, ou c'o a folia;
Reinar até na desgraça,
Inda que seja um só dia!
Tarde, aíl só quando perdidas
Se mostram arrependidas! ...

Mas desse prazer os travos,
Tarde — embora! — chegarão.
Em tua corte de escravos,
Não terás um coração!
Vê bem o que vaes fazer;
N'um momento de demencia
Jogas a tua innocencia,
Por instantes de prazer!
Vê se tens a cobardia,
Pelo gosto da vaidade,
De aceitar a potestade
Que orna mal uma agónia;
De trocar por um dos teus
Um poeta, um rei, um Deus!

Sou rei — sou Deus; — a poesia
Brotá do meu coração
Em torrentes de harmonia,
Nas horas da inspiração.
O poeta é um rei, um Deus:

Tem de um Deus toda a grandeza,
Quando á sua mente acesa
Desce uma chamma dos ceus!
Quando invoca do passado
Os reis, os povos, a historia;
Quando canta uma victoria,
Ou conforta um desgraçado.
É sempre um Nume o poeta,
Quando canta as desventuras,
Ou das desgraças futuras,
Se faz tremendo propheta.

Para ouvir-lhe o doce canto
Param as ondas do mar;
Commovidas com seu pranto
Calam-se as aves no ar.
Tem maior brilho as estrellas,
Mais perfumes dão as flores,
Se o poeta á vista dellas
Canta e suspira de amores.
Tornam-se as noites serenas,
Mais branda a lua fulgura,
Se elle conta as suas penas,
Se lhe sorri a ventura.
Até com os cantos seus
Folgam os anjos de Deus!

Só tu me queres fugir...
Cheia de louca vaidade,
Só tu não queres ouvir
Como suspira a saudade!
E por quem me vaes trocar?...
Regeitas d'amor a palma,
E á turba que não tem alma,
Por vangloria te vais dar!...
Despresas um nome eterno
Em meus hymnos immortaes;
Para seguir os venaes,
Deixas o ceu pelo inferno!
Ganhavas perpetua fama
Nos eccos da minha lyra;
Nosso amor aos ceus subira
Cercado de ethérea chamma.
Em versos de ouro cantada
Serias, como Leonor;
Como a Laura celebrada,
Tua vida fôra amor.
Oh! não! que o não merecias
Sempre marmore ficarias!

Vai; quebrou-se o meu encanto,
Nunca mais has de ouvir queixas.
Sei que te aborrece o pranto,
Que zombas destas endeixas...

Vai; dura pouco a belleza,
E depois que ella passar,
Diz adeus á realleza,
Que não tornas a mandar.
Então, cheia de amargura,
Chorarás arrependida,
Sentindo acabar a vida,
Sem começar a ventura.
Não me sabes entender,
Porque não tens coração...
Mas concedo-te o perdão,
Para nunca mais te ver.



XXIX

O INVERNO

Hélas! Comme tout ce qui s'en va, s'en va!

Victor Hugo.

Tu não vês, no principio do inverno,
Como os campos se despem de flores?
Como as folhas, perdendo os verdores,
Cahem seccas e tristes no chão?
E não sentes cahir como as folhas,
Pouco a pouco, levando-te a vida,
A esperança que morre opprimida
No silencio do teu coração?

Quando já não exalam as balsas
Os milhões de perfumes suaves,
Quando cessam os cantos das aves
E se cobre de nevoas o ceu ;
Tu não sentes acerba tristeza
Que te vem recordar o passado ?
Que te diz que o inverno é chegado
E te envolve com gelido veu ?

Quando as aguas da chuva, em torrentes,
Se despenham do cimo dos montes,
E depois, trasbordando das fontes,
Espumantes se arrojam no mar ;
Tu não sentes com esse tumulto
Confrangirem-se os membros de frio ?
O pavor d'esse arruido sombrio
Na tua alma não sentes coar ?

Ai, feliz, se não ves e não sentes !
Se caminhas na terra ao de leve,
Sem tocar no sudario de neve
De que o sopro do inverno a vestiu !
Se em teu peito revive a esperança
Como ao prado revive a verdura,
Ês feliz ! oh ! feliz, se a tristura
Da saudade jámais te pungiu !

Ai, feliz ! és feliz se o inverno
Te não diz em seu livido aspecto,
Que, perdido o teu ultimo affecto,
Da tua vida o calor se acabou !
Mas eu não ! para mim tudo é morto ;
E no meio deste ermo profundo,
Diz-me o frio do inverno e do mundo,
Diz-me tudo que a vida passou.

Para ti volverão outros dias,
Outras noites de vivas estrellas,
Outras horas de vida mais bellas
Que jámais para mim volverão !
N'este ceu carregado de nuvens,
Onde vi toda a luz esconder-se,
Novo sol para ti ha de erguer-se
Com a aurora da nova estação.

Para ti a existencia começa,
Tudo é riso, fulgor, alegria...
Se a paixão te arrebatou n'um dia
Outro dia outro affecto voltou !
Que te importa o inverno gelado,
Se no teu coração innocente
Pula o sangue de vida fervente,
D'essa vida que ha pouco nasceu ?

Nem a pavida voz da tormenta,
Quando incita do mar a braveza,
Nem dos montes a rude aspereza
Na tua alma diffundem pavor;
Para ti o futuro é de rosas,
Que te bordam a estancia da vida;
Onde a terra parece despida
Tu vês mundos de luz e de amor.

E eu não; com o gelido inverno
Tenho frio, saudade, e receio...
Oh! eu sinto apertar-se-me o seio
E repito assustado — talvez? —
Que apesar deste sol desmaiado,
Cada hora que o vejo sumir-se,
Os meus olhos parecem fundir-se
Com desejos de o ver outra vez!

Para mim tudo é morto na terra:
O que resta de mim não é vida,
É a sombra que vaga perdida
Dos regelos da morte a fugir...
E fugindo procura saudosa,
Nas memorias de extinctos amores,
Um espaço coberto de flores
Onde possa tranquilla dormir.

XXX

DEVES AMAR

Laisse-toi donc aimer ! — Oh ! l'amour, c'est la vie,
C'est tout ce qu'on regrette et tout ce qu'on envie
Quand on voit sa jeunesse au couchant déclinier.
Sans lui rien n'est complet, sans lui rien ne rayonne,
La beauté c'est le front, l'amour c'est la couronne.
Laisse-toi couronner !

Victor Hugo.

Quando me vi sem ventura,
E não quiz que partilhasses
Comigo a minha tristura,
Disse-te que não amasses :
Mas bem vês que foi loucura.
Porque amar-te não podia,
Na minha torpe avareza,
Tambem ceder não queria
Tantas graças e pureza !

Que maus conselhos te dei!
Porque amor me maltratava
De amar tambem te affastei.
Vingada estás, bem o vês!
Eu venho agora pedir-te
Que o teu affecto me dês,
Porque não pude fugir-te.
Sem amor viver quizera
Porém vi n'essa demencia,
Que é sem amor a existencia
Um anno sem primavera.

Sabes que as flores singellas
Seu perfume dando ao vento,
Como o fulgor das estrellas
Brilhando no firmamemto,
Dizem na terra e nos ceus
Amor aos homens e a Deus?
Pois ama e serás feliz;
Receias amar? loucura!
Olha que o tempo te diz
Que a mocidade não dura;
E traz velhice a esperanza
Com promessas de ventura.
Que és tu sem amar? que queres
Que digam d'essa belleza
Todas as outras mulheres,
*

A quem manda a natureza
Querer o que tu não queres?
Não vês que a flor quando nasce
Logo tem aroma e côr,
Que são indícios do amor?
E que na primeira noite,
Logo depois de nascida,
No ar derrama o perfume
Que a outras flores dá vida?...

Receias não ser amada?
Com essas faces radiantes,
Com olhos tão scintillantes,
Que mais que todas as flores
Na terra espalham amores? !...
Pois eu, que só de te vêr,
Só da tua companhia
Sinto em meu peito acender
Luz que em teus olhos ardia;
Eu, que á dor succumbiria
Se te chegasse a perder,
Não te heide amar? — desvario! —

Quando encontras os meus olhos
Mudamos ambos de côr;
Eu, por vêr como sou louco
Em querer com tanto amor

A quem me quer com tão pouco.
E tu? nasce o teu rubor
Da sensação mysteriosa,
Que levando ao coração
A innocencia da paixão,
Traz ao rosto a côr da rosa?
O teu silencio que diz?
Olha que se não amares
Nunca podes ser feliz.
Porém, cala-te... não falles,
Que o olhar que me seduz
Agora vejo animar-se
D'uma viva e nova luz.
É por mim essa mudança?
Ou tomei como esperança
O que pode ser ainda
O riso d'uma creança?
Mas a illusão é tão linda!
Antes me quero illudido,
Do que ouvir uma verdade
Que me deixe arrependido!...

Não me digas a verdade
Que pode ser crueldade.
Dêves amar, se não amas,
Que a paixão é como o dia;
As suas vividas flammias

Geram no mundo a alegria.
Ama, sim, deves amar ;
Gosa da tua existencia,
Não deixes em vão murchar
O viço d'essa innocencia.

Cede-me a flor da tu'alma
Que não a sei profanar ;
Minh'alma tambem é pura
Sem pejo a podes tomar.
Outro amor inda não tive :
Se na minha fantasia
Perpassam outras imagens,
São fugitivas miragens
Que duram menos que um dia.
Sonhos são ; viver sem elles
Dado ao poeta não é ;
Dos sonhos nasce-lhe a fé
Por isso dura tão pouco !
E por elle crer em sonhos
É que o mundo o julga louco !
Mas nunca amei, porque nunca
Outros olhos como os teus,
Se encontraram com os meus.



XXXI

FANTAZIA

NA BOCA DO AMAZONAS EM 1848

I

Sobre as aguas azues do mar profundo,
Ao declinar da tarde,
Banha o sol os seus raios derradeiros;
E o mar adormecido
Em torno dos rochedos,
Espreguiça o seu collo movediço.
A onda cubiçosa
Beja de vez em quando a roxa areia
Onde deixa vestígios
De suaves ternuras.
Aqui, sob os copados arvoredos,
Do bosque as divindades,
Aguardam a luz doce do crepusculo
Para vir á clareira,
Dos perfumados zefiros

O premio receber de seus amores.

A brisa esvoaçando

Vae colhendo os aromas recendentes

Da flor que desabrocha ;

E n'outra flor vizinha,

Depositando o germen amoroso,

Novos séres fecunda !

Nem uma nuvem pelos ceus se avista !

A natureza inteira

Parece adormecida !

Mas em seu seio fertil continua

O lavor mysterioso

Que harmonisa e dá vida ao universo.

II

Solitario, nas praias do desterro

Com a patria sonhando,

Eu venho aqui adormecer saudades

Diante do espectáculo

Destas selvas immensas, que assoberbam

As margens do oceano.

Aqui, tardes inteiras suspirando

Com os olhos na vaga,

Que vae e vem, atravessando os mares,

Como o meu pensamento,

Aqui meu coração saudoso geme.
O involucro pesado
Que me envolve nos seios das cidades
Eu sinto aqui romper-se;
A viva luz d'uma existencia nova
Meus olhos se descerram.
O cheiro agreste que da selva emana,
O cantico das aves,
O fremito das ondas e dos bosques,
O odôr da marezia,
Esta harmonia extranha e mysteriosa
Que as solidões derramam,
Parece que embriagam meus sentidos
Levando-me em espirito
À patria, ao ceu, a regiões fantasticas.

III

Oh! como fica longe
O meu paiz querido!
Mas eu sou marinheiro! largo! aos mares!
Eu não tremo das vagas alterosas,
Que meu pae ensinou-me a despresa-las.
Meu pae, o marinheiro
De quem o mar tremia;
Que por maior que fosse a tempestade

O panno, temerario ! não rizava !
O leme subjugando, a borda toda
Nas ondas mergulhada ;
O laes cortando a vaga,
A quilha fóra d'agua, as vellas todas
Tufadas pelo vento da tormenta ;
Os mastros enclinando, e as enxarcias
Estalando, ou gemendo,
Mas elle não cedia!...
Cem vezes naufragou, cem vezes salvo,
Aos restos dos navios abraçado,
Lutando como o genio das procellas
A navegar tornava,
E a naufragios novos !
Por fim nas vagas, como desejava,
Achou sepulchro temeroso, immenso !
Já morto e uma bala aos pés atada,
Como do mar no fundo
Não via o seu navio,
Por tres vezes volveu ao cimo d'agua !
Mas seus olhos cerrados já não viram
Que outra mão empunhava ao leme a roda.
- Pois eu que sou seu filho
Temerei as tormentas?
Oh! não receio ! mas o meu destino
É agora vagar n'estes desertos ;
Errar por estes bosques e montanhas... -

E não é só da patria
Que hoje tenho saudades!...

IV

Tambem já, infeliz ! d'amor suspiro !
Eu, que ria e zombava dos poetas,
Quando os via d'amor gemer escravos,
Captivo sou agora !

Tornei meus inimigos muitos olhos
Que o fulgor das estrellas offuscavam.
O amor levantou á minha vista

O veu mysterioso,
Que os mil segredos da belleza encobre !
Thesouros que não sonha a fantasia,
Encantos que o desejo não concebe
Meus olhos viram !

E nem sequer um rapido lampejo
D'essa luz que a existencia vivifica
Foi do meu coração raiar nas trevas !

Amor desesperou-se
De não ver succumbir tanta bruteza
Ao seu absoluto e eterno imperio,
E jurou que de mim se vingaria.

Gastou mil artificios,
Esperdiçou encantos ;

Tentou da formosura a flor mais bella
Empregar contra mim ; eu, ignorante,
Das suas seducções escarnecia !

Desafiei as iras
Da barbara creança,
Exaltando o prazer da liberdade ;
Alardeei a minha independencia,
E disse que a paixão era mentira ;
E o amor desvario,
Porque amar não sabia !
O meu erro fatal pagando agora
Do vingativo Deus sôffro o castigo,
E minha escravidão bem digo ainda !

V

Ardente fogo me devora o peito !
E o meu sangue em turbilhões fervendo
Salta de veia em veia !
Rápidos me opprimem
Desejos que a desejos se succedem !
Desamparado estou ; amor, venceste,
Mas não foste leal nos teus combates !
Tu só, não me vencias ;
Foste aos astros roubar o doce brilho,
E n'uns olhos de fada

Forjaste o raio que feriu minh'alma !
Mas quem é ella, a virgem innocente,
Que serve de instrumento á paixão cega
Do meu odioso barbaro inimigo ?
 É filha destes bosques ;
As amarellas flores do pau d'arco
 Lhe serviram de leito ;
 As assucenas bravas,
Tecidas no cipó da salsarana,
 Lhe corôam a fronte.
O curimbó, o cravo, e a baunilha
 Enfeitam as clareiras
 Aonde ella adormece,
Em camas de jasmins e de verbenas.
 O sabiá suspira,
E geme o juruti quando ella dorme ;
 E tudo em torno d'ella
Descanta alegre quando nasce o dia,
 Vendo-a encher os cabellos
De rosas mogorins e de haunilhas.

VI

Mas eu em vão a chamo,
Invoco-a inutilmente,
Meus suspiros, meus ais não a commovem ?

No cimo das florestas,
Sobre as aguas do lago.
Do Amazonas na rapida corrente,
Pelas ondas do mar adormecido,
No crepusculo das tardes,
Nas nevas matutinas,
Eu vejo-a em toda a parte e a toda a hora !...
Porém vejo-a fugindo
De mim, do meu amor, de meus desejos !
Oh! vingativo nume,
Se já satisfizeste o teu capricho
Meu coração domando,
Que mais queres de mim? porque me negas
Aquella que me fez teu tributario ?
Ai! horrivel verdade !
Meu peito anseia com amor violento
Pela filha d'um sonho mentiroso !
Vingou-se Amor de mim ! porém ao menos
Tal como eu a sonhei nem tú, tyranno,
Se te abrazáras em teu proprio fogo
Acharias imagem tão formosa,
Como a que vive em minha fantasia!



XXXII

A JOÃO DE LEMOS

1849

Tens um estro fulgurante,
Meu inspirado cantor!
O teu caminho brilhante
Abriu-o a mão do Senhor.
Elle te deu por thezoiros
Corôas de verdes loiros,
Doce voz para cantar;
E a mim, em vez de cantos,
Só me deu acerbos prantos,
E coração para amar.

Se não és dos orgulhosos
Que repelem com desdem,
Os testemunhos saudosos
Que da grandeza não vem,
(Os meus affectos acceita;

Nenhum coração regeita
Affecto como este meu;
Divergem nossas ideias,
Porém eu tenho nas veias
Sangue egual ao sangue teu.

Sómos ambos portuguezes,
Livres ambos das paixões,
Que nasceram dos revezes
Das passadas dissensões.
Se tu tens nobreza antiga
A minha tambem obriga,
Que a virtude é meu braço.
Tu és um rei da harmonia,
E eu amando a poesia
Desejo ser teu irmão.

Se temos diversas crenças,
Foram irmãos nossos paes;
Mas que importam differenças
Sendo nós ambos leaes?
Eu adoro a liberdade
Por que foi a divindade
Que no berço me embalou;
Criei-me junto com ella,
E vendo-a joven e bella,
Minh' alma se lhe entregou.

Vivi com ella nos mares
No meio dos vendavaes;
Da America nos palmares,
E em seus rios colossaes.
Toda a terra achei liberta;
A minh'alma sempre aberta
Captiva jamais se viu;
E sempre o meu pensamento,
Sem nenhum constrangimento,
A minha voz traduziu.

Amei tudo quanto via
Em liberdade viver;
Tomei odio á tyrannia,
Jurei guerra ao seu poder;
E sem susto da metralha
Já nos campos de batalha
Contra ella o braço ergui;
Já, nas fillas ignorado,
Da liberdade soldado,
Sua causa defendi.

E tu, vate harmonioso,
Tu segues diversa lei;
Eu só Deus julgo pod'roso,
Tu julgas tambem o rei.
Crença na infancia bebida

Não pode ser esquecida,
Nenhum de nós a perdeu;
Tu sonhas com monarchia,
E eu?... a esp'rança perdi-a,
Mas a crença não morreu.

Que importa, nobre poeta,
O que o futuro dirá?
Nenhum de nós é propheta,
E Deus o melhor fará.
Para mim a liberdade,
Para ti a magestade,
Entre os dois eterno amor.
Para nós é morta a guerra;
Seremos sempre na terra
Tu poeta, eu trovador.

Como tu tens da poesia
Torrentes d'inspiração,
Tenho tambem sympathia
Brotando em meu coração;
E foi por ella animado
Que ao poeta sublimado
Eu hoje ousei invocar;
Quiz minha lyra singella,
Na tu c'rôa tão bella
Mais uma flor enlaçar.

XXXIII

O POETA EXPIRANDO

A. J. G. DA S. BARBOZA

O toi ! d'un feu divin précieuse étincelle,
De ce corps périssable habitante immortelle,
Dissipe ces terreurs : la mort vient t'affranchir !
Prends ton vol, ô mon âme ! et dépouille tes chaînes.
Déposer le fardeau des misères humaines,

Est-ce donc là mourir ?

Lamartine

I

Era uma tarde nebulosa e fria ;
O nordeste soprava ;
No olmeiro que as folhas despedia
A rola se acoitava,
E vendo a natureza tão sombria
Pelos dias do outono suspirava.

As plantas sem verdores
No jardim devastado,
Mostravam os furores
Do dezembro gelado ;

*

A meia encosta do visinho monte
Um raio desmaiado
Do sol, que se abysmava no horisonte,
Cobria de tristeza o monte e o prado.

Além, no cemiterio, silenciosos,
Da morte sentinellas,
Os cimos dos cyprestes luctuosos
Fitavam as janellas,
D'onde partiam eccos dolorosos
Ao quebrar-se uma lyra das mais bellas.

N'um pequeno aposento
De poucos visitado,
Tendo por ornamento
A Deus crucificado,
Jaz sobre um leito de madeira escura
O vate sublimado,
Que sentindo já perto a sepultura
Não suspende seu cantico inspirado.

Duas santas irmãs da caridade,
Aos-lados do seu leito,
Lhe contemplam do rosto a magestade;
E cheias de respeito,
Se admiram de ver tanta piedade
N'um ser que das paixões viveu sujeito.

Porque o poeta canta
Deleites ou amores,
Sua piedade espanta,
Os outros peccadores!
Oh! não, minhas irmãs, não são fingidos
Os ferventes louvores
Que nós mandamos para Deus, erguidos
Como perfumes de bemditas flores.

Pois sem religião não ha poesia,
E quando nós cantamos,
Dentro de nossas almas se allumia
A fé que idolatramos.
Inspira-se nos ceus a fantazia
E não por este mundo em que vagamos.

Da morte pavorosa
Ouvindo o son profundo,
E vendo-a temerosa
Do aposento ao fundo :
Pela ultima vez empunha a lyra
Que arrebatava o mundo,
E com a voz aonde a vida expira
Assim canta o poeta moribundo :

II

« Bem vinda sejas hora do repouso! »
Eu sei que tenho perto a sepultura,
E que posso amanhã chegar ao termo
Do meu triste caminho d'amargura.

Âmanhã, quando a luz volver de novo
A dar vida e calor ao novo dia,
Eterna sombra cobrirá meus olhos
Immoveis e ante o sol sem alegria !

As minhas mãos descairão inertes
Sobre as cordas da lyra adormecida ;
Mostrarão os meus labios entre-abertos
A ultima canção interrompida.

Recostada em meu corpo regelado
Só minha musa se achará comigo ;
De mim a morte afastará depressa,
Amantes, filha, o derradeiro amigo !

Depois meus restos cobrirão de terra
Os affectos, o orgulho, ou a piedade;
E virá junto á minha sepultura
Dizer-me adeus a ultima vaidade.

N'aquelles a quem amo, pouco a pouco,
A magua irá cessando de perder-me;
O tempo apaga todas as saudades,
E em menos d'um anno hão de esquecer-me.

A mulher immortal pelos meus cantos,
Nem essa ao menos me será constante?
Essa que ha pouco meus sonoros versos
Revelavam ao mundo a minha amante?

Essa viu-me no termo da existencia,
E em vez de adoçar as minhas dores,
Não esperou a morte do poeta
Para ir procurar outros amores!

Deixando-me no leito da agonia
Em busca do prazer correu furiosa;
E ante os olhos do amante moribundo
Nos braços d'outro se lançou radiosa!

E nos meus cantos vivirá seu nome,
Sem que eu possa viver mais uma hora,
Para tornar eterna a sua infamia,
Vingando a injúria que me faz agora!?...

E eu gastei por ella a minha vida,
Cantando e adorando seus encantos!
Offendendo talvez o ceu e a terra
Com meu amor e desvairados cantos...

Mas perdôo-lhe... e Deus que me perdôe
O peccado de a amar tão loucamente,
Quando em breve minh'alma fôr levada
Aos degraus do seu throno omnipotente.

Talvez a minha morte dolorosa,
Rematando tão rapida existencia,
Alcance da divina misericordia
O perdão dos meus erros e demencia.

Que venha pois a hora do descanso
Libertar a minh'alma encadeada!
Que anseia e tenta remontar-se aos ares
Em procura da ultima morada.

Quem vela em torno a mim? a caridade,
Essa filha dos ceus que á terra veio,
Para dar á pobreza e orfandade
Tão doce amor que não parece alheio!

Sois vós, minhas irmãs? sede bem vindas,
E abençoada seja a caridade!
Sem ella eu morreria aqui sósinho,
Esquecido por toda a humanidade.

O mundo inteiro me chamou poeta,
Dizendo que meus versos viviriam;
Em suas linguas as nações mais cultas
Os meus poemas ávidas vertiam!

E de mim teve orgulho a minha patria,
Chamando-me divino e inimitavel!
Mas deixa-me morrer ao desamparo
Como o seu derradeiro miseravel!...

Onde estão meus antigos companheiros,
Os amigos do tempo da grandeza?
Ai! aos pés do poeta moribundo
Só enxergo a humildade da pobreza!

Leva teus cullos para novos astros
Ó mundo enganador, covarde, ingrato !
Eu julgo-me feliz morrendo agora
Já longe do teu vil infame trato.

Nem sequer esperou teu egoísmo
Que meus olhos cerrasse a morte fria !
Como já te não sirvo me abandonas,
Desertaste ao saber que eu morreria !

Que importa ? um raio deste sol que foge
Vale mais do que tu, e eu vou perdê-lo !
Conhecendo quem és n'este momento,
Da morte com prazer sinto o regelo.

E se me fica no teu seio immundo
Um só amigo, que por mim suspira ;
Um coração que o meu adivinhara,
Mais amigo do homem que da lyra :

A esse coração lego as memorias
De mim, da minha vida e meus amores ;
E não lhe peço para a minha campa
Nem uma c'rôa de modestas flores.

Estatuas, bronzes, epitaphios, versos,
Monumentos eternos da esculptura ;
Eu imploro esse amigo generoso
Que os affaste da minha sepultura.

Poucas palavras, uma vez por anno,
No silencio da noite repetidas,
Com voz imperceptivel para o mundo
Para serem de Deus sómente ouvidas.

Eis o que peço, ó coração saudoso !
Dá-me por monumento uma oração ;
E deixa embora destruir meus cantos,
Que Deus por elles não me dá perdão.

Ora por mim nos meus anniversarios,
Maior poeta ficarás do que eu,
Pois se minhas canções na terra vivem
Podem as tuas conduzir-me ao ceu. »

III

Disse o poeta ; a morte silenciosa,
Na porta do aposento

Hesitou por instantes, duvidosa
Se devia cortar tamanho alento ;
E, pela vez primeira, dolorosa
Julgou sua missão neste momento :

A duvida foi breve; um passo avança
E a mão descarnada,
Affugentando a face da esperança
Na alma do poeta reclinada,
Sobre o peito do misero descança,
Cortando-lhe a existencia atribulada.

Cahiu no chão a harmoniosa lyra,
OuvIU-se um ai sentido ;
Era o adeus da alma que partira
Quando a lyra das mãos tinha cahido ;
E apenas uma para os ceus fugira
Tinha a outra na terra adormecido.

Já o sol no horisonte não mostrava
Do dia a claridade ;
E da morte o silencio só quebrava
A fervente oração da caridade,
O soluçar do amigo que chorava
Pelo amigo descido á eternidade.

Vive eterno seu cantico inspirado,
Mas o homem descança
No sepulchro de todos olvidado ;
E só n'um coração vive a lembrança,
Porque acceitou ao vate sublimado
De orar por elle a piedosa herança.

O mundo, a sua patria, os seus amores,
O poeta esqueceram ;
Do seu jardim as derradeiras flores
Do amigo saudoso as mãos colheram,
E o ramo secco sem arôma e côres
Em sagrada reliquia converteram.

E cada anno que a terra desfallece
Da verdura despida,
O ramo secco aos olhos reflorece
Como a lembrar a oração pedida ;
Porém logo que a Deus se envia a prece
Tornam as flores a ficar sem vida !



XXXIV

SOBRE O ROCHEDO

Aqui onde a terra acaba,
Sobre um rochedo isolado
Pelas ondas carcomido
E dos ventos açoitado,
Aqui, fugindo do mundo
Eu venho chorar meu fado.

Sóbe a onda pela rocha
Do nordeste ao sibilar;
Um navio em panos largos
Vejo ao longe a velejar;
Ouço a voz dos marinheiros
Alegre saudando o mar.

Oh ! se eu partilhasse agora
Esse viver vacillante
Do marinheiro, que a vaga
E o vento levam distante ;
Essa vida aventureira
Que arrebatava o navegante !

Oh ! se eu tivesse a ventura
De poder hoje partir,
Em busca de novos mares
E novos ceus descobrir !
Se eu pudesse destas praias
Os meus olhos despedir !...

Oh ! feliz, se neste instante,
Cessando o meu desvario,
Visse fugir esta rocha
Da pópa do meu navio !
Nunca mais molhára a quilha
Nas turvas aguas do rio !

Com perigos me esquecera
Das saudades do passado ;
Meu coração se tornara
Do balanço apaixonado,
E abordo do meu navio
Seria o mundo olvidado.

Que me importavam os cantos,
Os meigos sonhos do amor?
Na terra tudo é mentira
Tudo é vão e enganador.
Onde reina a hypocrisia
Só se dá bem o impostor.

Ail se no mar eu me visse
Achára lá mais poesia!
No clamor das tempestades
Ha magestosa harmonia;
E tambem hymnos parecem
Os ruidos da calmaria.

Levae-me, ó ondas, leva-me,
Aonde ninguem chegou:
Aonde só mar e vento
Deus até hoje mandou;
Aos sitios desconhecidos
Que a minha mente sonhou!

Levae-me longe da terra,
Aonde fica perdida
A flor da minha existencia
Por extranhas mãos colhida;
Aonde vive a esperança
Para mim desconhecida.

Ail surdas ao meu pedido
As vagas passando vão;
Some-se ao longe o navio
Levado da viração;
Em suas vellas me foge
Mais uma doce illusão.

Todos podem ir correndo,
Em procura de outro ceu;
A todos o mundo é livre,
Todos vão — fico só eu;
N'esta rocha encadeado
Como um novo Prometheu!

Voa em vão meu pensamento
Dos horisontes além;
Meus passos ficam suspensos
Onde o mar para também;
Por isso a todas as horas
Minh'alma aqui chorar vem.

Adeus rochedo isolado
Batido do mar e vento;
Amanhã virei de novo
Dizer-lê o meu soffrimento,
Até que Deus me permitta
Seguir o meu pensamento.

XXXV

A NUVEM E A TORMENTA

Immovel dorme na região dos ares
Formosa nuvem que reflecte o sol;
Talvez gerada no vapôr dos mares,
Ou nas nevoas cinzentas do arrebol.

Pouco a pouco se tornam suas cores
Diafanos e alvas como um veu;
E vão-se dilatando os seus vapores
Até a nuvem se esvair no ceu.

Mas em breve apparece novamente,
Já mais inchada condensando o ar;
E descendo depois ao mar fervente
Vae no seio das ondas mergulhar.

Tomando as formas de gigante immenso
Devora as aguas onde foi descer ;
Colosso enorme sobre o ar suspenso
O horisonte começa a escurecer.

Estende as garras pelo firmamento,
E c'o as fauces attrae o furacão ;
Derramando na esphera o seu alento,
Fuzila o raio e ouve-se o trovão.

A nuvem precursora da tormenta
As aguas lança que no mar bebeu ;
E a tempestade em destruir sedenta
Nos mastros do meu brigue se abateu.

Vergas estalam, vóa o panno em tiras,
Vem ao convéz um mastareu cair ;
Redobra o furacão as suas iras,
Pelas bordas o mar sôbe a rugir.

Dos elementos a feroz discordia
O ceu cobre de negra cerração ;
Mas os olhos da Eterna Misericordia
Enxergam atravez da escuridão.

Já meu navio com o tempo corre;
Mas a vaga espumando no convéz,
De ouvir magoada o temporal que morre
Cubiçosa ao fugir me lambe os pés.

*

Deus é grande! a devota marinhagem,
Implorando-o, á manobra se lançou;
E não foi só o zelo e a coragem
Quem do certo naufragio nos livrou.

Extinguiu-se a tormenta, ó marinheiros,
O serviço um instante abandonae;
E ao som cadenciado dos banzeiros
De joelhos comigo a Deus orae.

Para que nos defenda eternamente
Das tormentas do mar, e das paixões;
Que umas levam a vida de repente,
As outras lentamente os corações.

Ha pouco vistes essa nuvem bella,
Alva, purpurea, de variada cor,
Dos seios vomitando uma procella
Que a natureza revestiu de horror!

Pois, como a nuvem, as paixões violentas
Nascem brandas no humano coração;
E depois crescem mais do que as tormentas
E causam maior mal que o furacão.



XXXVI

A ORAÇÃO

Tu sola

Sorgi al mio labbro, flebile preghiera,

Sorgi dal cor, cui dolce idea consola

Di calma vera.

Mancini.

Nasce o dia ; — a natureza
Do veu da noite despida,
Apparece em toda a terra
De novas galas vestida.

A manhã surge formosa
Cercada de rubras cores ;
E nos prados desabrocham
As lindas mimosas flores.

Nos salgueirões e vimeiros
Ouve-se o cantor plumoso,
Ternas queixas entoando,
Dos seus amores saudosos.

Dormiu só dentro do ninho
Junto á penna derradeira,
Caída das azas mortas
Da perdida companheira.

O seu canto não cessava,
Quando a amante inda vivia ;
Cantava a todas as horas,
Quer da noite quer do dia.

Agora?... o canto nocturno
Inspira maior tristeza,
Mas o rouxinol só canta
Quando ri a natureza.

Brilha ainda sobre as plantas
O orvalho da madrugada ;
Cobre ainda os altos montes,
Alva nevoa condensada.

Começa o ruído da terra
Nos campos e povoados,
Repetindo hymnos eternos,
Para Deus alevantados.

Abrem-se as portas da ermida
E o christão n'ella se lança ;
C'o a prece n'alma e nos labios
Busca a fonte da esperança.

O velho cura das almas,
Sahindo do presbyterio,
À capella se incaminha
Atravez do cemiterio.

Ao passar, a um lado e outro,
Vae orações espalhando
Sobre os que dormem nas campas,
E sobre os que vão passando.

Ante a sua fronte augusta,
Pelas virtudes sagrada,
A mãe que chora a filhinha
Vae curvar-se resignada.

Consolam-se os desgraçados
Que uma vez o tem ouvido ;
Para Deus, com seus conselhos,
Muitas almas tem colhido.

E Deus tomando-as em conta
Ao patriarcha da aldeia,
Mostra que atraz de seus passos
A fé mais viva se ateia.

Entra na ermida — e o povo
No mesmo instante ajoelha ;
E além todo o horisonte
Se tinge de côr vermelha.

Surge o sol — e o sacerdote
De Christo o sangue levanta ;
Prostram-se todos os mundos
Ao erguer da hostia santa.

Ora toda a natureza ;
Toda a terra, mar e ceus,
Dizem Sanctus, Sanctus, Sanctus,
Ante a imagem do seu Deus.

Cada vez que nasce o dia,
As vozes da criação
Unem-se todas no mundo
Repetindo esta oração.



XXXVII

A FLORESTA VIRGEM

Salve, imagem do eterno paraizo,
Fonte de inspirações e melodias !
Tu és a patria da verdura eterna,
O reino das eternas harmonias !

Immenso templo, magestoso, infindo,
Erguido pelas mãos do proprio Deus !
Tendo milhões de cedros por columnas,
E por tecto as abobadas dos ceus.

Mas encobrem o azul do firmamento
Fantasticos ornatos de mil cores ;
Se falta a luz, sobejam os perfumes,
Quem estrellas procura encontra flores.

Por toda a parte vividas se abraçam
Mil variadas familias de cipós;
Ipecacuanhas, guapohis, baunilhas,
Salsas, carajurús, ou curimbós.

Sóbem do chão aos cimos elevados,
E do arvoredo os ramos enleando,
Descem do lado opposto para a terra
Onde novas raizes vão lançando.

Como o apparelho d'uma nau colosso,
Fingem estes enxarcias e brandaes;
Outros, prendendo em arvores diversas,
Parecem-se aos cabrestos e aos estaes.

Entre os braços, escotas, e amantilhos
Cruzam brioes, estingues, e bolinas;
Cabos de laborar, e cabos fixos,
Para vellas redondas ou latinas.

Sergideiras, adriças, endrebellos,
Amarras que não cabem em baileus;
Estralheiras mais fortes do que o linho,
Que farão rebentar os arganeus.

Ha tudo aqui ! E dos cipós immensos
Pendem flores e fructos differentes ;
Caprichosos na forma e multicores,
Gigantescos, formosos, recendentes.

No denso, emmaranhado labyrintho
Não podem os meus olhos penetrar ;
E ao aspecto selvagem da floresta
Os meus passos recusam avançar.

É tudo grande, magestoso e fero,
Fructos, flores e arvores possantes !
Um mundo de verdura os ceus ameaça
E a terra esmaga sob os pés gigantes.

Oh ! Senhor ! e lançaste cá na terra
O homem que estas selvas hade abrir !
Nas mãos do pigmeu puzeste a força
Que pode as tuas obras destruir !...

Serão estas florestas abatidas
Por uma tão pequena creatura ! ?
Oh ! perdôa, Senhor ! o genio do homem
Não se deve medir pela estatura

Tu creando-o pequeno lhe disseste
Que o fazias o rei da criação ;
E elle ousa tocar nas maravilhas
Que alevantára tua propria mão!...

Onde tu cultivavas os palmares
Ousa elle erigir suas cidades ;
E sobe, audaz ! á região dos ventos
Sem receio das tuas tempestades !

Muda teus rios, os teus mares corta,
E teus astros fitando sem temor,
Pergunta á natureza os teus segredos,
Oppondo aos teus prodigios o vapor !

O louco ! mas perdôa o seu orgulho,
Quando o cegam os vóos da sciencia ;
Elle sabe que o fogo do seu genio
Traz o impulso da tua omnipotencia.

.....

Nos paizes d'Europa não se criam
D'estes matos e selvas colossaes ;
As arvores são lá menos altivas,
Mais humildes os verdes pinheiraes.

Aqui crescem os cedros gigantesco;
E vão até ás nuvens as palmeiras;
E lá são infezados os carvalhos,
E não chegam a bosque as oliveiras.

Aqui tudo é formoso, immenso, eterno,
Mas não posso julgar-me aqui feliz...
Porque além, onde tudo é mais modesto,
Lá fica a minha patria, o meu paiz.

O ceu é lá mais doce, o ar mais puro,
E mais branda e suave a natureza;
Aqui tudo é maior, porém minh'alma
Não se assusta ao aspecto da pobreza.

Rugidos, gritos, eccos mysteriosos
Quebram de vez em quando a solidão;
Interrompendo o fremito das selvas
E o pavor conduzindo ao coração.

E lá é tudo paz ou doce ruido,
Que se interrompe ao acabar o dia,
Recomeçando na manhã seguinte
Quando os sinos redobram d'alegria.

Aqui, do meio das soberbas flores,
A cabeça do tigre vejo erguer ;
Molha os fructos a baba das serpentes,
E apparece o terror junto ao prazer.

E lá tudo é pacifico e tranquillo,
As nossas flores não encobrem feras ;
E cada anno os saborosos fructos
Renascem como as novas primaveras.

Nos nossos campos vivem mansos gados,
Que á mão que os amansou tomam amor ;
Aqui, se encadeassem estes monstros,
Elles devorariam seu senhor.

Mas fosse a minha patria mais humilde,
Nunca della no exilio me esquecera ;
Só não tem coração quem não suspira
Pela terra do berço onde nascera.



XXXVIII

A HUNGRIA

1848

Infelizes! Da turba guerreira
Fica um resto, que prompto a morrer,
Cobre a face o'o a rota bandeira,
Para ao meus a sifronta não ver!

Mendes Leal.

I

Da revolta o clarim nos montes sóa,
Aos valles desce, pelos campos vóa
Fallando em liberdade ao coração;
E a nação, dos tyrannos fatigada,
Ergue ás mãos ambas sua rija espada
Com furor saccodindo a escravidão.

Liberdade! — repete o povo inteiro
Espedaçando o jugo do estrangeiro,
Que sua nobre terra avassallou;
Liberdade! — era o hymno da esperança
E ao mesmo tempo o grito da vingança
Que o poder dos tyrannos provocou.

Liberdade! — eis o nome que levanta
Esse povo correndo á guerra santa,
Aonde a independencia lhe reluz.
Não se extremam os sexos e as idades ;
Combatem pelas patrias liberdadés
Com a espada, o punhal, e o arcabuz.

Voam dez esquadrões á rédea solta
Conduzindo o estandarte da revolta,
Que deve toda a Hungria libertar.
Contra as hordas do fero despotismo
Praticam mil prodigios de heroismo
Os que querem a patria resgatar.

Agora ninguem póde dominal-os!
A terra escarvam seus leaes cavallos,
Mordem freios com ancias de correr!
E livres como os bravos cavalleiros,
Galgam vallados, pantanos, e outeiros,
Ajudando seus donos a vencer!

O espaço, ardentes, na carreira imbebem,
Mas se nas luctas do Senhor percebem
O braço e duros golpes affrouxar,
Voltam, fogem com elle ao inimigo
E, desmaiado ou morto, o seu amigo
Reconduzem fieis ao patrio lar!

Oh! raça illustre de corseis briosos!
Valerão teus instinctos generosos.
A teus nobres senhores e paiz?
Ou este alegre, enthusiasmado povo,
Depois da guerra curvará de novo
Ao jugo dos estranhos a cerviz?

II

Em vão, desgraçada terra,
Os teus valentes armaste!
Em vão na escola da guerra
Alguns heroes alcançaste!
Para oppôr tua justiça
Dos estranhos á cubiça,
Devias ter mais canhões.
Não pode haver liberdade
Onde as leis são a vontade
Dos mais fortes esquadões.

De novo o ceu te condemna.
Aos ferros do captiveiro;
Do Danubio até ao Sena.
Tremula o pendão guerreiro;
Corre ás armas toda a gente.

20

Do norte até o occidente
Para te vir algemar..
A Russia, a Allemanha, a França,
Um quarto do mundo avança
Para teus campos talar.

Não ouves confusa grita
Na fronteira da Esclavonia?
É da horda moscovita
Dos tyrannos da Polonia.
Das bandas da Lithuania,
Do Don, do Caucaso, e Ukania
Surge immensa multidão;
O feroz kalmuko avança,
E o Cossaco estende a lança
Dividindo o seu quinhão.

Fartar! fartar, salteadores!
Fartar, canalha d'escravos!
Devastae, vis oppressores,
A terra santa dos bravos!
Vinde oh! filhos de Vienna,
Filhos dos heroes de Jena,
Vinde, francezes leaes!
Que importa o odio passado?
Já Moscow foi apagado
E os Cossacos abraçaes!...

Do povo as luctas supremas
Encerram altos mysterios;
Para a este dar algemas
Se cançaram tres imperios!
Mas vencida foi a Hungria,
Folga pois, oh! tyrannia,
Opprime-a com teu poder;
Que a liberdade não morre;
Se ninguem hoje a soccorre,
Deus a virá proteger.

Volvem os ultimos bravos
Da patria aos lares sagrados,
Onde vão curvar escravos
Os seus membros mujilados!
Para outro, apoz a guerra,
Vão lavrar a mesma terra
Que o martyrio lhes sagrou!...
Para o despotismo bruto,
Com suor molhando o fructo
Que o seu sangue fecundou.

Exultae, reis deshumanos,
Algozes da liberdade!
A historia chama aos tyrannos
Flagellos da humanidade.
Folga, oh! despota do Sena,

*

Mas olha que em Santa Helena
Outro maior succumbiu!
E a esse perdôa a historia,
Não por sua immensa gloria
Mas pela dor que o pungiu.

Esse ao menos a memoria
De Alexandre recordava;
E dos loiros da victoria
Seu despotismo adornava.
Esse ao menos não fingia,
Como o Cesar combatia
Pelas mesmas condições;
E como o Cesar vencendo
Ia o seu poder fazendo
Egal aos seus batalhões.

Mas esse, como Tiberio,
Revelava os seus intentos,
Do consulado ao imperio
Gastando apenas momentos...
Esse, erguendo a forte espada,
A velha Europa aterrada
A seus pés ia cahir;
E elle, o genio profundo,
Era grande, porque o mundo
N'um imperio quiz fundir!

Porém tu, republicano,
Teu braço perjuro armaste;
E ao livre povo romano
Os pulsos de novo ataste,
Do Beresina esquecido,
Com a Russia agora unido
Vaes a Hungria escravisar!
Eis teus feitos! É teu vulto
À liberdade um insulto
Que os povos hão-de vingar.

O que vale o nome herdado
Do prestigio inda brilhante,
Sem a espada do soldado,
Sem as forças do gigante?
Se te exalta um povo louco,
Ouviste-o pedindo ha pouco
A morte do proprio rei...
Treme pois que, vinda a hora
Da justiça vingadora,
Te condemne a mesma lei.

III

E elles cairam, os heroes da Hungria,
Cairam nos abertos parapeitos

Glorificados por seus altos feitos,
Cobertos de seus rotos pavilhões !
Ide alli aprender, povos da terra,
Como se morre com eterna gloria,
E como o vencedor paga a victoria
Quando tem a vencer taes campões !

Por cada brayo que cerrára os olhos,
A morte preferindo ao captiveiro,
Dez soldados do exercito estrangeiro
Com rugidos de dor mordem o chão ;
Dão aos infernos as damnadas almas
Blasfemando contra o ceu e a terra ;
E contra aquelle que os mandou á guerra
Lançando a derradeira maldição !

E os filhos da Hungria, succumbindo,
Morrem certos que o sangue derramado
Deixa o solo da ideia fecundado,
Reservando seus fructos ao porvir ;
E que ao sagrado amor da liberdade
A prova do martyrio retempera ;
E que o sangue vertido regenera
Os que para vingal-o hão-de surgir.

Oh ! mas não lastimeis os que ficaram
Sem achar no fragor de cem batalhas,

As gloriosas celebres mortalias
Que a maior parte da nação achou !
Missão também illustre cabe a estes
Que é fazer de seus netos bons soldados,
Para um dia cumprirem os legados
Que a morta independencia lhes deixou.

Encaminhae-os pois, briosos velhos,
Porque os não degenere o captiveiro ;
E todo o que receba do estrangeiro
Um serviço, um emprego, um só favor,
Á face do paiz seja infamado !
Renegue-o a familia e seus amigos ;
Semelhante ao mais vil dos inimigos,
Morra pelo punhal como um traidor !

E depois, quando o dia for chegado
De invocar novamente a liberdade,
Não mancheis com inutil crueldade
A victoria que certo alcançareis ;
Mas se não a ganhardes, como os Decios
Não vos deis dos infernos a potencia ;
Morrei antes c'o a vossa independencia,
A novo captiveiro não torpeis.



XXXIX

A UMA JOVEN BAHIANA

Pedes-me um hymno sómente,
E não vez que o teu paiz
Com hymnos d'amor fervente
O ceu e a terra bemdiz!

Se a brisa nocturna incensa
O ar em torno de ti,
Não ouves na selva immensa
Os cantos do juruti?

Canta a floresta e as aves,
As flores, o lago, o ceu ;
Tudo são vozes suaves
Na patria que Deus te deu.

Como pois se atrevera,
Minha voz a murmurar,
Onde tudo é melodia
Que só Deus sabe imitar?

A poesia verdadeira
Que busca o teu coração,
Vive à sombra da palmeira
Dos bosques na solidão.

Lá cresce a rosa selvagem
Ao pé da brava cecem,
E da magnolia a folhagem
A rôla suspirar vem.

Em torno á tua existencia
Lançando os olhos, que vez?
Amor, ternura, indolencia,
Uma eterna languidez.

Não busques pois a poesia
Do poeta nas canções;
Pede ás selvas da Bahia
Mais doces inspirações.

Eu amo o teu paiz, virgem formosa,
Eu amo a tua terra hospitaleira ;
E sinto a minha musa inda chorosa
Com saudades da terra brasileira.

Lá passei minha infancia descuidada,
Seus bosques me inspiraram a poesia,
Despertando em minh'alma apaixonada
Os primeiros instinctos da harmonia.

Eu amo a tua patria e seus verdores,
Os seus rios, seus lagos, e cidades ;
Suas aves, seus cantos, seus amores,
Tudo em meu coração deixou saudades.

E tudo me roubou o meu destino
Para longe impellindo a minha vida ;
Mas tu ao teu paiz leva o meu hymno,
Oh ! flor, nas praias do Brasil nascida.



XL

FILHO E MÃE

« Adeus, mãe, adeus... » Menino,
Filho do meu coração,
Onde vaes tão pequenino ? —
« Correr mundo é meu destino,
Deus me dará protecção.
« Adeus, mãe... » — Oh! filho meu,
Porque não vives contente
C'o a sorte que Deus te deu ?
Tua mãe é tão doente!... —
« Mãe, se me não deixas ir... »
— Que fazes ? — « Oh! mãe, consente!... »

— Se não deixo?... — « Hei de fugir. »

— Filho ! — « Perdão... é destino. »

— Mas tu és tão pequenino... —

« Adeus, mãe ; eu vou partir. »

— Só tens dez annos, creança !

Com essa idade onde vaes ? —

« Mãe, tenho em Deus confiança,

Não preciso nada mais. »

— Vae, meu filho ; dizes bem,

Quem põe no ceu a esperança

É que no mundo a não tem.

Vae, menino, vae, querido ;

Eu fico sempre a chorar,

Pelo meu filho perdido... —

« Não chores que hei de voltar.

« Hei de trazer um thesoiro

Das terras d'além do mar... »

— Oh !.. — « De grossas contas de oiro

Te hei de fazer um colar.

Não chores, oh ! mãe querida,

Não chores que hei de ~~tornar~~, »

— Ai ! filho da minha vida

Nunca mais te torno a ver !

Filho, não vás, não me deixes

Que não te quero perder. —

« Mãe... » — Não quero ! — « É meu destino... »
— Não quero ! que vais morrer... —

« Vou em busca da riqueza,
Oh ! mãe confia no céu... »
— Não, não, eu quero a pobreza
Ao lado do filho meu.
Não sejas ambicioso,
Filho do meu coração .. —
« Mãe, no instante doloroso
Da nossa separação,
Roga por mim ao Senhor... »
— Se rogo ! hem sei de certo,
Oh ! filho do meu amor,
Que n'este mundo deserto
Só me fica immensa dor !
Ai ! eu jamais te verei...
Se tu sem mim não morreres,
Eu sem ti não viverei. —

« Oh ! mãe !... » — Parte, e se voltares
Bem rico e muito feliz.
E a tua mãe não achares...
Não digas que Deus o quiz... —
« Mãe !... » — Adeus ; eu fico orando
Porque sou mãe... « Voltarei... »

— Lembra-te de vez em quando... —

« Oh ! sempre me lembrarei ! »

Partiu o filho ; e dez annos,
Buscando a fortuna em vão,
Só amargos desenganos
Encontrou sua ambição.

Pensando na mãe que amava,
Cuidando tornal-a a ver,
Noite e dia se cançava
C'o a desdita a combater.

Por fim vencido e quebrado,
Mais pobre do que partiu,
Ao seu ninho abandonado
A saudade o conduziu.

Mas a mãe já não vivia
Quando o triste alli chegou ;
E deserta, muda, e fria,
Sua morada encontrou.

Então no chão, de joelhos,
Cae humilde a soluçar ;
Ao lembrar-se dos conselhos
Que não soube aproveitar.

Se a mãe tivera attendido,
Não fôra tão infeliz ;
Nem chorára um bem perdido,
Que em outro tempo não quiz.

Ai dos que não obdecem
À doce voz maternal ;
Que n'ella não reconhecem
Affecto mais que mortal !

Ai delles ! a desventura
Que não prevenir a mãe,
Ninguem, nenhuma ternura
A pode prever tambem.



XLI

A CORVETA

A CARLOS EUGENIO C. DA SILVA

I

Apenas se tornou geral a guerra,
As legiões francezas
Partiram com pesar da nossa terra,
Temendo as represalias portuguezas.
Fazia o povo alarde
Do seu patriotismo e valentia;
O brio portuguez acordou tarde
Do somno em que dormia...
Mas enfim despertou, e de maneira
Que, dentro em poucos mezes,
Ressurgiu a nação forte e guerreira
Dos bravos portuguezes.

II

Os navios de guerra que ficaram
 No Tejo abandonados,
 Logo rapidamente apparelharam
 E foram artilhados.
 Uns tomaram distinctos commandantes
 Ao mar habituados;
 E a outros couberam ignorantes
 D'amor da independencia arrebatados,
 Que a manobra ignoravam;
 Mas que faziam feitos sublimados
 Cada vez que os francezes encontravam.

III

Uma linda corveta
 De novo pintadinha,
 Que os francezes chamavam « Marieta »
 E que os nossos crismaram « Douradinha »
 Pelo Tejo sahia,
 Com ordem de cruzar nas nossas costas;
 E a instrucção dizia:
 « Os francezes que achar faça-os em postas. »

IV

Fôra da Roca a pavida corveta
Largava todo o panno,
E deixava na albeta
Um sulco immenso aberto no oceano.
Era gentil navio!
Nunca a prôa na vaga mergulhava;
E tinha tanto brio,
Cada vez que o balanço o levantava,
Que nem molhava o gio!

V

De vez em quando o casco descobria,
E no cobre luzente
Logo se reflectia
O sol que despontava no oriente.
A borda, a solavento
Debaixo d'agua, apenas se descobria!
Mas aguenta o navio tanto vento
Que ninguem temerá que elle soçobre.

VI

Os mastros, o velame, e o apparelho,
Tudo é novo e perfeito;

Reluzem os metaes como um espelho ;
As vergas com preceito
Vão bem orientadas,
Mostrando que o navio é commandado
Por quem sabe das regras consagradas.
Tudo vae arrumado ;
Reina por toda a parte
A ordem, um aceio deslumbrante ;
Gosto, prudencia, e arte,
Já se vê que reúne o commandante.

VII

Sabe do seu officio ;
E como tem de combater francezes
Faz continuo exercicio,
Para evitar vergonhas ou reveses.
É um moço esforçado,
Que se achar contendores,
Ou elle hade ficar bem derreado
Ou cumpridas as ordens sup'riores.

VIII

Com estes marinheiros,
Quem estranha que fossemos outr'ora

*

Nos mares os primeiros?
E talvez inda o fôssemos agora,
Se tantas coisas futeis
Quizessem supprimir-se;
Os generaes e exercitos inuteis
Bem podiam fundir-se
Em duas ou tres duzias de navios,
Que trariam de novo
Ao paiz os perdidos senhorios,
E a opulencia ao povo.

IX

Trinta peças em suas baterias
A corveta levava;
Todas tão luzidias
Que tudo no seu bronze se espelhava.
A bordo havia um moço,
Que o luzente metal aproveitava,
Para arranjar o lenço do pescoço;
E até dizem que alli se barbeava.

X

Era o luxo do bravo commandante!
Quando alguém exaltava

Dos seus canhões o brilho rutilante,
Elle as mãos esfregava,
E tomando depois um ar profundo,
Mentia como um mouro ;
Pois com o ar mais serio deste mundo
Affirmava que as peças eram d'oiro !...
E tanto o repelia,
Querendo persuadir quem o escutava,
Que pouco a pouco a si se convencia
E, por fim, que eram d'oiro acreditava !

XI

Não tinha outra fraqueza ;
Era leal e intrepido soldado,
E havia-o dotado a natureza
D'um corpo agigantadô.
A sua marinagem,
Conhecendo-o apenas d'alguns mezes,
Amava n'elle o genio e a coragem,
Chamando-lhe o leão dos portuguezes.

XII

A corveta corria
Sobre o dorso das vagas espumosas ;

O vento secco do nordeste enchia
Suas velas airoas :
Toda a gente do quarto se entretinha
Em fazer alças, pinhas e gaxeta,
Enfeites para a linda « Douradinha »
Porque todos amavam a corveta.

XIII

O velho immediato,
Bom marinheiro, um pouco rabujento,
Porém homem cordato,
Não antepondo os annos ao talento ;
Andava passeando
Na pôpa a barlavento ;
E uma velha cantiga recordando
Ouvia com prazer a voz do vento.

XIV

O moço commandante,
Conhecendo a prudencia do segundo,
Repoisava um instante ;
Não com o somno placido e profundo,
Proprio da mocidade,

Mas dormir desinquiêto, entrecortado,
Pela responsabilidade
Do navio ao seu zelo confiado.

XV

Por ser dia, e mar alto,
Nem por isso na maca se encostára
Com menos sobresalto,
Do que se em mar d'escolhos navegara.

XVI

Um grito do gageiro,
Que da gavia chegou a seus ouvidos,
O fez erguer ligeiro
E no uso completo dos sentidos.
— Navio a barlavento ! —
Esse grito dizia,
E logo o commandante n'um momento
Para a tolda subia.
« Onde está ? » — Pelo turco d'estibordo ;
Parece uma fragata,
E corre como nós no mesmo bordo
Só em gaviás e gata. —

XVII.

Deitou-lhe o oculo. « Espera que viremos »
« E por isso não larga todo o panno;
 « Pois não lhe fugiremos !
 « E, se me não engano,
« Boa dança com ella dançaremos.
 « Senhor immediato,
« Mande desatracar a artilheria;
 « Trabalhem com recato,
« E cada um á sua bateria. »

XVIII

Depois, continuando
A encarar o navio suspeito:
 « Elle já vem lufando !
« E dentro em pouco, menos vergonhoso,
 « Tentará dar-nos caça,
« Conhecendo que sómos portuguezes;
 Porém antes que o faça,
« Nós iremos fallar aos seus francezes.
 Sei que são inimigos...
Basta vel-os seguir o meu caminho,
« Andando sem rebeca e papa-figos,
 « Com vento no focinho ! »

XIX

Apenas acabava,
Fere os ares um grito do vigia,
Que outra vella enxergava
Nas aguas do navio que os seguia.

XX

« Dois navios? embora!...
« Vim talvez mais ao mar do que devia,
« Mas dentro d'uma hora
« Acharemos alegre companhia.
« Já lhe ves a grandeza? »
Perguntou ao gageiro.
— O segundo hade ver-se ahi da mesa
E parece maior do que o primeiro.
« O' mestre! tudo claro
« A virar por d'avante!
« O que vamos fazer é talvez raro,
« Mas que ninguem se espante. »

XXI

Voltando-se depois para o tenente:
« Faça favor, senhor immediato,

« De chamar para ré a toda a gente,
« Mas sem espalhafato. .
« E ninguém me appareça na fileira,
« Sem que tenha invergado o melhor fato.
« Isto não é charrua cangalheira ;
« E faço muito empenho
« De mostrar aos francezes,
« Que para recebê-los também tenho
« Homens de brio, limpos, e cortezes.

XXII

« E nós, senhor tenente,
« Vamos também a baixo n'um instante
« O exemplo imitar da nossa gente.
« Faça-se homem galante,
« Enfie a melhor farda ;
« Não é bem que nos vejam n'este estado
« A honra nacional fazendo a guarda.
« Eu vou pôr-me adamado
« Para o baile que rapido se apresta ;
« Entre no camarote,
« E volte logo para entrar na festa
« Daquelle peralvilho franchinote.»

XXIII

O velho marinheiro
Vendo-o descer, sorria ;
Agradava-lhe o genio prasenteiro
E a coragem fria :
« É o bravo dos bravos ! » exclamava.
« Com mil diabos ! a victoria é certa ! »
E d'um pulo galgava
Ao beliche que tinha na coberta.

XXIV

Entre tanto se achavam
Os navios suspeitos já mais perto,
A ponto que mostravam
O casco quasi inteiro a descoberto.
Eram finos veleiros !
E pelo rumo certo que seguiam,
Mostravam ter a bordo marinheiros
Que uma unha do vento não perdiam.

XXV

Dentro na » Douradinha »
Toda a tripulação, trajando gala,

Ja do seu commandante se avisinha,
E este assim lhe falla :
« Vae virar-se de bordo por d'avante,
« E a bordada correndo
« Chagaremos diante
« Dos navios que ao longe estamos vendo.
« Eu julgo-os inimigos,
« Julgo-os ambos francezes;
« Expômo-nos por tanto a dois perigos,
« Porém todos aqui são portuguezes... »

XXVI

Deleve-se um momento ;
O immediato fez cessar a murro
Um grande movimento
De aprovador sussurro.
Depois o commandante proseguia :
« As instrucções que tenho
« Não dizem que o perigo evitaria ;
« E comtudo, convenho
« Que talvez, neste caso, bom seria
« Pouparmos o navio ;
« Duas fragatas vão accommetel-o,
« E todo o nosso brio
« Pode ser que não haste a defendel-o.

« Mas se é grande o perigo,
« Poderei eu dizer voltando ao Tejo
« Que nós demos a pópa ao inimigo?...
« Senhores, tenho pejo!...

XXVII

« Mas a todos permitto,
« Por suas gradações, patente, e idade,
« Que, sobre tudo quanto deixo dito,
« Possam dar o seu voto em liberdade.
« Senhor tenente, falle...
« Senhor guarda-marinha, e aspirante...
« O' mestre, não se cale...»
— Vamos aos *franchipanas*, commandante! —

XXVIII

À voz do mestre toda a marinhagem,
Que o respeito continha,
Sentindo redobrar sua coragem,
Fez tremenda esplosão na « Douradinha. »
Porém rapidamente
Foi a ordem de novo estabelecida,
E logo o commandante nobremente,
Retomando a palavra interrompida :

XXIX

« Eu bem sabia, amigos,
« Que não vive a meu bordo a cobardia.
« Ora pois! em chegando os inimigos :
« Obediencia, ordem, e harmonia.
« Cada um ao seu posto !
« E conto, se por nós não fôr a sorte,
« Que morram todos sem voltar o rosto
« Com bem illustre morte!
« Ainda uma palavra : dentro em pouco
« Vae içar-se a bandeira portugueza ;
« Se ao aspecto da morte eu ficar louco,
« Pretendendo-a arriar ante a franceza :
« Em meu juizo, agora,
« E em virtude da minha auctoridade,
« Mando: que n'essa hora
« Me decepem os punhos sem piedade! »

XXX

Todos impressionados
Das palavras do bravo commandante,
A seus postos correram apressados
E o navio virou no mesmo instante.

As fragatas seguiam
Direitas à corveta ;
O rumo não perdiam,
Uma da outra procurando a alheta.
Não dão signal de vida ;
Nem amostram sequer uma pessoa !
E a corveta no bordo vae seguida
Tomar-lhes barlavento pela proa.

XXXI

O commandante desta,
Ao pé do catavento,
O seu oculo assesta
Aos contrarios que vem furando o vento ;
E curioso da festa,
Manda firmar com bala
As quinas portuguezas ;
A ver se aos outros sae do buxo a falla,
Ou as aguias francezas.
O luso pavilhão vò a nos ares,
O som do bronze eccôa ;
Porém nos dois navios singulares
Nenhuma voz resôa !

XXXII

Perdendo a paciência,
Exclama o commandante em ira aceso :
« Bem vos conheço, cães ! essa insolencia

« Não ficará por vezo ! »

Ia-se a este tempo prolongando
À primeira fragata que chegava,
Quando a segunda de repente orçando
A corveta entre as duas collocava.

O nosso commandante
Com tal manobra tinha já contado,
Porque no mesmo instante
Empunha o porta-voz entusiasmado :
« Orça ! orça ! prolonga c'o a primeira !
« Aponta ao lume d'agua ! aponta em cheio !
« Os canalhas não mostram a bandeira ?...

« O leme todo a meio !

« Silencio ! façam boas pontarias...

« — Como a outra caminha ! —

Fogo ! fogo nas duas baterias !

« Viva o congresso ! o principe ! e a rainha ! »

XXXIII

Trinta balas partiram,
Mas as nuvens do fumo

De ver os seus effeitos impediram.
Mal se mudava o rumo,
Que os canhões inimigos rebombavam;
E nos cimos dos topes orgulhosos
Os pavilhões francezes se mostravam.
Aos eccos temerosos
Da sua artilheria,
Se não tremiam peitos valerosos
O casco da corveta estremecia.
Mas nossos marinheiros
Depressa manobraram;
Os bravos artilheiros
Entre o fumo tão rapidos andaram,
Que antes d'elle cessar inteiramente
Outra banda ás fragatas enviaram,
Entre as duas passando novamente.

XXXIV

Dizia o Commandante,
Subindo um enfrechate :
« Cuidavam que o navio era mercante,
« E quizeram tomal-o sem combate !
« Pois verão o bonito... »
Voltou-se de repente
Ouvindo um grande grito :

Era o velho segundo commandante,
Que foi bater em cheio
No pé do cabrestante
Onde uma bala o dividiu ao meio ! ! ...
« Mette encontro ! ala gaviás e joanete !
« Carrega a sobre-gata !
« Larga a escota ao traquete !
« Fogo vivo ! no bojo da fragata !

XXXV

Famosas pontarias !
Levou-as na bochecha e nas alcaichas,
Causando-lhe terríveis avarias,
Por serem muito baixas.
— Porém já do outro lado,
Com os nossos se achava
O segundo inimigo prolongado. —
« Fogo a bombordo ! » intrepido clamava
O bravo commandante.
« Braceia tudo ! — fogo ! — Mette em cheio !
« Deixa seguir ávante ! »

XXXVI

Mas não pôde seguir a corvetinha
Porque desarvorara !
A banda da fragata mais visinha

Seu formoso arvoredado lhe arrasára !
Se bem que no convez da « Douradinha »
O valor portuguez não acabára....
 Entre a immensa cordagem
Que o exercicio dos canhões vedára,
 Com denodo e coragem,
O moço commandante se lançára
Empunhando o machado da abordagem.
 Agarrou na bandeira
E com ella cobrindo o largo peito,
Se dispoz a subir para a trincheira.
 Mas antes d'esse feito
 Chamou um aspirante,
 E fallou-lhe em segredo ;
E vendo-o desmaiar no mesmo instante
Perguntou-lhe se acaso tinha medo.
A creança córou ao responder-lhe :
 « Descance, commandante ;
« Fique certo que eu hei de obedecer-lhe. »
 E este, commovido,
 Ia a mão estender-lhe ;
Já da ordem que dera arrependido,
 Ia talvez dizer-lhe
Que a não cumprisse, quando de repente
 Separados ficaram
Por uma nuvem de metralha ardente,
 E jámais se encontraram !

XXXVII

Os navios contrarios encostavam
Para tomar a preza ;
E os arpéus da abordagem engatavam
Nas bordas da corveta portugueza.
O choque foi tremendo !
A corveta esmagaram,
De modo que a infeliz ficou gemendo
Quando os dois vencedores a abordaram.
E horrorosa carnagem
Logo nos tres navios succedia,
Ao primeiro momento da abordagem.
O commandante portuguez corria
D'uma a outra fragata ;
O machado terrivel empunhando,
Fere, derriba, e mata,
Não dá quartel ! e a vida recusando
Na lucta não descança ;
Porém algumas vezes
Ao navio perdido a vista lança,
E vendo-o bem seguro aos dois francezes
Lhe renasce maldita uma esperanza.

XXXVIII

.....

Abrem-se as vagas e um clarão terrível
Refulge sobre os mares ;
O espaço abala uma explosão horrível,
E os tres navios, vóam pelos ares !
Morrera satisfeito
O heroe portuguez, amortalhado
Nas quinas que levava sobre o peito.
Tal foi o resultado
D'essa ordem que o fero commandante,
Ao ver-se dos francezes apanhado,
Tinha dado em segredo ao aspirante.



NOTAS.

NOTA A

Resolvi então voltar a Portugal, com a firme
vontade de vir para Lisboa estudar, e decidido
a morrer na luta se tanto fosse preciso . . . pag. XVI

Como complemento á noticia que serve de introdução a
este livro, deve ler-se o que escreveu o Sr. Lopes de Men-
donça nas suas *Memorias de Litteratura Contemporanea*,
paginas 309 e seguintes.

NOTA B

À morte de Garrett . . . pag. 4

No jornal a *Imprensa e Lei*, de 10 de dezembro de 1854,
escrevia o Sr. Mendes Leal, referindo-se á noticia que eu
dava na mesma folha da morte de Almeida Garrett, o ar-
tigo d'onde se extraem as poucas linhas que seguem.

« Em breve e tocante resumo damos a sentida narração
« dos seus ultimos momentos, escripta, entre lagrimas, pela
« mão tremula do amigo que lhe cerrou os olhos—pela mão
« daquelle de quem ella, se agora podesse vel-o, diria, como
« pela sua bocca dizia o grande antecessor de que o sepa-
« ram trezentos annos :

Que me resta j'agora? ..

.....O que me resta

Sobre a terra dos vivos? um amigo,
Um amigo n'este arido deserto.

« E este amigo não era nenhum dos grandes da terra que
« hobrearam com elle, sem serem seus eguaes. Olhai a as-
« signatura d'essa narração succinta, que tanto diz, e acha-
« reis o nome de Francisco Gomes de Amorim, um poeta
« tambem, que brilha pelo esplendor do talento e do cora-
« ção, e não acrescenta outras pompas a estes dons que só
« recebem de Deus.

« Os dignatarios, que o fôram muitos á custa do seu es-
« pírito, esses não estavam ao lado do moribundo.

« Ao nome do sr. Amorim devemos ainda reunir o de
« outro amigo que o não foi dos dias de prosperidade e que
« o soube ser nos da provação — este nome é o do sr. Ma-
« noel José Gonçalves, um homem de espirito que se com-
« praz na modestia. »

Se julgarem vaidade da minha parte a reprodução des-
sas palavras em que a amizade do sr. Mendes Leal exaltou
o meu nome e as minhas qualidades; direi que eu poderia
talvez acceital-as, sem ser immodesto, como recompensa do
muito que penei durante a longa agonia do grande poeta.
Porque, é preciso dizer-se, eu não estava assistindo só-
mente a um amigo, nem ao membro d'uma unica familia;
procurava mitigar os soffrimentos d'um homem que pertencia
a toda a nação, que honrava a todas as familias portuguezas,
porque o seu nome é uma gloria nacional. E eu, se excep-
tuar a presença de um amigo, que fôra apresentado por mim,
e de duas virtuosissimas e santas irmãs da caridade portu-
guezas, tambem reclamadas por mim, eu estava alli só-
zinho para representar o meu paiz, sem que ninguem me

incumbisse de semelhante commissão; mas que se eu a não tivesse tomado pelo impulso do meu coração, Portugal ficaria uma segunda vez coberto de vergonha pela morte de um poeta celebre!

Declaro-o sem medo, e hei de dizel-o sem ser nas notas d'um livro; se não fosse eu, o visconde de Almeida Garrett teria morrido, n'um leito muito elegante, é verdade, e cercado de primores d'arte e de gosto, mas sem ter quem lhe desse uma chavena de caldo! Bem o sabem todos os que se deram ao encommo do penetrar até proximo do moribundo. E por isso não era um amigo, embora elle seja um grande escriptor, o que devia louvar o meu procedimento.

Porém n'esta terra onde sobejam os vilões, considero-me feliz em receber por paga o voto dos homens que pensam tão generosamente como o sr. Mendes Leal. A providencia, conduzindo-me dos sertões da America para vir cerrar os olhos do maior poeta portuguez moderno, não me preveniu de que a gloria de recolher para a posteridade as suas ultimas palavras me custaria a vida do meu maior amigo; sacrificio como o que eu fiz não se paga, nem com a celebridade; não tenho porém a louca pretenção de aspirar a ella, apesar de conhecer quanto foi cobicçada a dolorosa e momentanea popularidade que me deu o acontecimento. E os miseraveis que me invejaram, dizem-se hoje tambem discipulos de Almeida Garrett?

Eram os seus diffamadores!...

O *Lidador*, jornal do Porto, no seu numero 121, de 21 de dezembro de 1854, publica uma poesia á morte de Almeida Garrett, á qual o seu auctor, o sr. Nuno Maria de Sousa Moura, poz a seguinte nota:

« O sr. F. Gomes de Amorim, unico amigo do sr. Garrett que lhe assistiu sempre, e o acompanhou na hora

« angustiada do passamento, cumprindo um dever sagrado
 « de amigo fiel, entrelaçou, sem o cuidar talvez, o seu bom
 « nome com o do grande poeta. Sirva-lhe se quer essa glo-
 « ria de lenitivo na saudade, em recompensa dos crueis
 « apertos de coração por que passou. »

O meu amigo Manoel José Gonçalves, citado no artigo do sr. Mendes Leal, havia sido apresentado por mim a Almeida Garrett, que logo se lhe affeioou, apreciando devidamente o seu coração e os seus talentos. Fôra injustiça da minha parte o não declarar aqui, que o tive por companheiro muitas noites à cabeceira do poeta, e que elle partilhou comigo a triste honra de lhe assistir aos ultimos momentos.

NOTA C

As duas fragatas . . . pag. 33.

Ácerca desta e outras poesias marilimas, que fazem parte da presente collecção, leia-se, no Panorama de 1856, a paginas 108 e seguintes, o que escreveu o Sr. Rebello da Silva. Por ser muito lisongeiro para mim o artigo do illustre critico, não me atrevo a transcrevel-o aqui. Receio tornar alguém hydrophobo de inveja com a sua leitura, e creio que este livro já leva elementos de mais para dam-nar alguns cães...

NOTA D

Oh! mal haja quem deveja,

Aute a humildade da egreja,

Preferir um reino a Deus! . . . pag. 60

Estes versos, e os subseqüentes, não devem tomar-se como offensas feitas ao chefe da egreja. Não é este o logar para emittir a minha opinião sobre o poder temporal do herdeiro

de S. Pedro ; mas peço aos que me julguem menos orthodoxo, que se lembrem de que toda a poesia « Garibaldi » foi escripta ha dez annos, quando a Europa estava em effervescencia, e todos os espiritos mais ou menos exaltados.

NOTA E

Paraphrase de outra do sr. João de Lemos . . . pag. 129.

Por occasião da sentida morte de S. M. a senhora D. Maria II, o partido realista, abaixando immediatamente as armas, veio ajoelhar connosco sobre a sepultura da augusta princeza. O jornal que representa aquelle partido cobriu-se de luto, como os nossos; e o seu artigo á morte da rainha foi um dos mais nobres, mais eloquentes, e mais sentidos que podia inspirar á penna d'um grande poeta o coração d'um grande e generoso inimigo. O sr. João de Lemos, querido de quantos o conhecem, como poeta e como homem, publicou então uma poesia — *o Funeral e a Pomba* — que eu paraphraseei como se vê na pagina citada. Toda a gente conhece o original e a paraphrase, porque foram raros os jornaes que as não publicaram ambas; mas peço licença ao meu amigo e poeta para novamente transcrever aqui a sua, em beneficio dos meus leitores.

O FUNERAL E A POMBA

Por João de Lemos.

I

Que vae além nos arrayaes contrarios?
De espaço a espaço a artilheria trôa,
Mas não vomita na golfada ignifera
Rabidas balas!

A sentinella, prapassando, mostra
De cano á terra o arcabuz ocioso;
Ao meio d'haste a bicolor bandeira
Lugubre desce!

Que vae além nos arrayaes contrarios?
Saudoso dobre de plangentes sinos,
Casado ao rufo de lambores roucos
Ouve-se ao longe!

Lá vem... lá vem... um saimento! Os crepes
Rojam por terra! O silencio é fundo,
E na fileira exequial as tochas
Tremulas fulgem!

Que dor é essa nos arrayaes contrarios?
Com toda a tropa desdobrada em alas
Que perda choram, esmerando afflictos
Funebres pompas?!

Vão no cortejo os generaes, vae tudo,
Seus estandartes pelo chão se prostram
Sob a passagem do ataude, e gemem
Musicas tristes!

Que perda choram os arrayaes contrarios?
Dir-se-ha que a morte lhes arrancou sinistra
Da crença ao livro n'um augusto nome,
Symbolo caro!

E' certo... é certo... que distincto agora,
Por entre o escuro dos calados vultos,
Aureo diadema despediu aos olhos
Rapido brilho!

II

Soldados que, ha vinte annos
Com esforços sobre humanos,
Batalhaes por vossa fé,
Soldados, eia, de pé!

Respeitem-se aquellas maguas,
E do nosso pranto as aguas
Lavem d'odio o coração ;
Não ha odios d'este lado,
Nem se deshonra um soldado
Quando abraça seu irmão.

Ponham-se treguas á guerra,
E ninguém manche esta terra
Ao pé de funerea luz ;
Soldados, olhae a cruz !
Demos pranto a quem pranteia,
Demos dor á dor alheia,
Nos dois campos luto igual !
Nenhum, nenhum se envilece,
Unidos na mesma prece,
Junto á loisa sepulchral.

Solemne melancolia,
Seja n'hora da agonia
Nosso tributo cortez ;
Que o tomem, que é portuguez !
Portuguez d'aquelles peitos
Por tantos annos affeitos
Na lealdade a soffrer ;
Portuguez, que vem das eras
D'aquellas crenças sinceras
D'antes quebrar que torcer.

Que o tomem, e nós, soldados,
Ao vel-os tão consternados,
Respeitemos-lhe a sua fé :
Amigos, eia, de pé !
Era o seu chefe e bandeira,
Diziam-n'a companheira
De infortunio e proscricção ;
Comprehendemos, pois, seu grito
Nós, soldados do proscripto,
Vinte annos gemendo em vão !

A cada um sua crença e dores,
Cada qual estrême as côres

Do pendão que traz por si ;
 Todo branco é o nosso aqui.
 Mas, se d'elle voz sagrada
 Nos manda por gloria herdada
 Ou morrer, ou triumphar ;
 Tambem no alto do Calvario
 Outro estandarte, um sudario,
 Manda os tristes consolar.

Porque é de arrayal opposto
 Não córa o tributo o rosto
 A quem o toma ou quem dá ;
 Soldados, luto de cá !
 É tributo à monarchia
 Por dois campos n'um só dia,
 Cada qual por sua lei ;
 Um faz honras à rainha,
 Outro à princeza, sobrinha
 D'aquelle que jurou rei.

III

E eil-a que alli vem sem vida,
 Que inda era ha pouco viçosa
 Como a flor ;
 E, flor do tufão pendida,
 Agora da mãe, da esposa,
 Resta a dor !

Aos filhos não, não lhe basta
 Do mundo fallaz ventura
 N'este mal !
 Mal em que a terra madraستا
 Não basta a saudade pura
 Filial

À viuvez que importa o fausto,
 Quando uma alma d'outra alma
 Enviuvou ?
 Se enviuvou n'um peito exausto,
 Toda a flor d'essa érma palma
 Desfolhou.

E eil-a que alli vem sem vida,
Que inda era ha pouco viçosa
 Como a flor;
E, flor do tufão pendida,
Agora da mãe, da esposa,
 Resta a dor!

Oremos todos por ella!
Que na morte renascesse
 Para Deus!
Que Deus, n'aquella hora ao vel-a,
Da dor escada fizesse
 Para os ceus!

Oremos todos; nós temos
D'innocentes desterrados
 Uma mãe;
Mãe e pae, de quem seremos
N'esta prece acompanhados
 Lá tambem.

E eil-a que alli vae sem vida,
Que inda era ha pouco viçosa
 Como a flor;
E, flor do tufão pendida,
Agora da mãe, da esposa
 Resta a dor!

IV

Silencio! Eis pára o saimento ao arco
D'esse mosteiro que um Affonso ergueu;
O vento agita, de redor dos coches,
Co'a chamma funebre, lutuoso veu.

Que ponto incerto se desenha no alto,
Como vagando na amplidão do ar! ?
E baixa, e baixa, similhando uma ave
Que já das azas se sentiu cançar.

Baixou mais perto; e, pairando, vê-se
Mimosa pomba, que dos ceus vôou;
Eil-a veloz se precipita agora,
E sobre um carro funeral poisou!

É sobre o carro que levava a c'rôa!
De susto isenta, como poisa assim? !
E quêda, quêda... mas de novo o carro
Segue o cortejo... levantou por fim.

Já no successo reflectindo o povo
Decifra avisos, que lhe vem do ceu;
E o saimento se sumiu na egreja
D'esse mosteiro que um Affonso ergueu!

O povo, ás vezes, allumiado na alma,
Dizem que as letras do futuro vê;
Ou seja Deus que lhe confia o livro,
Ou seja o povo que por Deus só lê.

O povo é fóra, pode ser que esp'ranças
Manso ao ouvido traduzindo alli,
Da pomba o caso correrá mil boccas,
Crêem-se ditosos os que dizem — vi.

Lá dentro, em tanto, pela nave triste
Mais triste o órgão na oração gemeu;
E dos levitas lacrimoso canto
Eccoou na egreja que um Affonso ergueu!

V

De joelhos, soldados, na ultima prece!
Da lousa na queda cá sinto o fragor!
E a mystica pomba qual lembra ou esquece
Dos campos oppositos?... — Rogar ao Senhor.

A pomba da arca, no ramo colhido,
C'o as aguas descendo, fallava de paz:
Findava o castigo, e um povo escolhido
A terra um Messias consigo lhe traz.

Aquella hoje poisa, por nova sybilla,
No carro que leva dos reis o signal;
Se a c'róa é do reino, na pomba tranquilla
Tranquillos agouros terá Portugal.

Os campos oppostos são livres nos varios
Oppostos juisos que podem fazer;
Que ha outros mais altos, fechados sacrarios,
A que homens não podem as portas romper.

Confiemos, pedindo; esp'remos que a pomba,
De paz mensageira, da patria por bem,
Não venha hoje ao lado da loisa que tomba
Trazer injustiças, por mal de ninguém.

De joelhos, soldados, na ultima prece!
Da loisa na queda cá sinto o fragor!
De joelhos, que a pomba só lembra ao que esquece
N'est'hora solemne — rogar ao Senhor!

NOTA F

Auctor dos *Folhetins Marítimos*. pag. 147.

O sr. conselheiro Joaquim Pedro Celestino Soares, que me honra com a sua amizade, publicou ha annos uma collecção de *Folhetins*, que depois reuniu em livro com o titulo de *Quadros Navaes Portuguezes*, onde descreveu admiravelmente varias e brilhantes scenas da vida maritima. É um livro de verdadeira e grandiosa poesia, que o auctor não devia deixar sem continuação. Perdôe-me o distincto director da Escola Naval, mas preferia vê-lo proseguir na carreira de escriptor marítimo. Antes queria que elle dotasse o paiz de muitos livros como os seus *Quadros Navaes*, do que de muitos officiaes de marinha, que apesar de sahirem excellentes marinheiros correm o risco de não poderem mostrar nunca a sua habilitade, por falta de navios onde possam embarcar.

INDICE

INTRODUÇÃO pag 1 a XVIII

LIVRO PRIMEIRO	1
I A morte de Garrett	<i>ib.</i>
II Meditação.....	8
III As duas estrellas	11
IV A Luiza	12
V O Jau	15
VI Oremos	19
VII Se eu a amei?	24
VIII A madrugada	27
IX O desterrado	29
X Verses a um amigo	31
XI As duas fragatas	33
XII O crepusculo.....	40
XIII A uma poetisa	42
XIV O marinheiro.....	47
XV Rosa colhida.....	52
XVI Garibaldi.....	55
XVII A visão	65
XVIII Amanhã	68
XIX Sonhos.....	71
XX Adeus!	74

XXI	A uma flor	78
XXII	Coração morto.....	80
XXIII	Melancolias.....	85
XXIV	Quinze annos !.....	92
XXV	A morte do conde das Antas	96
XXVI	Destino.....	99
XXVII	Deliro.....	102
XXVIII	Quando eu te vi.....	108
XXIX	Meu pae	111
XXX	Alboni	115
XXXI	O deserto	117
XXXII	Medicina de Deus	124
XXXIII	Por que choras?	126
XXXIV	O funeral e a pomba	129
XXXV	A rosa	139
XXXVI	O pranto.....	141
XXXVII	No livro de um pintor	148

LIVRO SEGUNDO	147
I A marinha portugueza	ib.
II Astro	154
III N'um album	156
IV Tristeza	158
V Anjo—demonio.....	161
VI Marianninha	164
VII O corsario.....	169
VIII A estrella do dia.....	174
IX O diabo	176
X O dinheiro.....	180
XI O ceu é sua patria	186
XII Dever.....	188
XIII Não és tu	192
XIV Só.....	194
XV Maria	197
XVI O anjinho	200
XVII Conselhos	202
XVIII Primavera.....	205
XIX O Amazonas	207
XX Luz mysteriosa	221
XXI Não ames	227
XXII A J. Vianna	230

XXIII	Devaneio.....	231
XXIV	Perdidos !	233
XXV	Os piratas.....	235
XXVI	O caçador e a tapuya	242
XXVII	Perdoas-me ?	246
XXVIII	A mulher de marmore.....	248
XXIX	O inverno.....	254
XXX	Deves amar.....	258
XXXI	Fantazia	263
XXXII	A João de Lemos.....	271
XXXIII	O poeta expirando	275
XXXIV	Sobre o rochedo	286
XXXV	A nuvem e a tormenta	290
XXXVI	A oração	293
XXXVII	A floresta virgem	297
XXXVIII	A Hungria	303
XXXIX	A uma joven bahiana.....	312
XL	Filho e mãe	315
XLI	A corveta	320
NOTAS		343

ERRATAS

EMENDAS

viagante	— pag.	117	linha	5 — Viajante
companhi ;	— "	198	"	22 — companhia ;
filinha	— "	201	"	22 — filhinha
vendo-te	— "	203	"	19 — vende-te
deus	— "	218	"	1 — Deus
provir ?	— "	<i>ib.</i>	"	13 — porvir ?
hydraulic	— "	<i>ib.</i>	"	17 — hydraulica
sob	— "	223	"	2 — sóbe
bill ws	— "	235	"	5 — billows
arriámos ;	— "	237	"	22 — arriámos ;
incendiámos	— "	<i>ib.</i>	"	23 — incendiámos
e reinar	— "	249	"	25 — é reinar.
estas,	— "	259	"	4 — estás,
A. J. G. da S.	— "	275	"	2 — A J. G. da S.
A manhã	— "	289	"	21 — A'manhã
obdecem	— "	319	"	5 — obedecem
Crysmaram	— "	321	"	17 — Chrismaram
chagaremos	— "	332	"	5 — Chegaremos

Escaparam mais alguns erros de orthografia e pontuação que o Leitor corrigirá facilmente.

P. Anderson

UNIVERSITY OF MICHIGAN



3 9015 06303 3461

